



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Celina Dias Azevedo

Envelhecer na contemporaneidade:
subjetivações, modelos e resistências

Doutorado em Ciências Sociais

São Paulo

2018



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Celina Dias Azevedo

Envelhecer na contemporaneidade:
subjetivações, modelos e resistências

Doutorado em Ciências Sociais

Tese apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de Doutor em Ciências Sociais
sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Helena Villas Bôas Concone

São Paulo

2018

Banca Examinadora

Dedico

Para meu pai e minha mãe, que me ensinaram que “o saber não ocupa lugar”

Para Wilson, meu companheiro

Para Carolina, minha filha de coração

Agradecimentos

Ào Sesc São Paulo que possibilitou, por meio de sua política de incentivo às pesquisas, este trabalho.

À Maria Helena, pelo carinho com que me acompanhou nesta trajetória.

Às companheiras da Banca pelas contribuições e carinho.

Às companheiras que colaboraram com leituras, sugestões, revisões e apoio durante a elaboração deste trabalho: Beltrina, Beth Brasileiro, Clara, Diva.

À Carolina que me apresentou à Totonha, centelha de muitas reflexões.

Resumo:

Celina Dias Azevedo.

Envelhecer na contemporaneidade: subjetivações, modelos e resistências.

Apresentamos uma série de textos com objetivo de discutir como se apresenta o envelhecimento na contemporaneidade, suas subjetivações, seus modelos com base nos preceitos do Envelhecimento ativo - que permeiam grande parte das reflexões sobre o envelhecer - e seus documentos norteadores, além das possíveis resistências. A partir das seguintes questões: como o medo da doença, da fragilidade, da dependência, da velhice, do corpo fora dos padrões pode ser produzido, mobilizado e transformar-se em motor de obediência a ditames para o bom envelhecer? Como as demandas do neoliberalismo respaldam a criação de um mercado de projetos educativos e culturais voltados aos velhos e estabelecem a figura do velho *Empreendedor de si* como modelo de envelhecer? De que forma o olhar sobre a velhice fundamentado, preferencialmente, nos aspectos biológicos e na saúde, acarreta além do descuido e negligência a outras dimensões da vida, a incorporação e reforço da ideia de que a vida deve, necessariamente, ser orientada por saberes e especialistas que se encarregam ditar normas para a longevidade, baseada na tomada do corpo biológico como objeto de uma ação que prescinde da participação de quem a recebe? As respostas poderiam estar no *cuidado de si*, na percepção da *singularidade*, na *experimentação*, na construção de pequenas *resistências* no cotidiano. Assim, a educação permanente; a saúde; o controle por meio do medo; a noção neoliberal do empreendedor de si foram os eixos selecionados para interrogar e visualizar o que está para além do que propõem os documentos, que prescrevem o envelhecimento ativo como fórmula para o bom envelhecer. Perpassando todo o texto, referências a fragmentos de filmes e obras literárias auxiliam na composição da reflexão. Os fragmentos dialogam entre si, deitam raízes, conectam-se com o texto, em fluxo criativo abrindo-se para outras possibilidades de leituras. Um olhar múltiplo e diverso que corta caminhos e aponta para outras direções. Spinoza, Nietzsche, Deleuze e Foucault, “filósofos da potência da vida”, nos instigaram a tomar a filosofia como ferramenta, como uma lente para essa observação.

Palavras-chave: envelhecimento ativo; empreendedor de si; educação; resistências.

***A*bstract:**

Celina Dias Azevedo

Aging in contemporaneity: subjectifications, models and forms of resistance

We provide a series of texts with the objective of discussing how aging is presented in contemporaneity, its subjectifications, its models based on the precepts of active aging – which permeate a large part of the reflections on aging –, and its guiding documents, as well as possible forms of resistance. The guiding questions were: How can the fear of disease, of frailty, of dependence, of old age, of a non-standard body be produced, mobilized and transformed into an engine of obedience to prescripts for a good aging? How do the demands of neoliberalism back the creation of a market of educational and cultural projects targeted at old people and establish the figure of the old person who is the *Entrepreneur of him/herself* as the model to grow old? In what way does the reflection on old age, preferably grounded on biological aspects and on health, neglect other dimensions of life and incorporate and strengthen the idea that life must be guided by knowledge and specialists who dictate norms to longevity, based on viewing the biological body as the object of an action that does not need the participation of the person who receives such action? The answers might be in *one's care for oneself*, in the perception of *singularity*, in *experimentation*, in the construction of small forms of *resistance* in daily life. Thus, permanent education, health, control by means of fear, and the neoliberal notion of the entrepreneur of oneself were the axes selected to interrogate and visualize what lies beyond what is proposed by documents that prescribe active aging as the formula for a good aging. References to fragments of movies and literary works pervade the entire text and help in the construction of the current reflection. The fragments talk to each other, take root, and connect with the text in a creative flow, opening themselves to other reading possibilities and forming a multiple and diverse look that cuts paths and points to other directions. Spinoza, Nietzsche, Deleuze and Foucault, “philosophers of the potency of life”, have stimulated us to take philosophy as a tool, a lens for this observation.

Keywords: active aging; entrepreneur of oneself; education; resistance.

***P**reâmbulo*

9

***F**undamentando*



***E**nvelhecer, uma questão de saúde?*



***A**partir do medo*





***P**reâmbulo*

Inicialmente, pretendíamos apresentar uma série de textos que pudessem ser lidos de forma independente, desamarrados, o que não logramos inteiramente. Embora haja certa autonomia entre eles, outras conexões, entrecruzamentos e diálogos foram sendo construídos à medida que a discussão caminhava, criando outras possibilidades de leitura.

Como planejado primeiramente, não haveria uma ordem certa ou lógica dos textos, mas, durante o processo de escrita, um possível arranjo desenhou-se e, aos poucos, se impôs dentro de uma ordenação mínima. Diante desse processo de composição, algumas repetições aconteceram ao longo do trabalho, mas isso é de somenos importância na medida em que podem instigar outras reflexões e criar outros encadeamentos de ideias.

Tecemos reflexões sobre o envelhecer na contemporaneidade a partir da noção do envelhecimento ativo, que entendemos como dispositivo atuante nos discursos, nos documentos orientadores, nas proposições filosóficas, nas instituições, permeando ações e propostas de cunho socioeducativo na formatação de um modelo ideal de envelhecimento e de velhice.

Não é pretensão nossa defender outras formas ou versões de ações, modelos ideais ou, simplesmente, tentar destruir o que está posto, mas propor e instigar reflexões e discussões pois estar atento ao mundo que nos rodeia, apreender o mundo que se apresenta diante de nós, faz com que nos reconciliemos e nos deixemos afetar diretamente por ele, assim como este trabalho foi afetado.

O medo da vida, da fragilidade e da morte assinalam como o envelhecimento é percebido, principalmente, pela ótica da saúde. O envelhecimento ativo acaba por formar um mercado consumidor que tem no aprendizado, na qualidade de vida, na manutenção do corpo jovem uma mercadoria que atrai, cada vez mais, seguidores e consumidores. No entanto, a vida como fluxo contínuo e incontrolável encontra frestas e outras formas possíveis de existir, criando suas resistências. Esta nossa leitura!



¹ *Árvore da vida*. Gustav Klimt. 1909. Óleo sobre tela. 195 x 102. Museu de Artes aplicadas. Viena

Fundamentando

*Minha descoberta mais consistente depois de fazer 65 anos:
não posso perder tempo fazendo o que não quero¹*

A partir de um incômodo

O interesse pela discussão desenvolvida nesta pesquisa não é recente. Minhas primeiras aproximações com o tema aconteceram no início dos anos 2000, quando me foi designada a função de pensar ações socioculturais e educativas voltadas aos idosos no Sesc Vila Mariana², em São Paulo, dentro do Programa denominado *Trabalho Social com Idosos*³, a partir dos campos da educação não formal e informal.

Nesse percurso - e movida pela curiosidade - aproximei-me da universidade, primeiro, em curso de especialização, seguido pelo de mestrado e, depois, o doutorado. Os estereótipos e os preconceitos diretos e indiretos que cercam a velhice foram temas

¹ Jap Gambardella, personagem vivido por Toni Servillo no filme, “A grande beleza”. Dir. Paolo Sorrentino. Itália/França. 2013

² O Sesc - Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário e da comunidade em geral; sua ação possibilita a todos, o acesso a manifestações culturais, desenvolvimento de habilidades pessoais, além da ênfase às ações educativas.

³ Atuo profissionalmente no Sesc São Paulo há 30 anos, vinculada diretamente às ações socioculturais voltadas aos velhos há 16 anos. O *Programa Trabalho Social com Idosos* do SESC São Paulo teve início em 1963, com a proposta de formação de *Grupos de Convivência* e, a partir da década de 70, com as *Escolas Abertas da Terceira Idade*. Enquanto os *Grupos* pretendiam estimular a sociabilização, nas *Escolas Abertas* o âmbito de atuação centrava-se na educação permanente, criando espaços de educação não formal e informal para a continuidade do aprendizado nas mais diversas áreas. Os formatos foram incorporados e reproduzidos por instituições em todo o Brasil nas ações que surgiram desde então, voltadas ao trabalho com o velho.

principais de minhas reflexões.

As personagens das telenovelas⁴, a apropriação das TICs no mestrado⁵ e a convivência cotidiana com grupos de velhos em uma instituição cultural fomentaram muitas questões e tiveram forte impacto em minhas reflexões. O fato é que os questionamentos e minhas produções acadêmicas sempre tiveram como principal objeto de investigação os estereótipos que cercam a velhice e, também, os modelos de subjetivação impostos a quem envelhece.

Outrossim, tais incômodos fortaleceram-se ainda mais na medida em que permiti a exposição dos sinais de envelhecimento em meu próprio corpo ao invés de negá-los, como sugerido diariamente pela mídia, bastando para isso lançar mão de uma cornucópia mágica de cosméticos e outras ações que prometem “retardar o envelhecimento”.

A experimentação em meu corpo fez com que os incômodos, já há muito instalados, recrudescessem, resultando em uma observação cotidiana mais diligente e atenta, em espaços diversos, para detecção dos modelos impostos à velhice e, conseqüentemente, à vida.

As rugas e os cabelos brancos, sinais mais perceptíveis que anunciam de forma mais evidente a velhice, devido à visibilidade e segundo uma forte representação social do envelhecer, foram acolhidos.

Pragmaticamente, passamos a observar e vivenciar no dia a dia, no transporte coletivo, lojas, supermercados, no ambiente de trabalho, as reações à velhice incrustada no corpo. De repente, assentos são oferecidos no transporte público por obedientes cidadãos, instruídos e educados por meio de placas e avisos sonoros repetidos exaustivamente pelas empresas de transporte.

⁴ Pesquisas desenvolvidas em 2000, como conclusão do curso de especialização “Gerontologia”, do *Instituto Sedes Sapientiae*, em São Paulo, com título “Nosso retrato 1” e “Nosso retrato 2”, analisando como as personagens velhas eram apresentadas nas telenovelas e qual a representação dos velhos nas matérias de jornais diários, respectivamente.

⁵ A partir de oficinas de alfabetização digital ministradas, a discussão sobre como os velhos apropriam-se, a sua maneira, das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs.

Gentis funcionários indicam a fila preferencial em estabelecimentos comerciais, munidos do *Estatuto do Idoso*. Olhares complacentes e/ou tolerantes, acompanhados da recorrente pergunta: “você ainda não se aposentou?”.

O que teria mudado tão repentinamente? As rugas e os cabelos brancos que nos incluíram, ou nos lançaram na velhice e, conseqüentemente, configurou-se a equação: velho = frágil, velho = inativo?

Já na dissertação de mestrado⁶, apresentamos e refletimos sobre estereótipos que rotulam os velhos, por exemplo, como alheios e relutantes quanto ao uso das tecnologias e as conseqüências de tal representação. Atualmente, durante a concepção desta nova pesquisa, voltada ainda para o envelhecer, durante as discussões, no anseio de perceber de forma diferente o que está posto, para melhor olhar e refletir, lentamente, percebi-me instigada pela filosofia de Spinoza, Nietzsche, Deleuze e Foucault, “filósofos da potência da vida”.

Filosofia possível como ferramenta, como uma lente para observação, como um par de óculos que me permitisse não só analisar, mas olhar sob a perspectiva da vida para os modelos impostos a um bom envelhecer.

Por que a filosofia? Porque a filosofia é um discutir contínuo. Porque a filosofia quer a experimentação da vida! A filosofia nos remete à vivência e à experimentação do/ e no mundo. Conforme Deleuze e Guattari⁷:

Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo – o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela. O que se está fazendo não é o que acaba, mas menos ainda o que começa. A história não é experimentação, ela é somente o conjunto das condições quase negativas que tornam possível a experimentação de algo que escapa à história. Sem história, a experimentação permaneceria indeterminada, incondicionada, mas a experimentação não é histórica, ela é filosófica.

⁶AZEVEDO, C. D. *O velho no ciberespaço: sociabilização nos blogs de cidadãos acima de 60 anos*. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12571/1/Celina%20Dias%20Azevedo.pdf>.

⁷DELEUZE, G. , GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Muñoz. 3ª ed., São Paulo, Editora 34, 2010. p. 133.

Perceber as limitações impostas à vida, perceber as fraquezas e os grilhões que nos prendem, para tentar mudar de lugar. Queremos lidar com as questões levantadas a partir do encontro com esses autores nas confluências, coerências e sobreposições de seus pensamentos. A afirmação da vida, de seres plenos, sem derrotismos e/ou “catastrofismos” ou pressões por meio do medo, deixando de lado a tentativa de positividade da velhice – afinal o que vem a ser essa positividade? - por meio de modelos.

Questionar a prescrição de um modo de existir. Como interpretar os conceitos e contribuir para que, de alguma forma, possamos olhar para a velhice controlada, medicalizada, derrotada, que deseja (no sentido de falta) a juventude, sem focar só nos indivíduos, mas, sim, nas relações e na afirmação da vida? Como pensar no envelhecimento como modo de subjetividade singular e resistente aos padrões estabelecidos?

Certamente, sem a intenção de sugerir outros modelos em substituição, mas reconhecendo a necessidade de experimentações, o recorte recaiu sobre as ações socioculturais voltadas aos velhos tradicionalmente, para melhor detectar algo que percebo como “um inconveniente e um defeito, algo do qual [minha] época justamente se sente orgulhosa”.

Por outro lado, não se trata de construir uma narrativa sobre a velhice ou as formas como foi abordada no decorrer da história. Tampouco passar em revista as metodologias sistematizadas para as ações socioeducativas propostas para os velhos nas últimas décadas. Estes textos trazem uma organização de questionamentos sobre o lugar que foi concedido à velhice e aos velhos.

Refletir e repensar sobre o que está posto corriqueiramente significa criar ações que permitam e possibilitem desdobramentos, que permitam perceber as singularidades e renunciar ao olhar homogêneo sobre os velhos, que permitam que as resistências emergjam.

Para pensar como a velhice pode ser o momento da afirmação triunfante da vida, dos talentos e habilidades singulares e expor formas de resistência de velhos que procuram, no cuidado de si, um exercício de liberdade.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”⁸

O poeta Manuel de Barros, em entrevista concedida a Revista Cult,⁹ em dezembro de 2013, diz que na velhice “o corpo pega dores, mas a imaginação flui melhor e com mais liberdade”. Diante da insistência do entrevistador para que descreva, diga algo mais sobre como é a vida depois dos 90, contundente, assegura “A velhice é uma merda...”.

Ao mesmo tempo em que o poeta reconhece as dores que “o corpo pega”, vislumbra sua potência. A alegria da imaginação que “flui melhor e com mais liberdade” e fala de sua experimentação: “não sou alheio a nada [...] O que escrevo resulta de meus armazenamentos ancestrais e de meus envolvimento com a vida.”¹⁰

Na poesia de Manoel de Barros, a liberdade e o envolvimento com a vida, proporcionada pela velhice, aponta, tranquilamente, para as impertinências do mundo. O inútil, o desajustado, o desprezado é a matéria da poesia, aqueles que carregam a experiência poética, a experiência da criação:

⁸ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 12º ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1978. p.241.

⁹ Revista Cult. *Encontro com Manoel de Barros*. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/encontro-com-manoel-de-barros-em-meio-a-los-escombros-del-futuro/>. Acesso em 20.ago.2015.

¹⁰ MÜLLER, Adalberto (org.). *Encontros: Manoel de Barros*. Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2010. p. 48

Tratado geral das grandezas do ínfimo
 A poesia está guardada nas palavras — é tudo que eu sei.
 Meu fado é o de não saber quase tudo.
 Sobre o nada eu tenho profundidades.
 Não tenho conexões com a realidade.
 Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
 Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).
 Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
 Fiquei emocionado.
 Sou fraco para elogios¹¹.

Em um mundo em que se faz de tudo para não se passar despercebido, a simplicidade e a alegria fazem parte das “artes da coragem” e da resistência, a arte de quem sabe com quais forças quer aliar-se.

O filósofo Gilles Deleuze no Abecedário¹² aponta:

Acho que a velhice é uma idade esplêndida. Claro que há algumas chateações, tudo fica mais lento, nos tornamos lentos. O pior é quando alguém lhe diz: “Mas não é tão velho assim!” Não entende o que é uma queixa. Estou me queixando dizendo “Ah, estou velho!”. Ou seja, invoco as potências da velhice. E aí, alguém me diz, com a intenção de me consolar: “Não está tão velho assim”. Eu daria uma bengalada nele! Logo quando estou em plena queixa da minha velhice, não venham me dizer: “Até que não é tão velho assim”. Pelo contrário, deviam dizer: “Está velho mesmo!” Mas é uma alegria pura. Fora esta lentidão, de onde vem esta alegria? O que é terrível na velhice? Não é brincadeira. É a dor e a miséria. Não é a velhice em si.

Deleuze não maldiz a velhice, pelo contrário, confirma a mudança de ritmo “[...] nos tornamos lentos [...]”, no entanto, não é necessário fingir ou ignorar que mudanças acontecem, e, por outro lado, que alegria descobrir e saber-se potente.

¹¹ Disponível em <http://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros>. Acesso em 10.jul.2017

¹² DELEUZE, Gilles. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Transcrição integral do vídeo de entrevista concedida a Claire Parnet. Disponível em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso em 19.dez.2015

Mas, a velhice na contemporaneidade tem sido tratada como problema. Nas últimas décadas, o aumento da expectativa de vida acarretou o crescimento da população de idosos no mundo¹³. Tais mudanças demográficas provocam profundas transformações sociais e influenciam diretamente na execução de políticas públicas, assim como nos estudos, pesquisas e nas receitas para um “bom envelhecer”. Cada vez mais, os velhos têm sido objetos de saberes especializados.

Desde meados do Século XX, as bases das políticas sobre o corpo que envelhece vêm sendo construídas por instituições e organismos¹⁴ internacionais, que orientam os estados por meio de documentos, convenções, Planos de Ações Internacionais¹⁵.

Elaborados em encontros com a participação de diversos países, apoiam e são parâmetros para políticas públicas, criam proposições e enunciações para pesquisas sobre envelhecimento. Ditam a forma e os rumos das políticas públicas e, ao mesmo tempo, indicam à sociedade quais as abordagens convenientes no tratamento do tema.

No Brasil¹⁶ também, o setor público e privado incorporaram as recomendações internacionais, sugeridas nesses documentos, em suas ações com foco no envelhecimento.

No entanto, ainda que tenha alcançado maior visibilidade na contemporaneidade, a questão do envelhecimento é tratada, principalmente, como problema, numa abordagem que reforça preconceitos. O imaginário social é repleto de mitos e estereótipos que

¹³ Aqui opto por não trazer estatísticas demográficas do número de idosos no mundo e no Brasil, por ser tema exaustivamente contemplado na mídia e em outros artigos acadêmicos.

¹⁴ A ONU – Organização das Nações Unidas – é uma das organizações mais conhecida, mas podemos citar outras, como a *Helpage Internacional*, também ONG Internacional, criada por organizadores do Canadá, Colômbia, Quênia, Índia e Reino Unido, que tem por objetivo criar redes de apoio aos velhos, atuando em vários países, e custeando pesquisas como a *Global AgeWatch*.

¹⁵ Fazem parte, que serão citadas neste texto: *Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento de Viena (1982)*; *Princípios das Nações Unidas em prol das Pessoas Idosas (1991)*; *Plano Internacional para o Envelhecimento (2002)*; *Envelhecimento ativo (2005)*

¹⁶ Como exemplo, no Estado de São Paulo, no Portal do Governo, na página da Secretaria de Desenvolvimento são descritas várias ações para que se “Conheça as ações desenvolvidas pelo Governo do Estado de São Paulo para a promoção do envelhecimento ativo”. Disponível em http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/portal.php/programas_spamigodoidoso. Acesso em 30.set.2017. Já no Estado do Acre, o governo do estado criou grupo de trabalho para debater políticas públicas em prol do envelhecimento ativo. Disponível em <http://www.agencia.ac.gov.br/grupo-de-trabalho-debate-politicas-publicas-em-prol-envelhecimento-ativo/> Acesso em 30.set.2017

percebem o envelhecer apenas como período de perdas e carências. A fragilidade é quase que automaticamente relacionada à velhice e ao processo de envelhecimento.

Com o aumento da expectativa de vida e a estruturação de políticas se consolidando para lidar com as demandas sociais, fala-se mais da velhice, que se tornou objeto de estudos e estatísticas, mas que continua sendo interpretada como algo negativo e carregada de simplificações. Como ressalta Silvana Tótora¹⁷

Em uma cultura que valoriza os excessos de prazeres e o culto da felicidade como ausência de sofrimentos, doença e dor, ser velho é privação. Se o tempo se consome em um movimento linear e a morte é algo que se quer exorcizar, ser velho assume um estatuto negativo [e envelhecer] um mal reservado àqueles que não seguiram uma prescrição correta de vida.

Irônico - e não deixa de ser um paradoxo - uma vez que, justamente, a velhice é que posterga a morte tão temida. Além disso, como pensar a vida sem dor, sem sofrimento, sem tristezas?

Velhices

Mas, inicialmente, quais as características que identificam, no cotidiano, uma pessoa velha? Como construção social, certamente não podemos ignorar que a aparência, em nossa cultura, é o elemento central na identificação do velho, segundo características difundidas e reconhecidas como próprias da velhice, principalmente aquelas inscritas no corpo.

¹⁷ TÓTORA, Silvana. “Ética da vida e do envelhecimento”. CÔRTE, B., MERCADANTE, E., ARCURI, I. (orgs). O envelhecimento e velhice: um guia para a vida. Vol. II. São Paulo, Vetor, 2006. p.37 e p. 41.

Outra forma de identificação é o marcador etário, qual seja a idade cronológica determinada legalmente pelo estado¹⁸, como dado arbitrário e manipulável, que tem por objetivo produzir um modelo hegemônico e universal de ser velho.

Maria Helena Villas Boas¹⁹ discorre, no artigo *Medo de envelhecer ou de parecer*, a respeito da identidade do velho sobre qual o medo existente: envelhecer ou parecer velho? A autora cita em seu texto a percepção de um grupo de idosos inquiridos sobre a velhice e registra:

As considerações dos depoentes, na sua maioria, assinalam de fato características presentes no corpo como demarcadoras de idade (perda de beleza, rugas, doenças, dificuldade de movimentos, etc.). Nessas marcas, a perda da beleza (“do frescor” e “do viço”) aparece como elemento primordial. É de se notar, também, que o padrão de beleza implícito é o da juventude – beleza “perde-se”, não se admite a possibilidade de outros padrões ou de padrões alternativos [...]

Villas Boas aponta, ainda, para um modelo social de velho - construído em oposição ao do jovem -, medicalizado, sem atrativos físicos, que encerra um estigma do qual os indivíduos categorizados nesse lugar procuram fugir. Ironicamente, para escapar, reproduzem o discurso que prega o controle sobre o corpo e os modelos para um bem viver, que tem como base ações para “manter o corpo ativo e a mente alerta”, manutenção da saúde e a interferência direta sobre as marcas corporais com cosméticos e plásticas estéticas, atividade física.

Outro ponto importante apontado pela autora, nesse estudo, diz respeito ao medo manifestado pela perda de autonomia, da independência como algo que não se pode escapar na velhice, geralmente associada mais à “natureza biológica intrínseca à

¹⁸ No Brasil, o Estatuto do Idoso (Lei 10741. 1º out. 2003) indica os 60 anos como marco para categorizar o idoso - Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, em consonância à Resolução 39/125 da Organização das Nações Unidas – ONU, que determina os 60 anos, para os países em desenvolvimento e os 65 anos, nos países desenvolvidos, como as idades que demarcam a classificação do indivíduo na categoria idoso. O documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*, também traz essas definições em sua pag. 6 sob o título “Quem são os “mais velhos”?”

¹⁹ VILLAS BÔAS, Maria Helena. Medo de envelhecer ou de parecer? In revista *Kairós*, São Paulo, v. 10, n.2, dez. 2007 passim. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2588/1642> . Acesso em 10.abr.2015

humanidade” e menos a uma construção sociocultural da velhice. Junta-se a esses elementos o medo da solidão. “Como dizem alguns entrevistados, “ser velho é ficar doente e solitário”, “velho não é uma pessoa alegre, velho é recalcado”²⁰.

Ratificando essa percepção, apontamos o artigo²¹ que apresenta alguns resultados da pesquisa realizada pelo CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, junto ao público com mais de 60 anos e que frequenta as instalações do Sesc São Paulo. Questionados sobre se “sentiam-se idosos”, os resultados mostraram 75% dos respondentes (faixa etária entre 60 a 80 anos, ou mais) afirmando não se “sentirem idosos”.

À resposta sobre o que indicaria que alguém chegou à velhice, estavam presentes as dimensões negativas, citadas pela ampla maioria, 93% dos entrevistados. Os aspectos psicológicos (perda de ânimo e cansaço); as limitações físicas (falta de autonomia) e doenças; e estilo de vida (isolamento); foram os mais mencionados.

Ou seja, podemos inferir que a recusa à identificação com essa classificação etária – classificação essa, indicada pela legislação brasileira - pode revelar, além da percepção cultural sobre as consequências trazidas pelo envelhecer, também o não querer incluir-se em um grupo percebido de forma negativa e pejorativa, que a força dos estereótipos e preconceitos classifica e categoriza.

Em outra dimensão, uma investigação²² realizada por pesquisadores da Universidade de Campinas com crianças de cinco a dez anos sobre a percepção do envelhecimento verificou uma representação da velhice variada, porém, sempre associada, também, às características físicas, à doença, à morte e às limitações.

²⁰ ibidem. p. 28.

²¹ SOUZA, I. D. e AZEVEDO, C. D.. “Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo” In *Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. V.27, nº 65, set,2016. p. 52-69. Disponível em <file:///C:/Users/Celina/Downloads/OS%20PUBLICOS%20EXPERIENTES%20QUE%20HABITAM%20O%20SESC%20EM%20SAO%20PAULO.pdf>. Acesso em 10.dez.2016.

²² LOPES, E. S. de L. e PACK, M. B. “Representação social de crianças acerca do velho e do Envelhecimento” In *Estudos de Psicologia*. V. 12, n.2, 2007, 141-148. p. 144. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2007000200006&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 20.dez.2015

Para saber da percepção sobre quem se encontra na velhice e diante de perguntas como “*o que ela tem que faz você pensar que ela é velha?*” formuladas às crianças, algumas das respostas mencionaram que “*o rosto é enrugado*”, “*elas têm cabelos brancos, tem barba e sobrancelha branca*”, ou ainda, quando inquiridas se “*tem outra coisa na pessoa [além da cor dos cabelos] que faz você pensar que ela é velha?*” uma das crianças exemplifica que “*um dia tinha uma mulher com cabelo tudo preto andando com uma bengala. Por isso que eu penso que ela é velha.*”.

As observações apontaram para uma associação direta entre velhice e doença; velhice e morte; velhice e perdas; velhice e limitações. Elemento comum encontrado nos discursos, de uma forma geral, que corrobora o olhar cultural que associa quase que de imediato: velhice = fragilidade.

Na mesma linha, isto é, o olhar de crianças sobre a velhice e os velhos, em outra pesquisa²³, realizada com crianças da periferia de Porto Alegre, com idade entre oito e dez anos, surgiram, também, aspectos físicos como marcadores (cabelos brancos, rugas, uso de bengala) na forma de reconhecimento do velho.

Além dos sinais evidentes na aparência, falta de força, problemas de visão e de locomoção, que são apontados como alguns dos “*montes de problemas que eles [os velhos] têm*”, as crianças indicam como, devido a esse “monte de problemas”, os velhos devem seguir prescrições para uma alimentação saudável, além de praticar atividades físicas.

O discurso de controle sobre o corpo e os modelos para um bem viver estão presentes de forma clara nas falas das crianças. “[...] *Eu acho que eles têm que comer mais verdura, mais coisa que alimente, que tenha vitamina do que os jovens, porque os jovens não estão todo ruim.*”²⁴

Ao compartilhar seu olhar sobre o velho e a velhice, as crianças, na verdade, reproduzem e apresentam a percepção da sociedade sobre a velhice. Essa percepção

²³ RAMOS, Anne Carolina. O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. *Educação & Realidade*, v.34, n. 2, p.239-260. 2009. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9354> Acesso em 20.dez.2016

²⁴ Ibidem. p. 245

molda suas relações com os velhos e, provavelmente, de seu próprio envelhecer. Afinal, quem deseja envelhecer e tornar-se frágil, doente, cheio de limitações?

Os discursos enunciados pelas crianças dão conta dos olhares sociais sobre o corpo velho: controles, modelos, receitas de bem viver e até a tão propalada autorresponsabilização. “[...] *A gente ainda pode comer qualquer coisa. Porque as crianças, como é que se diz, acho que ficam curadas mais rápido, e os velhinhos não.*”, ou ainda, “[...] *Já tá velho, cheio de problemas, e ainda vai beber?*”²⁵, ou seja, já está velho – situação desfavorável - e, ainda por cima, bebe – outra situação que, sob o olhar do controle, também é desfavorável.

O conselho implícito está na responsabilidade individual pela manutenção da própria saúde e por um autocontrole que auxilia no distanciamento dos maus hábitos: o fumo, a bebida, a comida não saudável, o sedentarismo. Diante disso, facilmente passamos da “responsabilização” para a “culpabilização”, porque, afinal, está nas mãos de cada um uma vida com qualidade, normal, sem sobressaltos. Será?

A uma boa alimentação para uma vida saudável e de qualidade soma-se, sem dúvida, a necessidade da prática de atividade física, informação já transformada em conhecimento tácito, disseminada exaustivamente pela mídia “[...] *No ano passado tinha a novela aquela Mulheres Apaixonadas, tinha os dois velhinhos, aqueles que iam passear, eles se levantavam bem cedo pra ir caminhar, que eles diziam que isso é um exercício e é pra manter a forma.*”; “[...] *A minha avó caminha todos os dias porque o médico disse que é pra ela caminhar bastante.*”²⁶

Ideia distante do cuidado de si proposto por Foucault: “[...] aquilo que nos constitui como sujeito verdadeiro de nossos atos.”²⁷, que pede uma atitude ativa ao invés da submissão a um modo de viver prescrito por um saber, fruto de uma relação de poder, que pede um fortalecimento para a vida. Já que o poder não é uma “coisa” e sim uma

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem. p.247

²⁷ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fonte, 2004. p. 651. Desenvolveremos com mais vagar essa proposta no texto.

prática social, que existe por meio de relações, queremos perceber por onde caminham tais propostas e como são construídas e disseminadas.

Outra pesquisa, “Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade”²⁸ investigou, com base em mais de 3000 entrevistas com jovens, adultos (16 a 59 anos) e idosos (acima de 60 anos), de todas as regiões do Brasil, o cenário sobre o envelhecer no país a partir dos temas: Saúde; Tempo livre e lazer; Estatuto do idoso, direitos e violações; Relações familiares e de amizade.

Por sua vez, expôs uma imagem da velhice que reforça outras investigações, ou seja, em todas as faixas etárias o envelhecimento é associado a atributos negativos e relaciona-se diretamente a doenças e debilidades físicas.

Segundo Tótor²⁹, “O que singulariza a época atual é a articulação de uma cultura de desvalorização da velhice e tecnologias de poder de intervenção e controle sobre o corpo dos velhos.”

Diante desse cenário, não é difícil perceber porque, diariamente, somos confrontados com produtos, terapias e saberes voltados para o “bom envelhecer”, além de receitas prontas para uma velhice saudável e feliz, que misturam referências e indicações tal qual mercadorias que podem ser escolhidas em uma vitrine.

Aqui, introduzo o conceito do Envelhecimento Ativo³⁰, proposto pela Organização Mundial da Saúde, já com objetivo de apontar para a centralidade que o termo ocupa nos discursos em torno do tema do envelhecimento, sob as mais diversas perspectivas.

²⁸ Sesc São Paulo, Sesc Departamento Nacional e Fundação Perseu Abramo. *Pesquisa Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. 2006. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102_PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+VIVENCIAS+DES+AFIOS+E+EXPECTATIVAS+NA+3+IDADE. Acesso em 10.jan.2017

²⁹ TÓTORA, S. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. *Revista Kairós*, São Paulo, vol.11, nº 1, pp.21-38, jun.2008. p.22

³⁰ “O que é “envelhecimento ativo”? Envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas.” In OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde, *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Disponível em http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf a partir do texto original de 2002,

“Ativo” tornou-se palavra-chave que contaminou sobremaneira as discussões, políticas e ações para os velhos e, na mesma toada, os discursos, orientações e reflexões sobre o processo de envelhecimento. “Ativo” passou a ser uma adjetivação para a vida que segue um curso normal e linear do nascimento até a morte.

Pretendemos aqui questionar, interrogar os valores propalados por esse conceito e investigar as implicações para a vida, desse modo de subjetivação da velhice.

“Ativo” como caminho para o saudável, para o bom envelhecer, é o que prescrevem os especialistas³¹, sempre chamados a oferecer sua opinião nas mídias e, na contemporaneidade, nas redes sociais que, acompanhando o fluxo de produção e disseminação de informações, tornaram-se, também, propagadoras importantes de conselhos sobre estilo de vida, bem estar, saúde, como, por exemplo, nesta entrevista entre dois conhecidos médicos brasileiros:

ENVELHECIMENTO ATIVO

Dr. D. – Há 50 anos, o paradigma da medicina era aconselhar as pessoas de mais idade a fazerem repouso. Era clássica a imagem do velho de pijama, sentado na poltrona da sala, sem fazer qualquer esforço, sem andar, sem ir sequer à padaria. Esse paradigma foi totalmente rechaçado pela medicina atual...

*Dr. WJ – Não só rechaçado, como também contrariado. Hoje, entendemos que o envelhecimento ativo conduz ao envelhecimento saudável. [...] **O idoso precisa compreender que só pertencerá à comunidade se agir como ela age. Caso contrário, será dela excluído naturalmente.***
(Grifos nossos)

Isto posto, “[...] só pertencerá à comunidade se agir como ela age [...]” percebe-se como a mídia cumpre papel relevante na produção e reprodução desses modelos. Inúmeras matérias jornalísticas e programas de TV, que têm a intenção de ser informativas e influenciar comportamentos, fazem uso desse conceito ao proporem como base para o envelhecimento saudável a prática de atividades físicas, o controle da alimentação, do sono, da sociabilidade, preconizando uma vida de restrições, fomentado por especialistas.

Active ageing policy framework da World Health Organization-WHO, disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf

³¹ ENTREVISTA - ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL I, Dr, Dráuzio Varella entrevista Wilson Jacob Filho, médico e diretor do Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, em 26/08/2015. Disponível em <https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/envelhecimento-saudavel-i/>, Acesso em 15.out.2016

Tem-se à disposição os modelos da “velhice de pijamas”, da “velhice frágil” ou, cada vez mais insistentemente, “o envelhecimento ativo” a nortear a vida. A escolha é sua, mas atente! Ela pode lançá-lo à outra forma de exclusão.

Integrando uma equipe de profissionais do Sesc São Paulo, instituição que tradicionalmente atua junto à pessoa idosa e incentiva estudos e pesquisas sobre o processo de envelhecimento e, por isso mesmo, imersa nesse tema, entendemos ser fundamental perceber os processos de produção do mundo como instrumento na busca de resistências aos modos de subjetivação impostos/propostos por projetos e programas promovidos e produzidos, de maneira farta, a contemplar a “revolução da longevidade”³² e, também, questionar se incentivam resistências e singularidades ou apenas produzem e reproduzem os discursos sobre o controle da velhice.

O conceito do “Envelhecimento Ativo”, discurso que permeia quase que a totalidade das ações voltadas aos velhos, age como um dispositivo de poder e produção de subjetividade que sobrecarrega a velhice de controles, interferindo e combinando ações de organismos da sociedade civil e da esfera públicas, documentos regulatórios, leis, mídia e consumo.

Recorrendo a Foucault,³³ entendemos, nesta pesquisa, esse dispositivo como a rede que se estabelece entre os discursos, as instituições, os enunciados científicos, as leis e regulamentações que, em certo momento histórico, possuem uma função estratégica,

³² Termo amplamente utilizado pelos adeptos do *envelhecimento ativo*. Alguns exemplos: A revolução da longevidade. Disponível em <http://pre.univesp.br/a-revolucao-da-longevidade#.Wfjz0ltSzIU>. Brasil vive revolução da longevidade. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2014/03/1431755-brasil-vive-revolucao-da-longevidade-diz-medico-alexandre-kalache.shtml>. A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4649/2566>. Finitude e a revolução da longevidade. Disponível em http://tvcultura.com.br/videos/61378_finitude-e-a-revolucao-da-longevidade-alexandre-kalache.html. A revolução da longevidade é uma maratona. Disponível em <http://www.revistaapolice.com.br/2016/10/revolucao-da-longevidade-vida-e-uma-maratona/>. Brasil vive revolução da longevidade e precisa se preparar. Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-vive-revolucao-da-longevidade-e-precisa-se-preparar/>. Cuidados frente à revolução da longevidade. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext_pr&pid=S1413-81232014010900001. Revolução da longevidade e o canal Farma. Disponível em <https://www.mercadosenior.com.br/single-post/2017/09/19/Revolu%C3%A7%C3%A3o-da-longevidade-e-o-canal-Farma>. Envelhecimento ativo: Um marco político em resposta à revolução da longevidade. Disponível em <http://longevidade.ind.br/publicacao/envelhecimento-ativo-um-marco-politico-em-resposta-a-revolucao-da-longevidade/>. Todos acessos em 30.set.2017.

³³ FOUCAULT, M. apud AGAMBEN, G. “O que é um dispositivo?” In *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, Argos, 2009. p.28.

inscrito em um jogo de poder, que condicionam certos tipos de saber e são por eles condicionados.

Nada mais distante de nossa intenção do que propor “modelos” substitutos àqueles recomendados. No entanto, sabemos que perceber e refletir sobre a complexidade e a tessitura dessa trama de relações que constroem ideações para uma boa velhice pode fundamentar escolhas e criar maneiras de confrontar e refutar a submissão. Assim, levantamos algumas reflexões, a seguir:

Como se certificam os discursos produzidos, principalmente o modelo do “Envelhecimento ativo” como Dispositivo,³⁴ que impõem um modelo de velhice, de velhos frágeis a precisar de cuidados; de consumidores, sedentos de produtos e, também, prontos a oferecer, por meio do voluntariado e da continuidade no mercado de trabalho, sua energia e sua força de trabalho?

Na atualidade, a partir do conceito do envelhecimento ativo, contaminado pelo Neoliberalismo, em que vigora a ideia do *empreendedor de si*, onde se detectam valores do campo econômico migrando para o campo social, direcionando questões e criando subjetivações, determinando modelos do viver e taxando aqueles que não os seguem de indolentes, estranhos e incapazes, “sem méritos”, questionamos: é possível apontar resistências que confrontam esses valores e criam outras subjetividades por meio da criatividade e singularidade?

Como se certificam os modelos que exercitam o controle por meio do medo: medo da dependência, medo da morte, medo da demência, medo da exclusão, medo da solidão? “O medo é uma tristeza instável, surgida da idéia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida”³⁵

Esquecendo que a vida não se controla e/ou não é previsível, o medo acaba por ser uma das maneiras para se gerir modos e formas do viver. Causa e efeito regem comportamentos sob os comandos do “faça” e “não faça”. Palavras-chave como saúde,

³⁴ Dispositivo entendido como conjunto que implica em discursos, práticas, instituições, leis, regulamentos, enunciados científicos, proposições filosóficas que se organizam. O dispositivo é a rede que se estabelece entre esses elementos.

³⁵ SPINOSA, B. Definição dos afetos, 13 . p.243 In *Ética*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008.

qualidade de vida, autoestima, autonomia, transformação, entre outras, traduzem-se em promessas para quem segue rigorosamente as prescrições postas.

O “empreendedor de si” surge como figura de comportamento responsável e ativo e, para tanto, é necessário estar atualizado, a educação que instrumentaliza e qualifica apresenta-se como alternativa para o “reaproveitamento” dos velhos para o mercado.

Como modelos são criados para que os velhos tenham, em alguma medida, seus corpos, suas forças e potências controladas? Como as formações discursivas, que querem normatizar, regular, sob o argumento de uma suposta positividade do envelhecer sempre imposta, são construídas e replicadas?

Deterministas, tais modelos ainda apontam acusadoramente para aqueles que não seguem suas orientações, resultando na responsabilização e culpabilização dos indivíduos. Àqueles que não optaram por boas escolhas, resta toda sorte de infelicidades na velhice. O poder exercido por essa conotação positiva conquistada a todos, velhos, profissionais, instituições, todos aderem de forma espontânea, de sujeitos passam a sujeitos.

A articulação entre fundamentos teóricos, experiências empíricas, a análise dos discursos que envolvem o envelhecimento podem desvelar um olhar sobre a vida como possibilidades de experimentação e criação que permita bons encontros, em uma dimensão da vida na qual é possível se reinventar e se expressar.

Apresentaremos uma série de reflexões sobre esse campo de ações, tendo como base o conceito do envelhecimento ativo, que têm os velhos e o envelhecimento como público consumidor, abordando os temas da educação permanente; a saúde permeando os discursos sobre o envelhecer; o controle por meio do medo; a tutela; a imposição de modelos; o conhecimento como produto e mercadoria tornando-se mera ilustração para preservação do empreendedor e, finalmente, as resistências e as formas de afecção produzidas.

Não é nossa pretensão defender outras versões de ações ou modelos ideais ou, simplesmente, tentar destruir o que está posto. Sendo assim, antes de darmos continuidade às discussões, cabe aqui uma importante observação: reconhecemos que

há situações em que as ações, mesmo estando permeadas por estratégias de disciplinarização e modelização, podem resultar em novas produções de viver e na produção de resistências.

A proposta, isso sim, é, a partir dos filósofos que afirmam a vida, entender os movimentos de criação e destruição como parte de um processo. Abrir-se para a perspectiva de pensar como operam as relações de poder e das produções dos saberes, para pensar a subjetivação que reafirma a vida.

Perpassando todo o texto, há referências a fragmentos de filmes e obras literárias que auxiliam na composição do cenário. Os fragmentos dialogam entre si, deitam raízes, conectam-se entre si em todo o texto, em fluxo criativo para outras possibilidades de leituras. Um olhar múltiplo e diverso que corta caminhos e aponta para outras direções.

Agambem³⁶ nos lembra de que “contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo”, no entanto, perceber o escuro não basta, é preciso interrogá-lo! É preciso visualizar o que está para além do que podemos enxergar, procurando entender porque, justamente, o que traz orgulho “à nossa época” nos incomoda. Ir além de um olhar imediato.

Para isso, faz-se necessário um afastamento, perceber outras perspectivas que permitam perguntar, por exemplo, como proposições que têm por objetivo o cuidado, a positivação e, ao mesmo tempo, a “valorização” do velho continuam, ao contrário, construindo e reproduzindo preconceitos e modelos que aprisionam a vida, determinando comportamentos, estabelecendo assujeitamentos e desvalorizando a potência de vida ao invés de afirmá-la?

³⁶ AGAMBEN, G. “O que é contemporâneo?” p. 64 In *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, Argos, 2009.



¹ Disponível em <http://www.nanihumor.com/search?q=velhice>. Acesso em 04.dez.2017

Envelhecer, uma questão de saúde¹?

*Porque em si não existe saúde, e todas as tentativas para dar esse nome a qualquer coisa malograram miseravelmente. **Importa conhecer tua finalidade, teu horizonte, tuas forças, teus impulsos, teus erros e sobretudo o ideal e os fantasmas da tua alma para determinar o que significa a saúde, mesmo para o seu corpo.** Existem, portanto, inúmeras saúdes do corpo; e quanto mais se permitir ao indivíduo particular e incomparável de levantar a cabeça, mais se desaprenderá o dogma da «igualdade dos homens», mais necessário será que os nossos médicos percam a noção de uma saúde normal, de uma dieta normal, de um curso normal da doença.²(Grifo nosso)*

Alda Britto da Motta introduz seu texto *Envelhecimento e sentimento do corpo*³ considerando que “Provavelmente, a maior parte dos estudos sobre o envelhecimento e a velhice, pelo menos no Brasil, refere-se ao campo da saúde e áreas correlatas”.

Para a autora, o imaginário social entende o envelhecimento como um processo de marcação de idade “natural”, em uma trajetória acompanhada por desgastes, limitações crescentes, fragilização, ou seja, uma “viagem ladeira abaixo”. Sinais verificados no corpo - rugas, reflexos mais lentos - são tratados, principalmente, como problemas de saúde e a “velhice saudável” passa a ser um objetivo a ser alcançado.

¹ Para este texto, admitimos a definição de Saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde, uma vez que são os responsáveis pelos documentos norteadores que utilizamos para nossa reflexão. Assim, segundo a OMS, “A saúde refere-se ao bem-estar físico, mental e social”, e, embora amplo, serve como base para as discussões propostas. Em verdade, percebe-se a prática de se relacionar, genericamente, a saúde à “ausência de doenças”. Nos documentos norteadores que utilizamos, destacam-se, ainda, a importância da manutenção da autonomia, entendida como a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais no seu cotidiano, de acordo com suas próprias regras e preferências e a independência, que seria a habilidade de realização das atividades da vida diária – AVD e as atividades instrumentais da vida diária – AIVD.

² NIETZSCHE, F. *Gaia ciência*. Trad. Antonio Carlos Braga. Escala São Paulo. §120, p. 125.

³ BRITTO DA MOTTA, A. *Envelhecimento e sentimento do corpo*. p. 37. Disponível em <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-04.pdf>. Acesso em 01.mai.2017

Para atender a essa demanda, organizações⁴ e pesquisadores investem seus esforços em estudos que deem conta de retardar e/ou estancar o envelhecimento, reverter esse quadro de limitações e encobrir e/ou disfarçar as marcas corporais, além de um vasto leque de opções de atividades, que são colocadas à disposição da “terceira idade” para atender seu desejo de consumir lazer, diversão, sociabilização.

O olhar centrado, preferencialmente, no aspecto biológico sobre a velhice, acarreta, além do descuido e negligência a outras dimensões da vida, a incorporação e reforço da ideia de que a vida deve, necessariamente, ser orientada por saberes e especialistas que se encarregam de indicar caminhos, ditar normas para a longevidade e o bem viver, baseada na tomada do corpo biológico como objeto de uma ação que prescinde da participação de quem a recebe.

Considerando que a medicalização da vida faz parte de um processo histórico e social, intensificado a partir do século XX, a velhice passa a ser percebida, nesse mesmo período, como foco privilegiado para intervenção. Segundo Ivan Illich⁵, a velhice passou a ser considerada uma condição intolerável, similar a uma doença e, dessa forma, esforços consideráveis são movidos para debelá-la e controlá-la.

Corroborando esse entendimento, tomemos a pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha⁶, intitulada *Ao seu tempo*, anunciada como uma “série que detalha novos valores da idade”, que pretende mostrar como o brasileiro relaciona-se com a questão dos marcadores etários do envelhecimento.

³ Pesquisas que têm por objetivo estancar o envelhecimento são anunciadas diariamente e já existem canais exclusivos de divulgação de terapias, alimentação, investigações com objetivo de detê-lo. Como exemplos de canais de divulgação podemos citar, no Brasil, o *Portal antienvelhecimento*. Disponível em <http://antienvelhecimento.org.br/sobre-nos/#.WiRUuVWnHIU>. A *Academia Brasileira de Medicina antienvelhecimento*, fundada em 1999. Disponível em <http://abmae.com.br/novo/>. A *SOBRAE – Sociedade Brasileira de Estudo do Envelhecimento*, fundada em 2004, que traz em sua proposta “ [...] busca tornar mais fácil a divulgação das opções para retardar o envelhecimento e tratar suas consequências, organizando reuniões científicas, simpósios, cursos e congressos, disponibilizando literatura científica, divulgando links de interesse geral na Internet, e facilitando o acesso a bibliotecas virtuais de saúde.” Disponível em <http://www.sobrae.com.br/nossa.asp>. Todos acessos em 27.nov.2017.

⁵ ILLICH, I. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. Tradução de José Kosinski de Cavalcanti. 3ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. Disponível em <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3205.pdf>. Acesso em 15.nov.2017.

⁶ Datafolha. Pesquisa *Ao seu tempo*. Série iniciada em novembro/2017. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938235-para-mais-de-90-existe-preconceito-contr-os-idosos-no-brasil.shtml>. Acesso em 27.nov.2017

Na primeira parte, publicada em novembro de 2017, temos a fala de um profissional da saúde que indica sua idade a partir do que considera seu estado de espírito (25 anos ao invés de 69) e que responde à pergunta elaborada na investigação: “Quando uma pessoa fica velha?”, da seguinte forma:

Depois de ter visto vários pacientes de mais de 80 anos envelhecerem (por depressão, por exemplo) e “desenvelhecerem” (depois de tratados dela), concluí que a velhice é um estado de espírito. A morte e a decadência do corpo são inexoráveis, mas um espírito vivo mantém a velhice longe.

Tal discurso reitera a ideia do envelhecer ainda como uma questão de saúde e, não só isso, uma velhice que poderia ser tratada com medicamentos – com antidepressivos? – e revertida. A que o profissional quer se referir ao propor que “[...] um espírito vivo mantém a velhice longe [...]”? Como viver uma vida plena e ao mesmo tempo negar o envelhecer? O que contém esse discurso que aborda o envelhecimento?

Em outro âmbito, ao examinarmos os Programas de Pós Graduação em Gerontologia existentes no Brasil^A, no ano de 2017, assinalamos também um apontamento importante na mesma linha de conduta. Verificamos⁷ que, nesses programas que formam especialistas e pesquisadores, está presente, não só na indicação da “Área de concentração”, mas também em suas “linhas de pesquisa”, mesmo que não mencionado claramente, significativa ênfase à saúde e ao aspecto biológico do envelhecer o que, consideramos, repercute fortemente nos modelos propostos de subjetivação da velhice.

⁷ Sabemos não ser exclusividade dos Programas de Gerontologia as pesquisas sobre o envelhecimento, porém, conforme indicado no texto, é uma forma de assinalar a centralidade que o tema da saúde ocupa quando o assunto é o envelhecimento. Uma tabela, no final do texto, traz a relação dos Programas de Gerontologia, no Brasil, e suas linhas de pesquisa. Agradecemos a Prof^a Dr^a Beltrina Côrte, da PUC São Paulo, que nos cedeu gentilmente os dados colhidos para uma de suas investigações.

Na mesma linha, o estudo de Prado e Sayd⁸ menciona que, apesar da ampla menção aos “aspectos biopsicossociais do envelhecimento” nas pesquisas publicadas no Brasil, o conceito de envelhecimento acaba por revelar-se, na literatura nacional, em termos biológicos.

As autoras apontam ainda para algumas questões que expõem interesses em diversos setores da sociedade, que são articulados a um projeto político sobre o que seria considerado o “bom envelhecer” e quais as especialidades que deteriam o poder de orientação para tanto.

Como exemplo, citam a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia⁹, associação civil sem fins lucrativos cujo objetivo principal é reunir médicos e outros profissionais de nível superior, que atuam na área do envelhecimento, apontando que, embora aceite, como membros associados, representantes de outras categorias profissionais, tem sua presidência exercida exclusivamente por médicos.

Complementando com uma leitura do Estatuto¹⁰ da entidade, observamos, nos critérios exigidos às categorias de associados, a determinação e limitação para a categoria “acadêmica”, ou seja, apenas aos estudantes comprovadamente matriculados em Faculdades de Medicina e obrigatoriamente filiados a uma Liga Acadêmica de Geriatria. Dai, também, depreendemos outra forma de ancoragem nos profissionais ligados à medicina para atuação na área do envelhecimento e, conseqüentemente, na sua orientação.

⁸ PRADO, S. D. e SAYD, J. D. A gerontologia como campo do conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político In *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 11, n.2 :491-501, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/csc/v11n2/30436.pdf>. Acesso em 30.set.2017.

⁹ Apresentação da SBGG em sua página <http://sbgg.org.br/sbgg/sobre-a-sbgg/>. **Sobre** – [...] fundada em 16 de maio de 1961, é uma associação civil, sem fins lucrativos, que tem como objetivo principal congregar médicos e outros profissionais de nível superior que se interessem pela Geriatria e Gerontologia, estimulando e apoiando o desenvolvimento e a divulgação do conhecimento científico na área do envelhecimento. Além disso, visa promover o aprimoramento e a capacitação permanente dos seus associados [...] composta por Seções [...] é filiada à Associação Médica Brasileira (AMB) e à Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria (International Association of Gerontology and Geriatrics – IAGG). Para se tornar um associado da SBGG é necessário ter nível superior, estar inscrito no conselho profissional de sua categoria, preencher o formulário de associação e submeter o cadastro à avaliação da seção da SBGG no seu Estado. **Missão** - Congregar médicos e outros profissionais de nível superior que se interessem pela Geriatria e pela Gerontologia, estimulando e apoiando o desenvolvimento e divulgação do conhecimento científico.

¹⁰ Estatuto da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG. Disponível em http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Estatuto_SBGG_2015-1.pdf. Acesso em 03.out.2017.

Estabelecido esse cenário e com vistas a apresentar as conexões de nossa reflexão e de como percebemos, na contemporaneidade, a construção e composição dessas estratégias discursivas, referendando o “bom envelhecer”, presentes no cotidiano, passamos a Foucault, para quem, a partir do século XVIII, a vida biológica e a saúde da nação tornaram-se alvos fundamentais de um poder sobre a vida cujo objetivo era a otimização da qualidade biológica das populações.

Antes de iniciar a discussão

Para Foucault, a vida biológica da espécie humana tornou-se alvo das relações de poder, por meio do governo dos corpos individuais e coletivos. O filósofo deu o nome de biopoder ao tipo de poder que consiste em:

[...] conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais [e] vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder¹¹.

Um poder que quer organizar e canalizar forças, propício ao desenvolvimento do capitalismo, que dá ênfase à proteção da vida, à regulação dos corpos, ocupa-se da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, dos costumes.

¹¹ FOUCAULT, M. *Segurança, Território, População*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins fontes, 2008. p. 3. Disponível em <https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-seguranca-territorio-populacao-curso-no-college-de-france.pdf>. Acesso em 20.set.2017

Foucault cria o termo biopolítica, série de intervenções e controles reguladores, em referência ao modo como quem governa lida com a questão da vida e morte dos indivíduos, responsabilizando-se pela organização social, saúde, educação, natalidade, envelhecimento, violência, e questões sociais em geral que afetarão diretamente a população e que substituíram, a partir do século XIX, as práticas disciplinares que tinham no indivíduo seu alvo para focar na população e tê-la como instrumento na relação de poder.

Ao que essa nova técnica de poder não disciplinar se aplica e - diferentemente da disciplina, que se dirige ao corpo - a vida dos homens [...] ela se dirige não ao homem-corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo [...] ao homem-espécie [...] a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos [...] a nova tecnologia que se instala se dirige a multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, urna massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. Logo, depois de urna primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante [...] que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma "biopolítica" da espécie humana¹².

Ao refletir sobre essa estrutura, Foucault buscou compreender de que modo esses conteúdos de poder são exercidos, além de verificar como a política pode influenciar na construção da subjetivação, uma vez que, ainda segundo o autor, “[...] O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão.”¹³

¹² FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*, p.289. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2005. Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-em-defesa-da-sociedade.pdf>. Acesso em 20.nov.2017.

¹³ Idem. *História da sexualidade I: a vontade de saber*, p. 134.. 7ª ed., Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

Com relação ao envelhecimento da população, recorte de nosso interesse, reportamo-nos aos documentos norteadores que, internacionalmente, propõem ações de controle sobre quem envelhece, além de sugerir formas ideais e modelos de envelhecimento como maneira de diminuir riscos.

No documento que fundamenta os preceitos do *Envelhecimento ativo*, a saúde encontra-se no centro das discussões já a partir do título: *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*¹⁴. Elaborado pela OMS - Organização Mundial da Saúde - como colaboração às discussões da *Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre Envelhecimento*, de 2002, o conceito do envelhecimento ativo foi incorporado de maneira relevante, quase que imperativa, aos discursos sobre o envelhecimento, desde o final do século XX, na passagem para o século XXI.

Encontramos, atualmente, inúmeros encontros acadêmicos¹⁵, agendas públicas e propostas de ações voltadas aos velhos¹⁶ que têm o envelhecimento ativo como referência e como elemento a balizar as discussões, reflexões, objetivos e práticas.

Remetendo-nos ao texto, não resta dúvida quanto à orientação do protagonismo da dimensão da saúde ao pensar ações para o envelhecimento, presente já na Introdução¹⁷ quando é sugerido que:

¹⁴ Organização Pan-Americana da Saúde. OPAS. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília, OPAS, 2005. p. 30 e p. 52
Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf no original, *Active ageing: a policy framework*. WHO – World Health Organization, 2002. Disponível em http://www.who.int/ageing/publications/active_ageing/en/. O título em português corrobora na perspectiva de acentuar as questões de saúde mais que o documento original, em inglês, elaborado como contribuição às discussões do ano de 2002, pela Organização Mundial da Saúde – OMS ou World Health Organization – WHO.

¹⁵ Um rápida pesquisa mostra como nos dois últimos anos, para propor um recorte temporal, “envelhecimento ativo” foi mote de diversos encontros acadêmicos em todo o Brasil. “I Seminário Estadual de Envelhecimento Ativo” (Chapecó/RS); “Simpósio USP Rumo ao Envelhecimento Ativo” (São Paulo/SP); O Idoso e a Construção do Envelhecimento Ativo e Saudável - Uma Política Pública Intersetorial” (Fortaleza/CE); “Seminário Envelhecimento Ativo e com Hábitos Saudáveis” (Salvador/BA); “V Jornada de estudos em gerontologia: Estratégias de Promoção do Envelhecimento Ativo” (São Carlos/SP); “Envelhecimento Ativo e Autonomia para a Pessoa Idosa” (Boa Vista/RR)

¹⁶ Sabemos ser uma referência importante internacionalmente, no entanto, vamos nos ater à sua grande relevância no Brasil.

¹⁷ Op. cit. p. 7

[...] **os profissionais da saúde liderem o projeto** [programas ligados ao envelhecimento ativo] se realmente quisermos que pessoas da Terceira Idade **saudáveis** continuem a representar um recurso para suas famílias, comunidades e economias [...] **(Grifo nosso)**

Ratificando a primazia da especialidade da saúde, encontrada na formação e constituição de, por exemplo, organizações e associações¹⁸ que atuam no campo do envelhecimento, já referidas neste texto.

O conceito do *Envelhecimento ativo*¹⁹ refere-se a um “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”, para que envelhecimento possa ser - ideia expressa no texto - uma “experiência positiva”.

Da mesma forma:

Se quisermos que o envelhecimento seja uma experiência positiva, uma vida mais longa deve ser acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança. A Organização Mundial da Saúde adotou o termo “envelhecimento ativo” para expressar o processo de conquista dessa visão.²⁰

Entretanto, vamos nos deter sobre o que seria, do ponto de vista do envelhecimento ativo, uma experiência positiva para o envelhecer? Que forças articulam-se em torno dessa premissa? Que modelos são propostos para que a qualificação de “positivo” seja contemplado? Percebemos que a saúde e as ações sobre o corpo biológico assumem tal *status* de centralidade nas discussões, pesquisas e produção de saberes, que lançam a um plano secundário outros elementos da experiência do viver. E vale questionar: é possível uma vida sem dores, sem sofrimento?

¹⁸ Cf. Nota 10, deste texto

¹⁹ Como base para esta pesquisa, utilizaremos o documento traduzido e impresso no Brasil, em 2005, pela Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS, tradução Suzana Gontijo, Brasília. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf a partir do texto original de 2002, *Active ageing policy framework* da World Health Organization - WHO, disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf.

²⁰ Ibidem. p. 13

Partindo desse princípio e, ainda, segundo o conceito do Envelhecimento ativo, que permeia grande parte das ações voltadas²¹ aos velhos desde o início dos anos 2000, são indicados alguns tópicos básicos como elementos para a positivação do envelhecer, com objetivo de “aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados”, entre eles: saúde, participação e segurança²².

A estrutura política do envelhecimento ativo apresentada [...] baseia-se nos princípios das Nações Unidas para Idosos [...], ou seja, independência, participação, assistência, auto-realização e dignidade. As decisões fundamentam-se na interpretação de como os fatores determinantes do envelhecimento ativo influenciam o modo como as populações e os indivíduos envelhecem.²³

Uma expressão muito utilizada nos discursos sobre a positivação do envelhecimento é: “acrescentar vida aos anos e não anos à vida”. O que este jogo de palavras quer dizer ou, talvez, esconder? A que se refere “a vida”?

Observamos que o que se proclama, apesar de diversas pesquisas atuais²⁴ apontarem para a reflexão sobre o envelhecimento a partir do olhar social, cultural e biológico, o que prevalece em grande parte é o olhar biológico sobre as outras dimensões.

A velhice, tomada como doença, constrói um sujeito submetido ao poder de especialistas. Cria aversão ao envelhecimento, instaura e fortalece o preconceito contra o envelhecer. A promessa de uma vida longa e saudável está expressa em diferentes discursos que compõem

²¹ No Brasil, por exemplo, o Decreto Nº 8.114, de 30 de setembro de 2013, estabeleceu o “Compromisso Nacional para o Envelhecimento Ativo e institui Comissão Interministerial para monitorar e avaliar ações em seu âmbito e promover a articulação de órgãos e entidades públicos envolvidos em sua implementação”. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/noticias/2013/dezembro/comissao-interministerial-do-compromisso-nacional-para-o-envelhecimento-ativo-se-reune>. Acesso em 30.set.2017

²² OPAS. Op, cit. p. 46

²³ Ibidem. p.46

²⁴ Como exemplos de obras que são referência nos estudos de gerontologia, citamos: *Antropologia, saúde e envelhecimento* Maria Cecília de Souza Minayo Carlos E. A. Coimbra Jr. Diversos autores comparam o envelhecer em culturas diversas. *Velhice Ou Terceira Idade?* Organizado por Myrian Lins de Barros traz análise da velhice sob a perspectiva antropológica.

as recomendações propostas por especialistas, mas que, na verdade, traduzem-se em normas de conduta e do viver. Ordinariamente, as referências para qualidade de vida na velhice tomam como base a juventude, por exemplo, a manutenção de vigor e energia, com objetivo de preservar a população do envelhecimento, tomado como um mal em si. Uma doença a ser evitada e debelada.

“Saúde é o que interessa o resto não tem pressa”, bordão repetido continuamente por uma personagem²⁵ de programa de humor da televisão brasileira, traduz, de maneira jocoza, a intenção de se conter riscos, presente na prática da biopolítica. Evitar o risco de doenças, evitar o risco de morte.

Na composição desse cenário, certamente, a mídia²⁶ possui papel determinante como forma do biopoder renovar-se. Ao reproduzir e disseminar as práticas do bem viver, do governo da vida, da política do fazer viver, molda o indivíduo que deseja viver mais para trabalhar mais e consumir mais, harmonizando-se à lógica neoliberal²⁷.

Como conter o envelhecimento, transforma-se em conteúdo para programação e a televisão, por atingir um número expressivo de espectadores, é o melhor recurso para propagar e “contar” a todos os segredos para um envelhecimento saudável. Afinal, “quem não quer uma vida cheia de energia até o último minuto?”²⁸, pergunta o apresentador de um dos programas.

²⁵ Paulo Cintura, personagem de Paulo Cesar Rocha nos programas humorísticos Escolinha do Professor Raimundo, Escolinha do Barulho e Escolinha do Gugu.

²⁶ Nossa referência à mídia diz respeito aos meios de comunicação em geral: a televisão, os jornais, as revistas especializadas e de entretenimento, o rádio e a internet.

²⁷ Basta acompanhar os jornais diários para entender como as informações podem ser facilmente manipuladas a depender do que o poder entende como adequado em determinados momentos. Por exemplo, atualmente, nos deparamos com discussão política importante no país sobre a Reforma da Previdência. Acompanhamos a publicidade do governo e algumas organizações que querem, por força, convencer a população da importância do trabalho para que os velhos continuem colaborando com a sociedade e integrados. Evidente a manipulação, uma vez que se trata de convencer a população da necessidade de postergar a idade da aposentadoria sem, no entanto, apontar as péssimas condições de trabalho, na qual a maioria dos trabalhadores é submetida ou os privilégios concedidos a grupos e indivíduos.

²⁸ Há diversos programas que reafirmam as possibilidades de um envelhecimento ativo e têm por objetivo, ensinar, compartilhar esses segredos. Como exemplo, a TV Globo no Brasil, veicula diversos programas muito populares e citados pelos idosos. Alguns dos programas que versaram sobre o tema: *Envelhecimento nota dez*. Disponível em <https://www.dailymotion.com/video/xuzsf8>. *Longevidade*. Disponível em <http://g1.globo.com/globo-reporter/videos/t/integras/v/globo-reporter-longevidade-15122017/6361145/>. *Longa Vida*. Disponível em <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-188-4-3729,00.html>. *Ter amigos e bom humor é essencial para envelhecer bem*. Disponível em <http://g1.globo.com/globo-reporter/videos/t/edicoes/v/ter-amigos-e-bom-humor-e-essencial-para-envelhecer->

Uma das estratégias dessa biopolítica refere-se à categorização e difusão das formas de envelhecer. Determinam-se os grupos por meio do modo como envelhecem. Divididos entre aqueles que se tornam um peso para o governo, para família, para o serviço público, para previdência, e aqueles que envelhecem de forma produtiva, consumidores de lazer, de entretenimento, de planos de saúde. Seria essa a positivação proposta pelo *Envelhecimento ativo*?

Atuando de maneira difusa, a biopolítica emprega tecnologias que investem sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida, todo o espaço da existência.

Como bem alerta Foucault²⁹, não se trata de identificar “o poder”, uma vez que assinala não entender “o Poder” como conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado:

[...] não entendo poder como sujeição [...] não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro [...] O poder está em toda parte: não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares [...] no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte [...] é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixa-las [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: **[poder] é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (Grifo nosso)**

Como forma complexa de estratégia, faz-se necessário a criação de mecanismos diversos de controle, reguladores e corretivos. Observamos que Foucault não se refere ao poder como “uma coisa”, mas como relações que se estendem por todo campo social, relações móveis, reversíveis e instáveis.

bem/2838711/?mais_vistos=1. O tema é: envelhecer com saúde. <https://globoplay.globo.com/v/3981373/>. Todos acessos em 03.jan.2018.

²⁹ FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*, p. 88-89.. 7ª ed., Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

Porém, devemos pensar como resistir a essa complexa tessitura que faz da vida um objeto de normalização e controle.

Resistir

Apreciemos a orientação de Cícero - que atribui suas palavras a Marco Catão. Catão dialoga com Lélcio e Cipião, maravilhados ante sua capacidade de suportar a velhice:

Mas todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente, faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-la, mas, ao ficarem velhos, se lamentam. Eis aí a inconsequência da estupidez! Queixam-se de que ela chegue mais furtivamente do que a esperavam. Quem então os forçou a se enganar assim? E por qual prodígio a velhice sucederia mais depressa à adolescência do que esta última sucede à infância? [...] Pretender resistir à natureza não teria mais sentido do que querer – como os gigantes – guerrear contra os deuses [...] É, portanto, ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações³⁰

Recorremos a Foucault para refletir sobre a produção de possíveis formas de resistências.

Michel Foucault, a partir de suas pesquisas da Antiguidade, nos lembra do *cuidado de si* como a arte de viver. Sua prática e exercício traz a possibilidade do inventar-se como forma de se assegurar a liberdade. O cuidado de si, *Epiméleia heautou*, tomada como prática, referida no diálogo “Alcebiades”, de Platão, indicando o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo como um conjunto de experiências e técnicas que o sujeito elabora e o auxilia a transformar-se a si mesmo.

³⁰ CÍCERO, Marco T. *Saber envelhecer*, p. 9-11. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, L&PM, 2006.

“Ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida”³¹, e recupera-se o *cuidado de si* como dispositivo de subjetivação.

Esse tempo, assim coloca Foucault, não é vazio “Ele é povoado por exercícios, por tarefas práticas, atividades diversas”³². Ocupar-se de si exige trabalho.

Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde [...] a satisfação, tão medida quando possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que toma dos livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas [...] ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social.

Cuidado de si refere-se a uma noção múltipla, que incorpora diversos cuidados consigo mesmo, diversas práticas de si mesmo, diversas atividades do indivíduo sobre si mesmo constituindo-se, no entanto, não em um exercício solitário, mas integrado a uma prática social. Conferimos importância ao *cuidado de si*, inserido em um amplo contexto de práticas sociais, uma vez que, acreditamos, pode constituir-se em possíveis pontos de resistência aos modos de vida impostos na contemporaneidade.

No que o homem se torne coisal,
corrompem-se nele os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade quase insana,
que empoeira o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos, um inauguração de falas
Coisa tão velha como andar a pé
Esses vareios do dizer.³³
(Manoel de Barros)

³¹ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*, p. 601. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fonte, 2004.

³² Idem. *História da sexualidade III: o cuidado de si*, p. 56-57. 3ª ed., Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

³³ BARROS, Manoel de. *Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada*. Disponível em <http://blogdocarlosantos.com.br/retrato-quase-apagado-em-que-se-pode-ver-perfeitamente-nada/>. Acesso em 01.out.2017

O poeta nos alerta e nos faz refletir sobre o possível, o que se abre e o que resulta da fuga aos modelos e às referências padronizadas. Valorizar-se significa valorizar a vida e relacionar-se com o mundo por meio de experiências e descobertas singulares na linguagem, no movimento. Distanciar-se do que está pronto e definido.

Na poesia de Manoel de Barros, o convite é para que se escape dos padrões de normalidade. Ao poeta – e à arte - cabe a função de arejar as palavras e evitar que morram de clichês, nos lugares-comuns. Proposição que nos remete a Nietzsche e seu aforismo: *O que devemos aprender com os artistas*³⁴

Quais os meios de que dispomos para tornar as coisas belas, atraentes, desejáveis, quando não o são? – e quero dizer, na verdade elas nunca o são! Neste caso, temos algo a aprender com os médicos quando, por exemplo, eles dissolvem o que é amargo demais ou põem vinho e açúcar no jarro da mistura; porém, temos mais ainda a aprender com os artistas, que na verdade, estão constantemente inventando essas coisas e usando esses artifícios. Afastarmo-nos das coisas, até não a vemos mais muito bem e precisarmos olhar bem para elas *para ainda conseguirmos vê-las* – ou ver as coisas virando a esquina e como num recorte – ou então, coloca-las numa posição em que se deformam parcialmente ou só ofereçam uma visão em perspectiva – ou observá-las através de um vidro tingido ou à luz do crepúsculo – ou então, dando-lhes uma superfície e uma pele sem uma transparência completa: devemos aprender isso com os artistas, e além de tudo, devemos ser mais sábios do que eles. Pois, no caso deles, geralmente essa capacidade refinada acaba onde acaba a arte e começa a vida; porém, nós queremos ser os poetas de nossa vida e, em primeiro lugar, das coisas menores e cotidianas.

³⁴ NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência, Aforismo 299, p. 292. Tradução e notas Inês A. Lohbauer. São Paulo, Martin Claret, 2016. (Coleção edição especial)

Aprender com os artistas a forma de lidar, de relacionar-se com o mundo, de manter distanciamento das coisas, permite-nos observar e examinar nossas vidas sob diferentes perspectivas a fim de tornarmo-nos os autores, os poetas de nossa vida ao *corromper os veios comuns do entendimento*, deixar *aflorar uma linguagem de defloramentos*, *instalar uma agramaticalidade*, possibilitando, nesses *vareios de dizer*, a criação de espaços para novos modos de vida, ou, dito de outra forma, sermos os poetas de nossa vida e torná-la uma obra de arte.

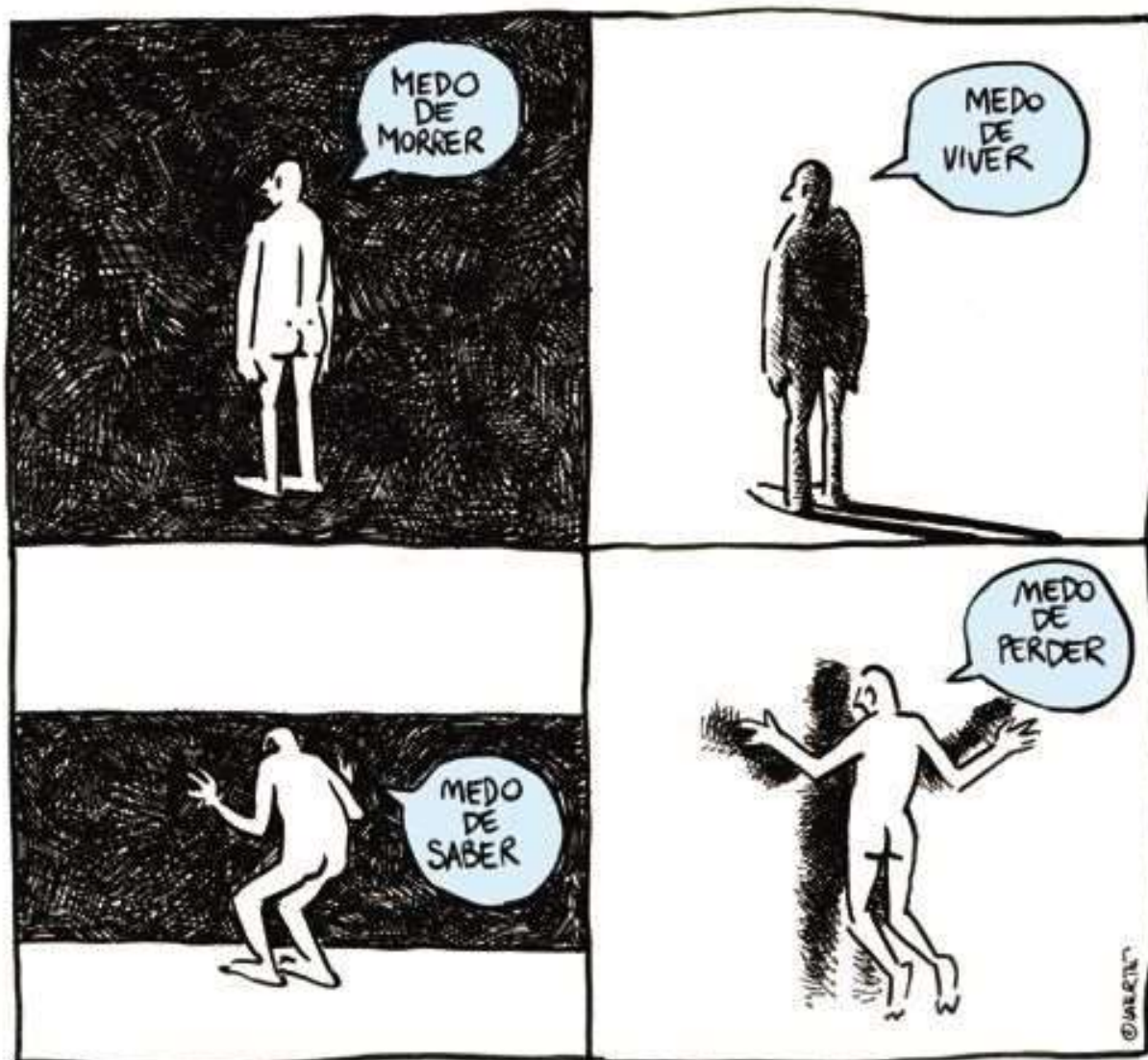
Assim, encerramos com Foucault³⁵, quando propõe:

[...] tendo adquirido toda a experiência possível, o idoso será soberano de si mesmo e pode satisfazer-se inteiramente consigo [...] O idoso é, portanto, aquele que se apraz consigo, e a velhice, quando bem preparada por uma longa prática de si, é o ponto em que o eu [...] finalmente atingiu a si mesmo, reencontrou-se, e em que se tem para consigo uma relação acabada e completa, de domínio e satisfação ao mesmo tempo.

³⁵ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*, p. 135. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fonte, 2004.

A Nome	Instituição/Estado	Início em	Área de concentração
Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia	Pontifícia Universidade Católica SP (SP)	1997	Gerontologia Social
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia	UNICAMP (SP)	1997	Envelhecimento, saúde e sociedade
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica (M/D)	Pontifícia Universidade Católica RS (RS)	2000	Gerontologia Biomédica
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Gerontologia	Universidade Católica de Brasília (DF)	2003	Longevidade e Qualidade de Vida
Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano	Universidade de Passo Fundo (RS)	2009	Envelhecimento, saúde e sociedade
Programa Ciências do Envelhecimento	Universidade São Judas Tadeu (SP)	2010	Saúde , Educação e Qualidade de Vida
Programa Promoção da Saúde	Centro Universitário de Maringá (PR)	2011	Promoção da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Saúde e Envelhecimento	Faculdade de Medicina de Marília (SP)	2012	Envelhecimento, saúde e sociedade
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia	Universidade Federal de Pernambuco (PE)	2014	Gerontologia
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia	Universidade de São Paulo (SP)	2015	Gerontologia
Programa de Pós Graduação em Gerontologia	Universidade Federal de São Carlos (SP)	2017	Gerontologia

Nome	Instituição/Estado	Linhas de pesquisa
Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia	Pontifícia Universidade Católica SP (SP)	1) Gerontologia: teorias e métodos e 2) Gerontologia: Processos Político-Institucionais e Práticas Sociais
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia	UNICAMP (SP)	1)Velhice bem-sucedida, personalidade e sociedade 2) Saúde e Qualidade de Vida na Velhice 3) Envelhecimento e doenças crônicas
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica (M/D)	Pontifícia Universidade Católica RS (RS)	1) Aspectos biológicos do envelhecimento 2) Aspectos socioculturais, demográficos e bioéticos no envelhecimento 3) Aspectos clínicos e emocionais no envelhecimento 4) Envelhecimento e saúde pública .
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Gerontologia	Universidade Católica de Brasília (DF)	1)Aspectos Físicos, Biológicos , Epidemiológicos e Tecnológicos Relacionados ao Envelhecimento 2) Aspectos Psicossocioculturais e Artísticos do Envelhecimento
Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano	Universidade de Passo Fundo (RS)	1) Aspectos culturais e educacionais do envelhecimento humano;2) Aspectos biológicos e psicossociais do envelhecimento humano.
Programa Ciências do Envelhecimento	Universidade São Judas Tadeu (SP)	1) Aspectos biológicos e funcionais do envelhecimento 2)Aspectos educacionais, psicológicos e socioculturais do envelhecimento.
Programa Promoção da Saúde	Centro Universitário de Maringá (PR)	1) Promoção da Saúde no Envelhecimento 2) Educação e Tecnologias na Promoção da Saúde .
Programa de Pós-Graduação em Saúde e Envelhecimento	Faculdade de Medicina de Marília (SP)	1) Gestão e Educação em Saúde , com ênfase em métodos ativos de ensino-aprendizagem 2) Organização morfofuncional e homeostasia nas diferentes fases do ciclo da vida3) Aspectos biológicos , epidemiológicos e sociais relacionados ao envelhecimento e às doenças associadas
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia	Universidade Federal de Pernambuco (PE)	1)Envelhecimento e Saúde 2) Envelhecimento, Cultura e Sociedade
Programa de Pós-Graduação em Gerontologia	Universidade de São Paulo (SP)	1)Gestão Gerontológica 2) Processos Educativos no Envelhecimento 3) Saúde , Envelhecimento e Doenças Crônicas
Programa de Pós Graduação em Gerontologia	Universidade Federal de São Carlos (SP)	1) Saúde , Biologia e Envelhecimento e 2) Gestão, Tecnologia e Inovação em Gerontologia



Laerte¹

¹ Disponível em <https://br.pinterest.com/explore/laerte-coutinho/?lp=true>. Acesso em 01.dez.2017

A partir do medo

Conheceu vida e vigor. Por vezes, gozou de um tempo sereno; por outras, como acontece, o sol foi encoberto por algumas nuvens. Por que indagas qual foi a duração de sua vida? Ele vive. (Sêneca)¹

Sêneca já chamava atenção em sua carta ao amigo Lucílio para o equívoco de preocupar-se com a duração da vida, da ânsia e angústia em viver mais, para ressaltar a importância da vida, em si. O viver. “[...] viver muito tempo quem decide é o destino. Viver plenamente, o teu espírito. A vida é longa se for vivida com plenitude.”²

Para se viver a vida em sua plenitude, o medo e a culpabilização deveriam ser suprimidos ou, ao menos, percebidos de forma que não permitam que a vida seja paralisada. Aqui, nos deixamos conduzir pelo olhar de Spinoza sobre os valores que depreciam a vida. A vida mantida como aparência, a presença do medo, a ansiedade e inquietação para evitar a morte.

Neste texto, refletiremos – seguindo encadeamento de nossa discussão sobre o envelhecer – como o *medo* transforma-se em dispositivo de controle, operado pelo biopoder. Termo cunhado por Foucault para designar um poder que tem por objetivo cuidar da população, dos processos biológicos, ordenar e canalizar as forças, gerir a vida. Um tipo de poder diferente das sociedades pré-industriais, pois, enquanto o poder *soberano* consistia no *fazer morrer* ou *deixar viver*, o biopoder instituiu o *fazer viver*.

Entendemos que, por meio de práticas discursivas e sociais, tal conexão tem por objetivo enfraquecer a potência de agir e esvaziar a dimensão criativa do indivíduo para que se

¹ Sêneca. “Da qualidade da vida comparada com sua duração” p. 91 In *Aprendendo a viver*. Tradução de Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre, RS, L&PM, 2008.

² Ibidem p. 90

conforme e se alie a uma velhice submetida, que opte pela reprodução passiva de modos de vida sugeridas e preconizadas como seguras e saudáveis.

Se os homens vivessem sob a condução da razão, cada um desfrutaria desse seu direito sem qualquer prejuízo para os outros. Como, entretanto, estão submetidos a afetos, os quais superam, em muito, a potência ou a virtude humana, eles são, muitas vezes arrastados para diferentes direções e são reciprocamente contrários, quando o que precisam é de ajuda mútua.³

Desta afirmação de Spinoza, depreendemos a ascendência dos afetos sobre a razão, ou seja, a razão não representa privilégio algum da condição humana, pois, “[...] nós não podemos conhecer a nós mesmos e aos corpos exteriores senão pelas afecções que os corpos exteriores produzem sobre o nosso”⁴. Ao recusar a racionalidade, afirma a essência do indivíduo não na razão, mas na existência. Existência entendida como a variação contínua da potência de agir, força de existir de um indivíduo.

Além disso, tal abordagem implica em uma reação de Spinoza a Descartes e estabelece a dinâmica dos afetos desempenhando papel determinante na subjetivação.

Não têm faltado, certamente, homens eminentes (a cujo trabalho e engenho muito devemos), que têm escrito muitas e excelentes coisas sobre o correto modo de vida e dado, aos mortais, conselhos plenos de prudência. Mas ninguém, que eu saiba, determinou a natureza e a força dos afetos nem, por outro lado, que poder tem a mente para regulá-los. Sei, é verdade, que o muito celebrado Descartes, embora também acreditasse que a mente tem um poder absoluto sobre suas próprias ações, tentou aplicadamente, entretanto, explicar os afetos humanos por suas causas primeiras e mostrar, ao mesmo tempo, a via pela qual a mente pode ter um domínio absolutos sobre os afetos. Mas ele nada mais mostrou, em minha opinião, do que a perspicácia de sua grande inteligência [...]⁵

³ SPINOZA, B. *Ética*. Quarta Parte, Proposição 37, escólio 2, p. 309. .2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008.

⁴ DELLEUZE, G. *Cours vincennes* 24/01/1978. Traduzido por Francisco Traverso Fuchs. Disponível em <https://www.webdeleuze.com/textes/194>. Acesso em 10.jan.2018.

⁵ SPINOZA, B. op. cit. Prefácio. Terceira Parte. P. 161

Para Spinoza, “o medo é uma tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida”⁶ e leva à servidão. Um indivíduo premido pelo medo do envelhecer, pela exclusão social, amedrontado pelas estatísticas de doenças e fragilidades pode tornar-se um bom consumidor de mercadorias e produtos, cirurgias, medicamentos, práticas corporais. O mesmo medo de envelhecer que leva à reprodução de preconceitos, ao idadismo e continua construindo estereótipos sobre a velhice e o envelhecer.

Ainda com objetivo de relacionar a produção do medo, na sociedade, como dispositivo de controle, nos remetemos a Vladimir Safatle⁷, na mesma linha de pensamento, para quem:

[...] compreender sociedades como circuitos de afetos implicaria partir dos modos de gestão social do medo, partir de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma. Pois, se, de todas as paixões, a que sustenta mais eficazmente o respeito às leis é o medo, então deveríamos começar por nos perguntar como ele é produzido [...] mobilizado [...] como se produz a transformação do medo contínuo da morte violenta, da despossessão dos bens, da invasão da privacidade, do desrespeito à integridade de meus predicados em motor de coesão social.

Ao que, de acordo com nossa reflexão, adiciono as seguintes questões: como o medo da doença, da fragilidade, da dependência, da velhice, do corpo fora dos padrões pode ser produzido, mobilizado e transformar-se em motor de obediência a ditames para o bom envelhecer? Tomamos o *medo* como afeto biopolítico, como elemento apto a direcionar subjetivações.

Antes de iniciar a discussão

Uma vez que propomos a teoria dos afetos, de Spinoza, como ponto de partida para refletir como o *medo*, na contemporaneidade, surge na forma de controles e ordenações produzidos e empregados com objetivo de criar modelos de subjetivação do velho, consideramos

⁶ SPINOZA, B. op. cit. Terceira Parte, Definições p. 243.

⁷ SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. p. 16. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.

conveniente compor esses elementos à teoria dos afetos, segundo Spinoza, e à concepção do biopoder, conforme proposto por Foucault.

Afeto e afecção são conceitos interligados. Enquanto afeto diz respeito à passagem, transição, variação da potência de agir ou força de existir de um corpo afetado por um corpo exterior, a afecção refere-se ao estado de um corpo sofrendo a ação de outro corpo. A afecção traz sempre corpos em relação, mistura de corpos.

Para melhor entender esses conceitos, Deleuze⁸ explica, em uma de suas aulas do *Cours de Vincennes*, em que trata do tema *Ideia e afeto* em Spinoza, que:

[...] a idéia é um modo de pensamento definido pelo seu caráter representativo. Isso já nos dá um primeiro ponto de partida para distinguir idéia e afeto (*affectus*), porque se chamará de afeto todo modo de pensamento que não representa nada. O que isso quer dizer? Tomem ao acaso o que qualquer um chama de afeto ou sentimento, uma esperança por exemplo, uma angústia, um amor, isto não é representativo. Certamente há uma idéia da coisa amada, há uma idéia de algo que é esperado, mas a esperança enquanto tal ou o amor enquanto tal não representam nada, estritamente nada. Todo modo de pensamento enquanto não representativo será chamado de afeto. Uma volição, uma vontade, implica, a rigor, que eu queira alguma coisa; o que eu quero, isto é objeto de representação, o que eu quero é dado numa idéia, mas o fato de querer não é uma idéia, é um afeto, porque é um modo de pensamento não representativo.

Assim, “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”⁹. Afetar e ser afetado refere-se a passagem, transição de uma perfeição menor a uma maior – alegria -, ou de uma maior a uma menor – tristeza.

Para nossa discussão, é importante apontar que o *medo* refere-se a um afeto triste, que, segundo a tipologia de Spinoza, diminui a potência de agir de um corpo ou sua força de existir.

⁸ DELEUZE, G. op. cit.

⁹ SPINOZA, B. op. cit. Terceira Parte, Definições p. 163.

Seguindo ainda a explicação de Deleuze¹⁰, que nos diz:

E sobre essa linha melódica de variação contínua constituída pelo afeto, Spinoza irá determinar dois pólos, alegria-tristeza, que serão para ele as paixões fundamentais: a tristeza será toda paixão, não importa qual, que envolva uma diminuição de minha potência de agir, e a alegria será toda paixão envolvendo um aumento de minha potência de agir. Isso permitirá que Spinoza, por exemplo, realize uma abertura em direção a um problema moral e político muito fundamental, que será sua própria maneira de estabelecer o problema político: **como acontece que as pessoas que têm o poder, não importa em que domínio, tenham necessidade de afetar-nos de uma maneira triste? As paixões tristes como necessárias: inspirar paixões tristes é necessário ao exercício do poder. (Grifo nosso)**

Daí que chegamos à conexão que pretendemos desenvolver para esta discussão.

A biopolítica refere-se a um conjunto de mecanismos e dispositivos de poder a cargo de instituições que estabelecem as normas e os limites, que definem os comportamentos como normais ou desviantes:

[...] designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica - por meio dos biopoderes locais - se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas.¹¹

Importante assinalar que medidas de controles, registros de nascimento e de morte foram incorporadas gradativamente e, assim, os processos que diziam respeito às populações vivas: a natalidade, a mortalidade, as epidemias, o envelhecimento, impelidos pelo acúmulo de

¹⁰ DELEUZE, G. op. cit.

¹¹ REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*, p. 26. Tradução Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos, Claraluz, 2005. Disponível em <http://www.uesb.br/eventos/pensarcomveyne/arquivos/REVEL-Conceitos-essenciais.pdf>. Acesso em 10.maio.2016.

conhecimentos científicos. Dessa forma, o biopoder caracteriza-se como poder indispensável para o desenvolvimento do capitalismo na medida em que tem por objetivo produzir, fazer crescer para ordenar e controlar as forças.

Segundo Deleuze¹², as sociedades disciplinares - apontadas por Foucault – atingem seu ápice no início do século XX. Baseada no adestramento e nos espaços contingentes e contentores (a escola, a família, a fábrica, a prisão, o asilo), a sociedade disciplinar fiscaliza e vigia e tem o corpo como alvo, para modelá-lo.

No entanto, a partir da segunda metade do século XX, com as instituições de confinamento em crise e provocando reformas da escola, dos hospitais¹³, temos a sociedade de controle substituindo a sociedade disciplinar quando, ainda segundo Deleuze, os moldes dos confinamentos dão lugar às modulações.

Não dependendo do confinamento, o novo regime de controle é disperso e desterritorializado. Os centros-dia são alternativas às casas de repouso, assim como os residenciais para idosos, ocupando-se de públicos ou clientes diferentes, são alternativas aos asilos; hospitais-dia são alternativas aos hospitais; as escolas, em sua “ação de formação permanente”, colaboram na formação do empreendedor de si.

A autorresponsabilização e autorregulamentação levam à boa velhice, aquela onde o trabalho representa fonte de prazer¹⁴ e ocupa lugar central da vida, aliado à perspectiva de segurança e possibilidade do consumo.

Muitos países desenvolvidos já mudaram as políticas na aposentadoria para incentivar as pessoas a trabalharem por mais tempo. Em um mundo onde teremos mais idosos do que jovens essas mudanças são normais e necessárias [...] Queríamos criar o programa ‘Céus amigos dos idosos’, em parceria com aeroportos e companhias aéreas [...] É preciso antecipar as necessidades financeiras e as possíveis limitações que podem levar a

¹² DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editôra 34. 1992. p. 219. Disponível em <https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf>.

¹³ A contemporaneidade nos mostra muito claramente essa questão. Os movimentos de humanização dos hospitais, as escolas – modelos do século XIX – que não atendem mais às necessidades. Modelos que já não cabem e em busca de outros....modelos!

¹⁴ No Brasil, particularmente, vivemos um momento onde as intenções de reforma da previdência e outras legislações fazem com que o discurso do trabalho como “fonte de vida e prazer” coadune-se com os objetivos da elite.

mudanças no estilo da vida, como na habitação, por exemplo. Também é preciso planejar o fim da vida, com base nas diretrizes previstas.¹⁵

|

Está criado um contexto, onde a palavra *risco* adquire importância absoluta e passa a ser explorada como novo mecanismo de controle: deve-se administrar os riscos à saúde, à morte e o risco à juventude, representado pelo envelhecer.

Assim, o aumento da população de velhos, na contemporaneidade, acaba por configurar-se como problema político e traz como consequência da biopolítica um assujeitamento da subjetividade ao modelo do envelhecimento saudável e ativo.

Quem tem medo...

Na pesquisa, Idosos no Brasil¹⁶, realizada em meados da primeira década dos anos 2000, os respondentes, ao serem questionados sobre “as piores coisas que viriam com a idade”, apontam as debilidades físicas, a dependência, a perda de autonomia e a discriminação social.

A perda de autonomia e a dependência surgem novamente no questionamento sobre “percepções sobre a morte”. A maioria assegura não ter medo da morte, grande parte respaldando-se na confiança em Deus, a quem a vida pertence, e na crença de uma vida eterna, mas a perda da autonomia e a dependência, além do sofrimento e dor, são temores e medos mencionados.

O que perverte a vida é o ódio, inclusive o ódio contra si mesmo, a culpabilidade. Espinoza segue passo a passo o encadeamento das paixões tristes [...] a sua análise é tão profunda, que consegue encontrar, até na *esperança* e na *segurança*, o grão de tristeza que basta para fazer delas sentimentos de escravos. A verdadeira cidade propõe aos cidadãos o amor da liberdade de preferência à esperança das recompensas ou mesmo à segurança

¹⁵ O Estado de São Paulo. ‘Preparar-se para envelhecer não é fazer mais ginástica’, diz especialista canadense. Disponível em <http://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/preparar-se-para-envelhecer-nao-e-fazer-mais-ginastica-diz-especialista-canadense>. Acesso em 4.set.2017.

¹⁶ Sesc São Paulo, Sesc Departamento Nacional e Fundação Perseu Abramo. *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. 2006. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102_PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+VIVENCIAS+DES+AFIOS+E+EXPECTATIVAS+NA+3+IDADE. Acesso em 10.jan.2017.

dos bens, pois “é aos escravos, não aos homens livres, que damos recompensas por boas condutas”¹⁷

As formulações destinadas à positivação da velhice, preconizada em documentos e formulações, acabam, na verdade, por subjugar o envelhecimento, e, quem envelhece, a ordenações e modelos que se justificam e agrupam seguidores, também, através do medo¹⁸.

Lembramos aqui do atual jargão, amplamente utilizado dos “novos velhos”. Uma contradição de termos que tem sua razão de ser, uma vez que se joga com uma formulação como se fosse uma disposição para ser diferente - para contrariar um estereótipo - e, no entanto, é a juventude fixada como referência de uma existência segura.

Assim, nos deparamos com uma prática discursiva que, em suas proposições, procura harmonizar *esperança* e a *segurança* e carrega, ao mesmo tempo, seu contraponto - o *medo* e o *desespero*.

Como ilustração dessa prática discursiva, que oscila entre a *segurança* e o *medo* de modo fortuito, a matéria *Sally Greengross, baronesa e ativista: 'Os velhos já podem viver sem o chá da princesa'*¹⁹, que reporta à presença dessa ativista para participação em evento sobre envelhecimento, ocorrido no Brasil, no final de 2017, nos chama a atenção uma vez que aponta, ao mesmo tempo, para a visibilidade que as questões dos idosos adquiriram no Reino Unido e a consequente quantidade de políticas públicas voltada a esse segmento, traduzindo a *segurança*, para logo em seguida, assinalar: “**Grande parte das pessoas terá demência** e, enquanto esperamos que uma cura seja encontrada, precisamos cuidar delas com atenção.” (Grifo nosso).

¹⁷ DELEUZE, G. *Espinoza: uma filosofia prática*. São Paulo, Escuta. 2002. p. 32. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-g-espinoza-filosofia-pratica.pdf>. Acesso em 28.ago.2017.

¹⁸ Curiosamente, no momento em que releio este texto, recebo o seguinte e-mail de um Hospital de Olhos – como coordenadora editorial de uma publicação que tem o envelhecimento como tema, recebo inúmeros desse tipo. Este anuncia: *Processo de envelhecimento é implacável com a visão. Mas nem tudo está perdido, diz especialista* Novas tecnologias desafiam constantemente o processo de envelhecimento. Hoje, quem tem 60 anos pode muito bem parecer 20 anos mais jovem com ajuda de novos produtos e equipamentos empregados na indústria da beleza. Já com relação aos olhos a coisa não é tão simples assim. A visão, com o passar do tempo, sofre modificações resultantes do processo de envelhecimento e altera a forma com que a pessoa enxerga o mundo e se relaciona com tudo à sua volta. Mesmo assim, na opinião do oftalmologista nem tudo está perdido e, obviamente, oferece uma série de serviços.

¹⁹ Sally Greengross, baronesa e ativista: 'Os velhos já podem viver sem o chá da princesa'. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/sally-greenross-baronesa-ativista-os-velhos-ja-podem-viver-sem-cha-da-princesa-17903277>. Acesso em 10.nov.2017.

Não é preciso ser especialista no tema do envelhecimento para saber do impacto e do *medo* que as discussões sobre demências provocam nos indivíduos em geral. O medo está presente, mesmo que indiretamente, nessas proposições de posituação da velhice.

Nesse âmbito do campo das proposições direcionadas à posituação da velhice, uma série de relações e formulações constrói uma política de afetos tristes, que se efetiva numa forma de controle, exatamente pelo seu caráter biopolítico. Ou seja, formulações que paralisam corpos, regulando-os de acordo com modelos controlados, que esvaziam a possibilidade de descobertas e criatividade. Tais modelos mobilizam devires perversos e pouco acolhedores na medida em que permitem e estimulam estados de servidão fechados sobre si mesmos.

[...] se concebemos que uma coisa que está por vir é boa e pode ocorrer, daí a mente adquire essa forma que denominamos *esperança* [...] Se, pelo contrário, julgamos que a coisa que pode ocorrer é má, daí vem à nossa mente a forma que denominamos *medo*. Se concebemos que uma coisa é boa e ocorrerá necessariamente, daí vem à nossa mente a tranquilidade que denominamos *segurança* [...] Porém, se concebemos que a coisa é má e ocorrerá necessariamente, daí vem à mente o desespero [...] ²⁰

Na moralização da vida, que estabelece e determina a escolha entre o bem e o mal, é que se manifestam a culpabilização, o ressentimento e o desespero. Entendemos que tais sentimentos e percepções podem ser provocados, ou serem consequência de todo um complexo de informações, ações e orientações que têm por objetivo o “envelhecer bem”, e, quando tais orientações apresentam-se na forma de injunção por meio de normas e regulações e criam tal pressão - para que todos se incluam nos padrões e sigam modelos prescritos - acabam por constituir-se como opressão e dominação, particularmente, em uma sociedade onde o trabalho, a produção, a independência são fundamentais.

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo **controlada, selecionada, organizada e redistribuída** por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus **poderes e perigos** [...] ²¹

²⁰ SPINOZA, Baruch. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução e notas Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Olive. 1ª ed., Belo Horizonte, Autêntica. 2014. p. 109

²¹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*, p. 10 Trad. Laura Fraga. 24. Ed., São Paulo, Loyola, 2014.

Nos anos 1980, discussões sobre envelhecimento mundial produziram visibilidade a programas e encontros de organismos internacionais, assim como vários documentos elaborados a partir deles, com objetivo de propor ações que tinham como base a saúde, nutrição, proteção aos consumidores idosos, bem-estar social, entre outros.

Assim, a primeira *Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento*, em 1982, produziu o *Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento*, a partir do:

[Reconhecimento da] necessidade de assinalar à atenção mundial os graves problemas que afligem uma parte cada vez maior da população do mundo, a Assembléia Geral das Nações Unidas decidiu, em sua resolução 33/52, de 14 de dezembro de 1978, convocar, em 1982, uma Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento. O propósito era que a Assembléia Mundial servisse de foro “para iniciar um programa internacional de ação que visa a garantir a segurança econômica e social das pessoas de idade, assim como oportunidades para que essas pessoas contribuam para o desenvolvimento de seus países”. Em sua resolução 35/129, de 11 de dezembro de 1980, a Assembléia Geral manifestou também seu desejo de que, como resultado da Assembléia Mundial, “as sociedades reajam mais plenamente ante as conseqüências sócio-econômicas do envelhecimento das populações e ante as necessidades especiais das pessoas de idade”.²²

Aqui, as palavras-chave, “graves problemas que atingem a população”, “segurança”, “consequências socioeconômicas” estão presentes em destaque e como argumentos para convencimento da necessidade de controlar um mal que se anuncia e considera-se a construção de uma regulação securitária para classificar os riscos e os níveis de perigo.

Toda movimentação com vistas a pensar o envelhecimento populacional mundial nos reporta ainda a Spinoza, que, no *Escólio da Proposição 63* de sua *Ética*, aponta:

Proposição: Quem se deixa levar pelo medo e faz o bem para evitar o mal não se conduz pela razão [...] Escólio. Os supersticiosos, que, mais do que ensinar as virtudes, aprenderam a censurar os vícios, e que se aplicam a conduzir os homens não segundo a razão, mas a contê-los pelo medo, de maneira que, mais do que amar as virtudes, fujam do mal, não pretendem senão tornar os demais tão infelizes quanto eles próprios [...]

²² Organização das Nações Unidas. ONU. *Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento*. Traduzido por Sergio Antonio Carlos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em <http://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>. Acesso em 02.ago.2017

Seguiram-se, em 1991, o *Princípio das Nações Unidas em Favor das Pessoas Idosas* e, em 1992, a *Conferência Internacional sobre o Envelhecimento*, que lançou a *Proclamação do Envelhecimento* e, seguindo a recomendação da Conferência Internacional, a Assembleia Geral da ONU declarou 1999 o *Ano Internacional do Idoso*.

Já em 2002, a *Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento*, realizada em Madri²³, produziu, com objetivo de desenvolver uma política internacional para o envelhecimento para o século XXI, o *Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento de Madrid*²⁴.

Tais planos têm como foco o envelhecimento e passam pela promessa do viver mais e melhor – *a esperança* -, desde que alguns procedimentos sejam seguidos – *medo* -, particularmente, um estilo de vida saudável, participativo e ativo. A segurança e a tranquilidade serão recompensas daqueles que souberam e/ou puderam seguir as prescrições.

Os *Planos de Viena* e de *Madrid* chamavam atenção às consequências socioeconômicas do envelhecimento das populações e para necessidade de medidas que tratassem de idosos e desenvolvimento, promoção da saúde e bem-estar na velhice, respectivamente.

Como contribuição à Assembleia de 2002, a Organização Mundial da Saúde elaborou o documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. O conceito de *Envelhecimento ativo*²⁵ considera a necessidade de um “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” para que o envelhecimento possa ser uma “experiência positiva”, afirmando que organizações internacionais e a sociedade civil ao implementarem políticas e programas para um “envelhecimento ativo” poderão melhorar a saúde, a participação e a segurança dos cidadãos mais velhos.

²³ A ONU e as pessoas idosas. Disponível em <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>. Acesso em 20.ago.2017

²⁴ Organização das Nações Unidas. ONU. *Plano Internacional sobre o envelhecimento*. Tradução de Arlene Santos, revisão de português de Alkmin Cunha; revisão técnica de Jurilza M.B. de Mendonça e Vitória Gois. Brasília, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

²⁵ Como base para esta pesquisa, utilizaremos o documento traduzido e impresso no Brasil, em 2005, pela Organização Pan-Americana de Saúde, *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf a partir do texto original de 2002, *Active ageing policy framework* da World Health Organization-WHO, disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf.

Partindo desse princípio, cujo conceito e orientações permeiam grande parte das ações voltadas aos velhos desde o início dos anos 2000, indicam-se alguns tópicos básicos como elementos para a posituação do envelhecer, com objetivo de “aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados”, baseados em três pilares: saúde, participação e segurança, como propostas de ações intersetoriais.

A saúde refere-se ao bem-estar físico, mental e social. Destacando-se que para um projeto de envelhecimento ativo, além da promoção da saúde mental e relações sociais são consideradas no mesmo nível de importância, a manutenção da autonomia, aqui entendida como a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais no seu cotidiano, de acordo com suas próprias regras e preferências, e a independência – a habilidade de realização das atividades da vida diária –, como metas fundamentais tanto para os indivíduos como para os governantes.

A participação refere-se à atuação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho.

A segurança remete-nos a políticas e programas que devem garantir os direitos, assim como a segurança social, física e financeira, e garantir assistência e proteção aos velhos e/ou às suas famílias, quando não têm condições de manter-se.

Um quarto elemento/pilar foi incorporado em 2015: a aprendizagem ao longo da vida. O acesso à informação é apresentado como *commodity*²⁶, importante na sociedade globalizada, para favorecer a empregabilidade, e o bem-estar seria outra chave para o acesso ao Envelhecimento Ativo.

Produzido pelo Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil)²⁷, autodenominado uma *think-thank*²⁸, *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da*

²⁶ Aqui apontamos uma característica nessas práticas discursivas, o empréstimo de termos de áreas diferentes e que, entendemos, reflete na percepção de quais são os sistemas de dominação. Neste caso, *commodity* refere-se a produtos primários e/ou produzidos em massa – de baixo valor agregado – destinado ao comércio externo.

²⁷ ILC-Brasil é membro da *Global alliance international longevity centres*, um consórcio internacional.

²⁸ Na definição da Wikipedia, *Think Thanks* são organizações e instituições que atuam na difusão e produção de conhecimentos sobre assuntos estratégicos **com objetivo de influenciar políticas**.

*longevidade*²⁹ teve como objetivo ampliar e atualizar o documento anterior, de 2002, mantendo, porém, as mesmas premissas.

Pode-se questionar por onde caminham e quais os motivos para essas críticas possíveis a tais formulações. Trata-se, no entanto, de analisar, propor olhares que perscrutem as propostas, e o que temos a considerar enquanto valorização da vida. Ainda, a partir de Spinoza, expor recomendações que nos separam da vida, tornando-nos apegados a ilusões e promessas. Trata-se de analisar a abrangência e as consequências do conceito do *Envelhecimento ativo* que “[...] aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais”

Os especialistas e mentores dos preceitos do *Envelhecimento ativo* organizam-se de tal forma que suas orientações podem ser apreendidas como diretrizes e instruções ou alertas, como na entrevista³⁰ publicada em jornal de grande circulação no país, no caderno de “saúde” que previne em sua manchete “‘Preparar-se para envelhecer não é fazer mais ginástica’, diz especialista canadense”. A seguir, o lead apresenta “*Louise Plouffe, uma das mentes por trás do programa Cidades Amigas do Idoso, da OMS, faz um alerta a quem lida com o avanço da idade pensando só no bem-estar físico*”.

Sabemos tratar-se de uma profissional, com extenso currículo, portanto, detentora de um saber, que apresenta orientações e suas convicções, como especialista, de como preparar-se para o envelhecer. Consultora da OMS – Organização Mundial da Saúde e do LIC - *Longevity International Center*, organismos mentores dos planos de ações para o envelhecimento e dos preceitos do *Envelhecimento ativo*.

Na entrevista, aponta para uma série de práticas, além da atividade física, sugeridas para um bom envelhecer. Cultivar a mente, participar de redes sociais, viajar. Ou seja, preparar-se para o envelhecer é, também, preparar-se como consumidor pronto a usufruir e compor estatísticas

²⁹ Centro Internacional de Longevidade Brasil. ILC-Brasil. *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1ª edição, Rio de Janeiro. 2015. Disponível em http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em 10.jul.2016.

³⁰ SHORES, N. e CURY, T. ‘Preparar-se para envelhecer não é fazer mais ginástica’, diz especialista canadense. Disponível em <http://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/preparar-se-para-envelhecer-nao-e-fazer-mais-ginastica-diz-especialista-canadense>. Acesso em 20.nov.2017

da indústria do turismo, do entretenimento e da formação permanente com vistas a capacitar para um mercado, onde todos devem produzir e ser úteis, inclusive os velhos.

Perceptível a mesma prática discursiva que procura harmonizar *esperança* e a *segurança* e carrega, ao mesmo tempo, seu contraponto - o *medo* e o *desespero*. Poucos geriatras para atender aos idosos, incentivar os velhos a trabalharem por mais tempo em função de mudanças nas políticas de aposentadoria, manter serviços básicos de saúde a fim de prevenir impactos fiscais negativos.

Para que “as sociedades reajam mais plenamente ante as **consequências socioeconômicas** do envelhecimento das populações e ante as necessidades especiais das pessoas de idade” ³¹ é preciso que todos sejam bons gestores de si. Afinal, quem deseja ser dispendioso para a sociedade?

Cuidado! Serão aqueles que, ao contrário dos “ativos”, não seguem as prescrições corretas e, dessa forma, sobrecarregam com suas mazelas todo sistema de saúde. Faz-se assim, uso dos controles entre cada indivíduo. Afinal, cada um deve responsabilizar-se por seus fracassos e suas doenças.

Na obra, *As doenças e os medos sociais*³², a apresentação da coletânea de artigos que trata do tema assinala como o medo, ao espalhar-se para as questões da doença, acaba por potencializar nos indivíduos sentimentos intimamente ligados a ideia do fracasso, uma vez que vivemos no desafio permanente de uma vida definida pelo saudável.

Em *A máquina de fazer espanhóis*³³, de Valter Hugo Mãe, romance que acompanha antonio jorge da silva, um octogenário, que ao perder a companheira de anos passa a morar em um asilo, nos deparamos com a presença do medo, da morte, da solidão. O

³¹ ONU. Organização das Nações Unidas. *Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento*. Traduzido por Sérgio Antonio Carlos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em <http://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>. Acesso em 02.ago.2017

³² MONTEIRO, Y. N. e CARNEIRO, M. L. T. (orgs). *As doenças e os medos sociais*. São Paulo, Fap-UNIFESP, 2012.

³³ MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. s.l.p., Editôra Objectiva. 2010. Disponível em [http://ler-agora.jegueajato.com/Valter%20Hugo%20Mae/a%20maquina%20de%20fazer%20espanhois%20\(2110\)/a%20maquina%20de%20fazer%20espanhois%20-%20valter%20hugo%20mae?chave=1677cfea7cb1b4e721f78316a481fd9c](http://ler-agora.jegueajato.com/Valter%20Hugo%20Mae/a%20maquina%20de%20fazer%20espanhois%20(2110)/a%20maquina%20de%20fazer%20espanhois%20-%20valter%20hugo%20mae?chave=1677cfea7cb1b4e721f78316a481fd9c). Acesso em 10.jul.2017.

medo sempre presente, de algo pior, que pode ou está por acontecer, resquício de uma vida submetida à violência e à ditadura, é o próprio medo que faz com que antonio reflita sobre sua trajetória de pai, companheiro.

Sentindo-se traído pela filha, que considerou a possibilidade do pai passar a morar em um asilo, após a morte da esposa, como a melhor opção para ambos, o romance traz várias anunciações dos medos do sr antonio jorge da silva. A vida regada à prudência, à proteção da família e dos seus, na convivência de um regime de terror e repressão – o Salazarismo -, que o faz, na velhice, perceber-se “menos bondoso” do que se julgava, além de desamparado.

[...] a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias, foi o que fizeram, depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher, depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem de nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma. E um médico respondeu, a verdade é que ficam mais calmos [...]³⁴

A forma como os lenientes são receitados faz parte dessa dominação de quem deseja exercer o controle. O sacerdote, o médico, o pastor, que não negam receitas para o entorpecimento. Ideais ascéticos administrados contra a vida não levam a uma vida melhor.

[...] o estado de pecado no homem não é um fato existente, mas apenas a interpretação de um fato, a saber: de um mal-estar fisiológico, considerado sob o ponto de vista moral e religioso que para nós não tem nada de obrigatório. O sentir-se alguém “culpado” e “pecador” não prova que na realidade o seja, como sentir-se alguém bom não prova que na realidade seja bom [...] a causa da dor psíquica não é culpa de sua alma, mas, para falar grosseiramente, o ventre [...] Um homem forte digere os atos de sua vida (incluindo os pecados) como digere o almoço³⁵.

O tema abordado por Hugo Mãe – a vida de um velho em um asilo - não deixa de ser causa de medo e pesadelos de muitos. A garantia para um futuro independente ainda estaria nos

³⁴ MÃE, V. H.. Op. cit.

³⁵ NIETZSCHE, F. “Dissertação terceira: o que significam os ideais ascéticos.” § 17, p.141 in *A genealogia da moral*. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, Vozes. 2017.

recursos financeiros disponíveis para cada um. Vive-se com uma sombra de como será o futuro.

Os modelos comandam os comportamentos, a reprodução e a passividade de tal maneira que qualquer menção à fuga das subjetivações modelares passa a ser temida e questionada. Nesse sentido, qualquer disposição para a invenção e reinvenção da vida, para descoberta de novos modos de existência, é percebida com desconfiança.

Importa aqui destacar que tais considerações apoiam-se na perspectiva da opção da vida ou na invenção de um modo de vida ético, a vida ética em oposição à vida moral. Uma ética que se pauta pela não obediência aos códigos de comportamento estabelecidos, e sim, por uma maneira de relação consigo.

Noto que estou ficando velho. Porque desaprendi a caminhar na rua. Fico tonto em meio à multidão. Enrosco e desenrosco. Estou parecendo um parafuso. Frouxo.

Noto que estou ficando velho. Porque agora eu sou mais pontual. Tenho acordado animado para tomar café com leite. Eu que nunca gostei de leite. E estou proibido de tomar café.

Noto que estou ficando velho. Porque tenho contado nos dedos o número de amigos. Verdadeiros. Alguns já estão morrendo. Tão cedo. Cedo.

Noto que estou ficando velho. Porque detesto grito de criança. E latido de cachorro. E nem tenho ouvido tanto grito e latido. Meu ouvido anda mouco.

Noto que estou ficando velho. Porque me deu na cabeça de fazer um jardim. Juro. Estou entendendo tudo sobre adubos. Flores. Vivo cheio de amores por um beija-flor.

Noto que estou ficando velho. Porque acabei de escrever um romance. Deixei os contos de lado. Os microcontos. Minha alma diz que cresci. Até que enfim. Maduro.

Noto que estou ficando velho. Porque não me olham do mesmo jeito. Quando eu passo. Havia algo em meu peito que chamava a atenção. Agora é só tosse. E solidão.

Noto que estou ficando velho. Porque hoje estou mais feliz. Garanto. Dono de meu tempo. Nem penso na morte. Estou ficando velho. Nesta vida. Eis a minha grande sorte.

De forma bem-humorada, Marcelino Freire³⁶ apresenta alguns dos medos e temores que recobrem a velhice: a morte, as perdas dos amigos, a solidão, a necessidade de dietas para, finalmente, atento às variações contínuas em sua força de existência, de sua potência de agir, em uma perspectiva que vislumbra e referencia o acolhimento de sua velhice, assume: “Noto que estou ficando velho. Porque hoje estou mais feliz. Garanto. Dono de meu tempo. Nem penso na morte. Estou ficando velho. Nesta vida. Eis a minha grande sorte.”.

Ao optarmos por uma existência moral, nos baseamos no que é certo ou errado, em regras coercitivas, e escolhemos o enfraquecimento da vida.

A moral traduz-se na pretensão de tolher, controlar o inesperado, aquilo que não se conhece [...] Codificar e regular condutas [por meio do] dever [...] dita as condutas individuais ou coletivas de uma sociedade e traduz-se em leis ou normas. Assim, a lei carrega um sentido moral, pois seu princípio é o dever e seu efeito, a obediência. O pensamento ético [...] desloca-se do princípio e do dever, que só admite obediência, para um conhecimento que se pauta pelos modos de existência que não se filiam a modelos *a priori* [...] a ética é um problema de potência: o que somos ou não capazes de fazer e não de dever, o que devemos ou não fazer.³⁷

Ao contrário, quando agimos no sentido de conservar e ampliar nossa potência de conhecer, existir e agir, escolhemos a liberdade. Experimentar o mundo, tal qual proclamado por Nietzsche, nos abre as possibilidades de aprender diretamente, descobrindo nossas potências.

Não é possível revirar *todos* os valores? e o Bem não seria Mal? E Deus apenas uma invenção e finura do Demônio? Seria tudo falso, afinal? [...] a madura liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários — até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância, que exclui o perigo de que o espírito porventura se perca e se apaixone pelos próprios caminhos e fique inebriado em algum canto; até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da grande saúde, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver por experiência e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre!³⁸

³⁶ FREIRE, M. Estou ficando velho. Disponível em <https://marcelinofreire.wordpress.com/2013/06/10/estou-ficando-velho/>. Acesso em 20.nov.2017.

³⁷ TÓTORA, S.. *Velhice*: uma estética da existência. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2015. p. 35

³⁸ NIETZSCHE, F. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César dos Santos. Cia de Bolso. Prólogo, p. 6. Disponível em <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/Humano-Demasiado-Humano.pdf>. Acesso em 19.jul.2017.

Tendo em vista a reflexão sobre o uso do medo como dispositivo, que promovemos aqui, lembramos que apesar de sabermos estarmos permanentemente sob controle, o medo que nos captura pode nos transformar, justamente, em agentes do que queremos negar.

Mais ainda do que garantir a reflexão e discussão sobre o *modus operandi* dessas políticas, sabemos que só poderemos olhar para o envelhecimento sob uma ética da existência, a partir da substituição da moral do dever. Não há como negar que quando envelhecemos nossa potência de agir, nossa força de existir se altera e nosso poder de ser afetado se transforma e se modifica.

Saber envelhecer é entender e aprender o que é adequado para si, a partir das próprias experiências e vivências. Mudar o lugar que ainda está reservado à velhice como estado de carência e perdas, para a possibilidade de um modo de vida singular.



Empreendedor de si

Problematizar de outra maneira todos os campos da educação, da cultura, da formação [...] a reprodução das relações de produção - a cultura como solidificação social das diferenças econômicas [...] na análise neoliberal todos esses elementos estão diretamente integrados à economia e ao seu crescimento na forma da constituição de capital produtivo. Todos os problemas de [...] educação - formação – [...] centrados [...] numa economia do capital. É o indivíduo visto como empresa, isto é, como um investimento/investidor [...]. Suas condições de vida são a renda de um capital.¹

A partir das bases do neoliberalismo americano e da *Teoria do Capital Humano*, Michel Foucault, na década de 70, refere-se ao *Empreendedor de si*, “o indivíduo visto como empresa”. Foi quando se configurou a transformação da unidade base da sociedade do indivíduo para o indivíduo-empresa, Você S/A, o *Empreendedor de si*, sob a égide da governamentalidade neoliberal.

Uma das consequências dessa transformação - e diante da necessidade de se incrementar o próprio capital, ou dos filhos - foi o incremento do investimento na educação e no aprendizado. Este investimento, antes considerado despesa, fortaleceu as relações de concorrência. O investimento na educação tem como objetivo ampliar e desenvolver as capacidades e habilidades para incremento do capital humano. Nesse cenário, a economia e o mercado passaram a programar atividades e comportamentos, passaram a engendrar novas formas de subjetivação.

¹ Notas de Foucault em seu manuscrito para sua Aula de 14 de março de 1979, no *College de France* In FOUCAULT, M. Nascimento da biopolítica. p. 320. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008. Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-nascimento-da-biopolc3adtica.pdf>. 02.jan.2018.

Prenunciando a relevância de tal termo, remetemo-nos ao prestígio que assumiu na contemporaneidade a propagação de propostas ao empreendedorismo do velho² – recorte de nosso interesse nesta discussão – como elemento crucial para o envelhecimento ativo.

Nesse contexto é que refletiremos como, a partir de demandas do neoliberalismo e respaldada pela criação de um mercado de projetos educativos e culturais voltados aos velhos, estabeleceu-se a figura do velho *Empreendedor de si* como modelo de envelhecer.

Queremos aqui discorrer e apresentar considerações sobre essa subjetivação que ancorada em documentos norteadores, em pesquisas e estudos que valorizam as *performances*, o consumo, a qualidade de vida, a concorrência e o *marketing* pessoal passa a produzir, por meio de práticas e discursos, uma velhice submetida ao especialista, à juventude, à saúde, ao mercado, à concorrência, a códigos de comportamento, ao envelhecimento ativo.

Antes de iniciar a discussão

Um problema com o ser-se velho é o de julgarem que ainda devemos aprender coisas, quando, na verdade, estamos a desaprendê-las, e faz todo o sentido que assim seja para que nos afundemos inconscientemente na iminência do desaparecimento [...] a repreensão contínua passa por essa esperança imbecil de que amanhã estejamos mais espertos [...] fazemos coisas sem saber e não a fazemos por estupidez, fazemos por descoordenação entre o que está certo e o que nos parece certo e até sabemos que isso de certo ou errado é muito relativo [...]³

² Diversos são os projetos que relacionam o empreendedorismo e idosos, tornando-se uma das palavras-chave nas propostas voltadas aos velhos. Alguns exemplos coletados: Blogs e Sítios na internet *Empreendedorismo na Terceira Idade* <https://blog.contaazul.com/empreendedorismo-na-terceira-idade/>, e <http://mundopratedado.com/empreendedorismo-na-terceira-idade-2/>. Programas de instituições privadas – *Idoso empreendedor* In <https://www.sesc-sc.com.br/site/servicos/idoso-empreendedor>. Pesquisas e textos sobre *Empreender na aposentadoria* ou *Aproveite a experiência para empreender na terceira idade* In https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/pesquisa-gem-empreendedorismo-no-brasil-e-no-mundodestaque9,5ed713074c0a3410VgnVCM1000003b74010aRCRD. Pesquisas acadêmicas. *Empreendedorismo na Terceira Idade* In <http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/8335/texto%20completo.pdf?sequence=1>. Acesso em 10.jan.2018.

³ MÃE, V. H. *A máquina de fazer espanhóis*. p. 19. Disponível em <http://lelivros.love/book/baixar-livro-a-maquina-de-fazer-espanhois-valter-hugo-mae-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em 10.jun.2016.

A personagem ficcional de Walter Hugo Mãe, antônio jorge da silva, octogenário, que passa, depois de tornar-se viúvo, a viver em um asilo, apresenta-nos de forma irônica, porém, pungente, uma das proposições mais amplamente difundidas na atualidade. Sempre presente nos discursos institucionais, em projetos de âmbito público e privado, contemplado nas políticas públicas⁴: a educação permanente e a aprendizagem voltada aos idosos.

Pungente, porquanto se percebe não se tratar de algo decidido pelo personagem e sim, imposto. O “problema de ser-se velho é julgarem que devemos...” essa a senha! O velho *deve*! Entre vários deveres: deve ser ativo.

Embora as obrigações e deveres não se restrinjam apenas à educação focada nos velhos, já que ao lado dela outras propostas tomaram vulto a partir da segunda metade do século XX, criou-se e ampliou-se todo um arcabouço de ofertas de ações com foco nos idosos, as propostas de educação permanente e aprendizagem ao longo da vida tiveram destaque, como veremos, principalmente a partir da década de 1970, no Brasil, com objetivo de desenvolver novas habilidades e instrumentalizá-los.

Um dos elementos em que nos apoiamos para construir esta reflexão refere-se ao que foi denominado de *educação permanente, educação ao longo da vida* ou *aprendizagem ao longo da vida*, que atravessam e medeiam as proposições voltadas aos velhos. Mas como relacioná-los à figura do que denominamos, neste texto, de *Empreendedor de si*?

Muitos autores nos trazem a ideia da educação permanente como conceito empregado desde as primeiras ações voltadas aos velhos no Brasil. Assim, para Nádia Dumara Silveira⁵, as

⁴ Para citar alguns exemplos de projetos que contemplam o tema ver: *Mapa das Políticas, Programas e Projetos do Governo Federal para a População Idosa*. p. 73. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/bibliotecavirtual/pessoa-idosa/publicacoes-2015/pdfs/guia-de-politicas-programas-e-projetos-populacao-idosa->. *Universidade aberta para terceira idade*. Disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/idosos/programas_e_projetos/index.php?p=151359. A PNI – Política Nacional do Idoso (Lei 8842 de 04/01/1994). Estatuto do Idoso (Lei 10.741 de 01/10/2003), em seu Art. 21. Política Estadual dos idosos, instituídas por leis nos Estados brasileiros. Além de programas de Universidades privadas e públicas.

⁵ SILVEIRA, N.R.D. “Educação, envelhecimento e cidadania” In São Paulo (estado). Futuridade. A pessoa Idosa: educação e cidadania. Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social, Fundação Padre Anchieta, 2009. Disponível em http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volu7_Educacao_e_cidadania.pdf. Acesso em 29.dez.2017.

ações de educação voltada aos idosos devem “possibilitar o desenvolvimento de uma visão crítica sobre si e sobre a sociedade em que está inserido, na procura constante de sua libertação”. Da mesma forma, Regina Taam e Claudio Stieltjes⁶, ao abordarem a educação permanente voltada à terceira idade, apontam que:

[...] pode ser uma ferramenta valiosa na ação educativa intensional (**sic**) e sistemática com pessoas idosas, em instituições de ensino superior. O educador progressista tem o desafio de provocar em seus alunos o desejo da mudança, da transformação das condições sociais e políticas impostas por um sistema que ofende a dignidade humana. A mudança exigirá uma contínua aprendizagem de conteúdos científicos que alarguem e aprofundem a compreensão do mundo. A incompletude do ser humano obriga-o a buscar sempre novos conhecimentos que o ajudem a avançar para além do senso comum, construído a partir das experiências cotidianas.

Outros pensadores⁷ também mencionam a importância das propostas educacionais para os idosos:

No âmbito da educação, em particular, não se pode deixar de considerar a relevância das Universidades Abertas à Terceira Idade (UATIs ou UnATIs) que vêm, há algumas décadas, favorecendo a implementação de programações que atendem às demandas por projetos sociais e educacionais voltados ao segmento idoso.

Com a intenção de caracterizar *educação permanente*, *educação ao longo da vida* e *aprendizagem ao longo da vida*, noções amplamente utilizadas nas propostas de ações

⁶ TAAM, R. e STIELTJES, C. Esperança de vida e educação permanente na terceira idade In *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences* Maringá, v. 34, n. 1, p. 19-26, Jan.-June, 2012. Disponível em <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/16191/pdf>. Acesso em 29.dez.2017.

⁷SILVEIRA, N.D.R., LODOVICI, F.M.M. e BITELLI, F.S.P.G. Atividades educacionais participativas e seus efeitos benéficos na vida, pessoal e social, de pessoas idosas — caso da Faculdade da Idade da Razão (FIR/FIG/UNIMESP) In *Revista Kairós Gerontologia*, v.16, n.5, pp. 325-343, set. 2013. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/18683/13881>. Acesso em 29.dez.2017.

socioculturais e/ou socioeducativas voltados aos idosos, recorreremos a Moacir Gadotti⁸, que em seu texto, *Educação popular e educação ao longo da vida*, que integrou discussões internacionais sobre educação, apresenta um histórico dessas expressões e de como foram utilizadas nas últimas décadas.

Para o autor, *educação ao longo da vida* é a expressão recente de uma preocupação antiga. Novo, enfatiza, e nos deixa uma porta aberta para a reflexão que pretendemos realizar, é como esses princípios passaram a ser instrumentalizados.

Enquanto a *aprendizagem ao longo da vida* já era mencionada seiscentos anos antes de Cristo, foi na Europa, em documentos datados logo após a primeira guerra mundial, que Gadotti encontrou as expressões *educação ao longo da vida* (Inglaterra) e depois, em meados do século XX, *educação permanente* (França), como termos correlatos e associados à formação profissional dos trabalhadores que:

“[...] atendia, de um lado, à necessidade de reeducar os adultos, cuja escola não havia sido capaz de educá-los para a paz e, de outro lado, à crescente expectativa de vida. Era preciso oferecer mais oportunidades de aprendizagem à população idosa cada vez mais numerosa”⁹.

Para Gadotti, educação é ensino e aprendizagem e, ainda segundo o autor, nas últimas décadas, aconteceu um movimento que substituiu uma visão humanista das políticas sociais e educativas para uma visão instrumental e mercantilista. O tema da educação teria sido deslocado para um único polo: o da aprendizagem e, prossegue, aquela aprendizagem, na ótica neoliberal, realçando apenas o chamado “conhecimento útil” e os aspectos individualistas e competitivos.

⁸ GADOTTI, M. Educação popular e educação ao longo da vida. Disponível em https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELIV_Gadotti.pdf. Acesso em 27.dez.2017.

⁹ Ibidem, p.3

Tendo como base outros estudiosos que discorreram sobre o tema, Gadotti aponta que tal movimento teria acontecido ainda na década de 70, quando:

[...] a partir do receituário da OCDE e do Banco Mundial, acomodando-se cada vez mais à racionalidade econômica. O princípio universal de que aprendemos ao longo de toda a vida foi substituído por uma “formação profissional ao longo da vida” [...] o conceito nasceu no contexto do Estado-Providência e acabou sendo reconceituado pelo Estado-Neoliberal.¹⁰

Donde propomos a seguinte reflexão, a partir do entendimento de que a educação é uma das dimensões que tem construído as subjetividades ora aqui citadas: que tipo de ações os documentos norteadores sugerem e as instituições propõem, neste momento, para os velhos, quando se referem ao aprendizado e educação ao longo da vida?

Você S/A

No Brasil, foi em São Paulo, a partir dos anos 60, que surgiram os primeiros projetos de ações socioeducativas voltadas aos idosos, no Sesc São Paulo¹¹ – entidade da iniciativa privada.

Conforme Johannes Doll, “O primeiro trabalho com pessoas idosas, iniciado pelo SESC - São Paulo, em 1963, focalizou-se no encontro social e na ocupação do tempo livre dos aposentados.”¹² E, segundo Vicente Faleiros¹³, de maneira diferenciada e fora do contexto das

¹⁰ Ibidem, p.5

¹¹ Sesc São Paulo, Departamento Regional do Sesc - Serviço Social do Comércio. O Sesc é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário e da comunidade em geral; sua ação possibilita a todos, o acesso a manifestações culturais, desenvolvimento de habilidades pessoais, além da ênfase às ações educativas.

¹² DOLL, Johannes. “Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas” p. 8 In Revista *A Terceira Idade*. São Paulo, Sesc São Paulo, v.19, n.43, p.7-26, out.2008. Disponível em

instituições filantrópicas, religiosas ou públicas que eram os organismos que operavam, naquele momento, ações voltadas à velhice.

Criado pelo SESC - São Paulo, o programa voltado ao atendimento de idosos inspirou-se em centros já existentes nos Estados Unidos – os chamados *Golden Age* - tornou-se referência no Brasil e, desde então, foi reproduzido por instituições públicas e privadas em todo o país. *Grupos de convivência, Centros de convivência para Terceira Idade, Universidades Abertas para Terceira Idade, Núcleos de Convivência de Idosos* e outros variados formatos de ações de cunho socioeducativo passaram a fazer parte da agenda cultural dos idosos.

No contexto do projeto do SESC - São Paulo, as Escolas Abertas da Terceira Idade¹⁴, princípio das atuais Universidades Abertas da Terceira Idade, Universidades da Maturidade, já tinham como objetivo principal a educação permanente dos velhos.

Para compreender melhor essa proposta e sua origem, remetemo-nos à conferência realizada no Brasil, em 1978, por Claudine Attias-Donfut, que descreve da seguinte forma a criação das Universidades abertas para terceira idade na França, que serviram de modelo às implantadas no Brasil, a partir da década de 1970:

[...] teve origem na cidade de Toulouse, ao sul da França, em decorrência da preocupação de um professor de Direito da Universidade daquela cidade [...] que, de início, desejava oferecer uma reciclagem aos aposentados que tinham alguma profissão técnica, a fim de que eles fossem enviados, em cooperação técnica, durante períodos relativamente curtos, para os países do Terceiro Mundo. E foi no Departamento de Direito da Universidade de Toulouse que esse primeiro apelo foi feito aos aposentados. Portanto, **de início, havia uma preocupação muito prática**; tendo passado, depois, por uma transformação total [...] [pois] houve uma reação a esse apelo[e] um número significativo de aposentados se dirigiu à universidade, não para

https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8760_EDUCACAO+E+ENVELHECIMENTO+FUNDAMENTOS+E+PERSPECTIVAS Acesso em 15.dez.2016.

¹³ FALEIROS, Vicente. A política nacional do idoso em questão: passos e impasses na efetivação da cidadania p. 542 In ALCÂNTARA, A. CAMARANO, A. A., GIACOMIN, K. (orgs.) *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro, IPEA, 2016.

¹⁴ A primeira Escola Aberta da Terceira Idade foi criada em 1977, no Sesc Campinas e logo em seguida no Sesc Ribeirão Preto. As Escolas Abertas rapidamente tornaram-se referência no Brasil e na América Latina como ação voltada aos idosos. Em sua origem, as Escolas Abertas traziam, também, como proposta estímulo à conscientização política.

trabalhar e nem para fazer trabalhos técnicos, mas para frequentá-la. Formou-se, assim, um grupo de estudantes idosos [...] houve um conjunto de cursos e programas que foi ministrado a alunos da Terceira Idade [...] [A Universidade] não exige nenhum diploma [...] também não é concedido diploma algum [...] devido ao sucesso foram criadas outras: existem cerca de vinte outras Universidades desse tipo, em várias cidades da França, além de outras na Bélgica e na Suíça [...] se destinam principalmente à formação através de conferências, acentuando, principalmente, atividades culturais. Certas Universidades da Terceira Idade têm **currículo de formação e treinamento para reaproveitamento de pessoas idosas** [...] em Nanterre [...] [surgiu uma] que **integra os cursos para idosos ao conjunto dos cursos dados aos estudantes normais**, no setor de formação contínua [...] **as pessoas idosas adquiriram mais segurança para discutir problemas intelectuais e para trocar ideias com a geração imediatamente abaixo deles; essas pessoas foram, de certa forma valorizadas; e isso nasceu, justamente, do contato com a geração mais jovem [...]**¹⁵ (Grifos nossos)

Desta narrativa, depreendemos alguns elementos que já anunciavam os cenários dos programas destinados aos velhos nas décadas seguintes, impregnados por valores do neoliberalismo.

Destaque dado às menções de “reciclagem” dos trabalhadores para atualização de sua competência profissional, o “reaproveitamento” e/ou continuidade do trabalho como forma de valorização social. A globalização propondo e facilitando ao dito “Terceiro Mundo” atualização de técnicas e conhecimentos a partir dos saberes do “Primeiro Mundo”.

Para darmos uma ideia da dimensão mundial que desde então assumiu a questão educacional e a implantação de programas para idosos, valemos - nos do artigo¹⁶ de Cachioni e Neri, em que analisam a formação de profissionais para atuação no campo da gerontologia.

O artigo discute a formação de recursos humanos para atuação em programas para idosos. Tais profissionais, nominados como “animador social” ou “educador social”¹⁷, teriam por função “[estimular] a iniciativa grupal; [conectar] os indivíduos ao seu ambiente e [provocar]

¹⁵ ATTIAS-DONFUT, Claudine. “Seminário de Estudos sobre a Terceira Idade” p. 51-53 In *Cadernos da Terceira Idade*, Sesc São Paulo, nº 3-a, Março 1979.

¹⁶ CACHIONI, M. e NERI, A.L. “Educação e gerontologia: desafios e oportunidades”. p. 107 In *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo, 99-115 - jan./jun. 2004. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/49/56>. Acesso em 30.set.2017

¹⁷ Ibidem, p. 106

[...] criatividade, reflexão e organização social [...] [além de promover] a participação cidadã [...]”.

Ao considerarem as universidades da terceira idade um “*locus*” privilegiado de programas para idosos, as autoras apresentam um quadro em que é possível perceber como esses projetos converteram-se, mundialmente, em campo profícuo de trabalho ou mercado para profissionais qualificados, detentores de saberes específicos:

A literatura internacional sobre formação de docentes para universidades da terceira idade mostra várias experiências [...] na **Grã-Bretanha, na Austrália e nos Estados Unidos**, as atividades são geralmente conduzidas por professores voluntários e existe uma certa carência de professores com formação superior. **França, Bélgica, Suíça, Portugal e Holanda** são países onde o corpo docente é formado por educadores universitários, remunerados e preocupados em manter um rigoroso padrão acadêmico de ensino. Na **Alemanha**, a preocupação central dos docentes é desenvolver programas e métodos de ensino especiais, adaptados às necessidades dos idosos. Na **China**, os programas são disputados por professores com alto nível de formação acadêmica. No **Uruguai** parece haver grande preocupação em relação à formação de seus docentes e à metodologia por eles utilizada nas atividades que são desenvolvidas. **No Brasil**, raras são as referências ao docente. Não possuímos uma área definida para a sua formação, que tem estado a cargo de poucos cursos de atualização, oferecidos nas próprias universidades da terceira idade, dos núcleos de estudos gerontológicos na universidade e dos cursos de especialização em gerontologia. **(Grifo nosso)**

Em uma sociedade que valoriza a produção e a juventude, a vida não-produtiva representada pela aposentadoria, e fortemente vinculada à velhice, justifica os programas para idosos com propósito de “transformá-los”¹⁸, de modo que possam vivenciar novas experiências, conceber novos projetos de vida, conviver em grupos com indivíduos da mesma faixa etária, ou seja, para que vivam uma velhice ativa e produtiva.

¹⁸ Será a intenção de transformá-los em “seres produtivos”? O que quer que signifique essa transformação, trata-se de outro termo – ao lado de qualidade de vida, bem estar, novas habilidades, novas experiências – muito utilizado quando da divulgação de propostas voltadas aos velhos.

No Brasil, o pesquisador Marcos Augusto de Castro Peres¹⁹ destaca em seu artigo, *A andragogia no limiar da relação entre velhice, trabalho e educação*, o caráter funcionalista de nosso modelo educacional como projeto de formação de mão-de-obra qualificada e disciplinada para o sistema capitalista.

Discute, ainda, como a educação popular ou não formal voltada à velhice surgiu como forma alternativa de educação, mas, no decorrer do tempo, foi apropriada pela lógica do consumo e dos modelos para o “bom envelhecer”. Cita Cachioni e Debert, ao assinalar que:

As chamadas universidades abertas à terceira idade (UNATI), trazidas ao Brasil pelo SESC na década de 1970, representam uma proposta de educação na velhice, de caráter andragógico, que tem se multiplicado rapidamente. Atualmente, diversas instituições de ensino superior brasileiras – faculdades, universidades e centros universitários – já possuem cursos voltados ao público idoso, que contam com disciplinas variadas, abrangendo as três áreas do conhecimento: exatas, humanas e biológicas. Inspiradas na experiência francesa, as UNATI misturam educação formal e não-formal, e são direcionadas principalmente a aposentados das classes média e alta, em sua maioria mulheres. Não têm como objetivo formar para o mercado de trabalho, o que as diferencia da educação formal tradicional e profissionalizante, mas, por outro lado, estão carregadas – e são, em grande medida, as disseminadoras – dos valores relativos à idéia de terceira idade: envelhecimento ativo, negação da velhice, busca do rejuvenescimento etc. (CACHIONI, 1999). Dessa forma, pode-se dizer que as UNATI são coerentes à lógica de mercantilização da velhice inerente ao termo “terceira idade” (DEBERT, 1997).

Vale perguntar: qual o interesse na inclusão da velhice em uma agenda educacional específica e determinada?

As discussões engendradas a partir da década de 1980, quando foi realizada a primeira Assembleia Geral sobre envelhecimento, produziram encontros e programas internacionais

¹⁹ PERES, Marcos A. C. *A andragogia no limiar da relação entre velhice, trabalho e educação*. Revista Contrapontos - vol 6, nº 1 - p. 65-77 - Itajaí, jan/abr 2006. Disponível em <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/850/702>. Acesso em 20.dez.2016.

que repercutiram amplamente, tiveram suas propostas assimiladas e transformadas em orientações a nortear ações voltadas aos velhos em vários países.

Entendemos que tais orientações respaldaram a criação de um mercado de projetos socioeducativos e/ou socioculturais para atender a uma demanda que produziu e reforçou a noção do *Empreendedor de si*, um dos valores centrais do neoliberalismo, que abordaremos mais adiante.

Apresentando um recorte dos documentos norteadores que impulsionaram essa agenda, destacamos: a primeira *Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento*, em 1982, que estabeleceu o *Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento*²⁰ e, em 2002, a *Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento*, realizada em Madrid que, como resultado das discussões, propôs o *Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento de Madrid*²¹ com objetivo de desenvolver uma política internacional para o envelhecimento no século XXI.

Enquanto o *Plano de Viena*²² chamava a atenção para as consequências socioeconômicas do envelhecimento das populações, o de Madrid propôs a adoção de medidas que tratassem de idosos e desenvolvimento; promoção da saúde e bem-estar na velhice; e, ainda, criação de um ambiente propício e favorável aos idosos.

O documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*²³, de 2002 – recorte em nossa discussão²⁴ - apresentado como uma contribuição à segunda Assembleia, formaliza o conceito

²⁰ Organização das Nações Unidas - ONU. *Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento*. Disponível em <http://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>. Acesso em 20.maio.2016.

²¹ Organização das Nações Unidas - ONU. *Plano Internacional sobre o envelhecimento*. Tradução de Arlene Santos, revisão de português de Alkmin Cunha; revisão técnica de Jurilza M.B. de Mendonça e Vitória Gois. Brasília, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

²² O Plano apresentou 62 recomendações distribuídas nos temas de saúde e nutrição, proteção de consumidores idosos, habitação e meio ambiente, família, bem-estar social, segurança de renda e emprego, educação e a coleta e análise de dados de pesquisa.

²³ Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf a partir do texto original de 2002, *Active ageing policy framework* da World Health Organization-WHO, disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf. Acesso em 05.maio.2015.

²⁴ Sabemos que o termo ativo já havia sido utilizado antes deste documento, no entanto, trata-se de um recorte possível para delinear um marcador da institucionalização desse conceito.

de *Envelhecimento ativo* e oferece sugestões para colaborar com o “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”.

Baseado em três pilares (saúde, participação e segurança) como forma de atuação intersectorial, *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* passou a nortear, internacionalmente, as ações voltadas à velhice.

Em 2015, produzido pelo Centro Internacional de Longevidade Brasil²⁵ (ILC-Brasil), o documento *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*²⁶ ampliou e atualizou aquele documento, incorporando um quarto elemento/pilar: a aprendizagem ao longo da vida.

Nesse mesmo texto, o acesso à informação é apresentado como *commodity*²⁷ além de ser registrada sua importância em uma sociedade globalizada e como possibilidade de favorecer a empregabilidade. Assim como o bem-estar, seria outra chave para o Envelhecimento Ativo.

Aqui vale, certamente, a observação de Ivan Illich, em sua obra *Sociedade sem escolas*²⁸, quando nos alerta para o fato que se não passarmos a questionar a suposição de que o conhecimento é uma mercadoria, que sob certas circunstâncias pode ser imposta ao consumidor, estaremos reforçando a ideia de que tudo pode ser transformado em produto e

²⁵ Nas primeiras páginas da publicação lê-se que “O objetivo deste relatório é atualizar o documento histórico Marco Político do Envelhecimento Ativo, publicado em 2002, pela Organização Mundial de Saúde.” e em seu Prefácio “Quinze anos se passaram desde que o trabalho preliminar em Envelhecimento Ativo foi realizado. Muito se aprendeu e muitas evidências novas foram apresentadas durante esse período. Dado que o conceito de Envelhecimento Ativo provou influenciar tanto as políticas e as agendas de pesquisa em todo o mundo, entendi que uma das prioridades do recém-formado Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil) seria revisitar o documento como um todo.”

²⁶ Centro Internacional de Longevidade Brasil - ILC-Brasil.. *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1ª edição, Rio de Janeiro. 2015. Disponível em http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em 10.jul.2016.

²⁷ Aqui apontamos uma característica nessas práticas discursivas, o empréstimo de termos de áreas diferentes e que, entendemos, reflete na percepção de quais são os sistemas de dominação e da vida, também, como produto. Neste caso *commodity* refere-se a produtos primários e/ou produzidos em massa – de baixo valor agregado – destinado ao comércio externo.

²⁸ ILLICH, I. *Sociedade sem escolas*. p. 61. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7ª ed., Petrópolis, Vozes, 1985. Disponível em http://www.bunkerdacultura.com.br/books/ivan_illich_sociedade_sem_escolas.pdf. Acesso em 02.jan.2018.

termos, cada vez mais, sujeitos moldáveis e submetidos a ensinamentos e saberes inventados por grupos e especialistas que dominam e criam produtos para o mercado.

No que se refere à dimensão para organização de ações socioeducativas e/ou socioculturais voltadas à chamada “terceira idade”²⁹, e como parte de uma ação de cunho pedagógico, em complementação à educação formal instituída nas escolas, especialistas apontaram a educação informal e a não formal, que têm por base a convivência estabelecida entre indivíduos com experiências e repertórios diversos como metodologia, justificando e conformando-se como um dos principais fundamentos para disseminação ampla dos *Grupos de convivência* e de atividades que propõem a sociabilização entre idosos.

Na consideração de Johannes Doll³⁰, a educação informal

[...] se refere a uma educação pela convivência, sem que haja uma intencionalidade expressa ou uma organização específica para alcançar determinados objetivos [...] como elementos da educação informal o caráter espontâneo, a forma involuntária de aprendizagem, uma progressão permanente durante a vida inteira e seu caráter ocasional [ou seja, uma] **concepção ampliada de uma educação durante a vida inteira em diferentes espaços**. (Grifo nosso)

²⁹ Aqui foram utilizadas aspas para realçar este termo, uma vez que a pesquisadora opta por fazer uso dos termos velho e, em alguns momentos, idosos. Essa terminologia provoca discussões entre pesquisadores que refletem sobre a velhice. “O surgimento do termo ‘terceira idade’ a partir de meados do século XX – particularmente na Europa – inaugurou um movimento de tentativa de ressignificação positiva da velhice. A terceira idade, momento localizado após o período de trabalho e produção, seria o tempo que o indivíduo, em sua aposentadoria, poderia dedicar-se às realizações pessoais que não foram possíveis anteriormente, a novos aprendizados, ao lazer e à construção de novas relações sociais”. Consideramos uma ação bem sucedida por sabermos tratar-se de um dos termos mais aceitos pelo público idoso. Não é incomum em eventos, encontros de idosos – ou mesmo em textos que circulam na internet – encontrar-se a afirmação “terceira idade sim, velho não!” In AZEVEDO, C. D. e SOUZA, I. D. Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo. *Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc São Paulo. v.67, n. 65, set.2016. p. 52-69, artigo em que a pesquisadora aborda esta questão. Apontamos como elemento característico do termo “terceira idade”, ainda, a produtividade como referência para a vida, isto é, no grupo “terceira idade” estão aqueles que deixaram o mercado de trabalho, por meio da aposentadoria.

³⁰ DOLL, Johannes. “Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas” In *Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. Sesc São Paulo, v.19, nº 43, p. 7-23, out.2008. Disponível em http://www.sescsp.org.br/online/artigo/8760_EDUCACAO+E+ENVELHECIMENTO+FUNDAMENTO+S+E+PERSPECTIVAS#/tagcloud=lista. Acesso em 25.out.2016

Já a educação não formal, fora do sistema formal de ensino, onde o foco de atuação são os interesses e/ou grupos específicos, representam, para Fernandes e Park³¹,

[...] [aquela] educação que **acontece em [...] associações, entidades [...]** com intencionalidade e sistematização [...] a educação não formal promove educação e formação de modos abertos e flexíveis [...] Ela é **voltada para as necessidades urgentes e atuais dos sujeitos e dos grupos humanos**, portanto, o presente. A educação não formal [...] **oferece oportunidades para outras experimentações, vivências e exercícios de construção de saberes**. (Grifo nosso)

Constituindo-se como outro pilar das atividades voltadas aos idosos, traduzido na intenção de propiciar experimentações e vivências, que não foram possíveis em outro momento.

Segundo *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*³², que orienta grande parte das ações públicas e privadas voltadas aos velhos no Brasil, nos itens que relacionam as questões da educação e da aprendizagem:

Alguns estudos demonstraram que problemas de emprego entre trabalhadores mais velhos são, em geral, causados por sua pouca alfabetização, e não pelo envelhecimento em si. Se quisermos que os indivíduos mantenham-se envolvidos em atividades físicas relevantes e produtivas enquanto envelhecem, há a necessidade de um treinamento contínuo no ambiente de trabalho e de oportunidades de aprendizado permanente na comunidade [...] Propiciar educação e oportunidades de aprendizagem durante o curso da vida [...] Permitir a participação integral dos idosos, ao propiciar políticas e **programas de educação e treinamento** que defendem a aprendizagem permanente de homens e mulheres conforme eles envelhecem. **Dar aos idosos oportunidades de desenvolver novas habilidades**, principalmente em áreas como tecnologia da informação [...](Grifos nossos)

³¹ FERNANDES, Renata e PARK, Margareth. Um papo sobre educação não formal In Eonline. Disponível em

http://www.sescsp.org.br/online/artigo/9677_UM+PAPO+SOBRE+EDUCACAO+NAO+FORMAL#/tagcloud=lista. Acesso em 25.out.2016.

³² Organização das Nações Unidas – ONU. Op. cit.. p. 30 e p. 52

Por que pensar a educação como pura transferência e/ou reprodução de conhecimentos? Por que pensar o conhecimento como mercadoria? Por que pensar a educação como meio de atingir fins utilitários? E, principalmente, por que não pensar a educação como forma de resistência aos valores e ideias receitados pelo mercado? Entendemos que a resposta a essas questões vem do fato que seguimos uma agenda neoliberal.

Seguindo uma agenda neoliberal

O texto *Envelhecimento Ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*³³, ao considerar a questão da aprendizagem como um dos pilares do Envelhecimento ativo, segundo a agenda neoliberal, assim o justifica:

A globalização e as rápidas mudanças na expansão da **economia de conhecimento fazem com que a informação seja, hoje, o commodity mais valioso**. O acesso à informação é, portanto, chave para o Envelhecimento Ativo. **A aprendizagem ao longo da vida é importante não somente para a empregabilidade**, mas também para favorecer o bem-estar. É um pilar que sustenta todos os outros pilares do Envelhecimento Ativo. Nos instrumentaliza para permanecer saudáveis, relevantes e engajados na sociedade. Confere, portanto, poder de decisão e maior certeza de segurança pessoal. **No nível social, pessoas bem informadas e capacitadas de qualquer camada social e de todas as idades contribuem para a competitividade econômica, o emprego**, a proteção social sustentável e a participação dos cidadãos. (Grifos nossos)

³³ Centro Internacional de Longevidade Brasil – ILC Brasil.. *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. 1ª edição – Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Trata-se de uma proposta de revisão do documento original da OMS, elaborado pelo “Centro Internacional de Longevidade Brasil” que exclui do subtítulo a menção à saúde “uma política de saúde” alterando-a para “um marco político”. No entanto, ao nos deter na leitura do texto, percebemos que a saúde ainda é a base para discussões – no texto *Envelhecer, uma questão de saúde?* parte desta pesquisa, nos detemos mais especificamente nesse assunto – e elemento fundamental do capital humano. Nessa versão que, vale observar, não contou com a mesma divulgação e disseminação ou repercussão que o de 2002, o conceito de *Envelhecimento Ativo* é tido como um processo contínuo, um investimento que se estende por toda a vida, e pode ser definido, ainda utilizando termos e discursos referentes ao capital, como a possibilidade de “ter acesso às reservas necessárias a se adaptar, suportar, e aprender com os desafios enfrentados ao longo da vida”. Disponível em http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf Acesso em 10.out.2016.

Termos que não deixam dúvida quanto às finalidades: *commodity* – termo resgatado do mercado financeiro -, competitividade econômica, a produção, a empregabilidade - como objetivo – a necessidade de treinamento a todos que desejam integrar o mercado.

A proteção social sustentável nos remete à tendência da desaposentadoria, estimula-se a continuidade no mercado de trabalho, o autoinvestimento no desenvolvimento pessoal. Aprendizagem para empregabilidade. Como argumento, além da importância dada ao mundo do trabalho, a crise do sistema previdenciário mundial³⁴.

Fica a pergunta, em que momento da vida pode-se simplesmente viver³⁵? Entendo ser este documento o exemplo de como os valores do neoliberalismo embasam, na contemporaneidade, as propostas voltadas aos velhos, uma vez que orientam grande parte dessas ações.

“Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso.” Totonha³⁶, a personagem da obra *Contos Negreiros* é emblemática na discussão, na resistência a moldar-se ao preconizado, como uma recusa aos valores apresentados por uma sociedade que a exclui e a marginaliza. O questionamento apontado por Totonha é de quem entende a vida e a experimenta em toda sua singularidade.

³⁴ No entanto, deve-se observar que nunca está em questão o desvio dos fundos ou o lucro dos grandes empreendedores. A atual discussão da Reforma da Previdência Social no Brasil é um claro exemplo da responsabilização que recai sobre os indivíduos-empresas, com objetivo de reduzir os gastos sociais do Estado. Discussões sobre idade mínima, ou os valores que “*sobrecarregam*” o sistema demonstra como o discurso neoliberal é atuante na proposição de diminuição e restrições às questões sociais e coletivas e, ao mesmo tempo, procura incrementar as decisões e as escolhas individuais, por exemplo, todos podem optar por contratar uma Previdência Privada, segundo essa lógica. O que vale é a lei do mercado como demonstra matéria da Folha de São Paulo sobre o tema <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/11/1938444-reforma-da-previdencia-puxa-planos-de-aposentadoria-complementar.shtml>. Acesso em 10.jan.2018.

³⁵ Apenas como exemplo de como esses dispositivos operam de maneira ampla na circulação das relações de poder, dando-lhes sentido, tais propostas apoiam – mesmo que indiretamente e em discurso difuso - as recentes negociações, no Brasil, para a Reforma da Previdência em curso desde final de 2016. Ou seja, por um lado vende-se a ideia da importância de ações que permitem que parte da população trabalhe durante toda a vida, caracterizando tal fato como um prêmio e/ou uma conquista. Certamente, tal discurso facilita a absorção pela população das reformas propostas ao invés de gerar confrontos.

³⁶ FREIRE, M. Totonha In *Contos negreiros*. p. 79 Disponível em <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/08/freire-marcelino-contos-negreiros.pdf>. Acesso em 10.out.2015 . p. 79

O exemplo de velhice³⁷, ora citada, coloca-se a favor da criação, recusa-se a ser treinada, domesticada, recusa-se a seguir modelos estabelecidos e prontos para “caber” em um figurino considerado ideal, em oposição àquela que, pode sim, ser o momento de des-obrigações de produção, das des-obrigações de trabalho e todos seus compromissos para apenas ser.

(Estar velho) [...] é uma alegria pura. A velhice não é um mal em si [...], é formidável. E por que é formidável? Primeiro, porque, na velhice, sabe-se que chegou lá [...] Esta é a hora em que só há uma coisa: ser! O velho é alguém que é. Ponto final³⁸.

Sabendo que o experimentar não está ligado à quantidade e sim à qualidade, entendemos que “desenvolver habilidades”, “aprendizagem para o bem-estar”, o ativismo e, muitas vezes, a infantilização³⁹, o utilitarismo e a uniformização, enfraquecem e afastam todos da possibilidade de apropriação das próprias forças, distanciados e impedidos de experimentar, uma vez que tudo está dado, orientado, modulado. As prescrições estão postas para o bom viver. Chamando cada um à responsabilidade de empreender por si e para si.

O mesmo ocorre com outras das palavras-chaves repetidas à exaustão, “fortalecimento da cidadania” ou, em alguns espaços “resgate da cidadania”; “garantir que tenham seus direitos respeitados”, esquecendo-se que só é possível reapropriar-se do mundo depois de reapropriar-se de si mesmo.

³⁷ Outro texto, neste trabalho, aborda essa personagem, mais detidamente como exemplo de resistência e exercício de singularidade.

³⁸ O Abecedário de Gilles Deleuze. Transcrição integral do vídeo de entrevista concedida a Claire Parnet. Disponível em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso em 19.dez.2015

³⁹ Sabendo do lugar que ocupa a prática de atividades físicas no constructo do envelhecimento ativo, sugerimos interessante discussão a esse respeito – da infantilização dos idosos – abordada na tese de doutorado em Educação Física de Edmund de Drumond. O autor faz uma análise da prática da atividade física voltada aos velhos, através de uma pesquisa sócio-pedagógica investigando quatro associações – 2 francesas e 2 brasileiras – que ofereciam ginástica ao público idoso. Um dos elementos encontrados é de como a infantilização estava presente, em alguns momentos, na postura de alguns profissionais que atuavam e no conteúdo disponibilizado nas aulas. ALVES JR., E. D. *Pastoral do Envelhecimento Ativo*. Disponível em <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/pastoral.pdf>. Acesso em 01.out.2017.

Ainda, diante de propostas de aparente atividade ou ativismo, o que percebemos é a necessidade de um sujeito passivo, disciplinado, de um corpo dócil, distante de uma existência ética que, conforme Foucault, pauta-se pela não obediência aos códigos de comportamento estabelecidos e sim por uma maneira de relação consigo.

Discursos que se utilizam de mobilizações e que fazem nascer o medo⁴⁰ – da rejeição, da morte, da solidão, da improdutividade, do outro, da doença, da violência, do não saber – tornam o solo fértil para uma situação de afetos tristes e de impotência.

Nesse sentido, entendemos que conforme estão articuladas essas proposições de educação, de aprendizado, paradoxalmente, elas querem refrear, desestimular qualquer disposição para afirmação da vida, para a criação de novos modos de existência. O que comanda é o mercado e os valores do neoliberalismo.

Deleuze afirma que o velho é alguém “que é” no sentido das potencialidades, da possibilidade de fugir de modelos, no entanto, as ações propostas caminham no sentido oposto, acionando modelos de comportamento, de consumo, do culto ao corpo despregado da exploração, da descoberta de infinitas e desconhecidas potências.

No entanto, é importante pensar que existem resistências possíveis, que criam singularidades num jogo permanente de controles e liberações. A singularidade traz elementos para que se viva segundo suas próprias medidas como proposto por Nietzsche: “Você deve se tornar naquele que é.”⁴¹ Trata-se de uma tarefa afirmativa, sem códigos de conduta ou regras. Singularidade que envolve forças, instintos, impulsos e cria a possibilidade de reinvenção de si.

A experiência do viver como um movimento constante e saber que é possível aprender a criar, afirmar modos de vida para si. Assim construímos nossa subjetividade, não necessariamente na pura negação do que nos rodeia, mas sim na percepção e atenção dessas dimensões que nos atravessam.

⁴⁰ O medo da solidão, da doença, entre outros, é abordado em outro texto deste trabalho.

⁴¹ NIETZSCHE, F. *Gaia ciência*. Tradução e notas Inês A. Lohbauer. São Paulo, Martin Claret, 2016. § 270, p. 266.

Uniformização e/ou padronizações do conhecimento dos velhos revelam exigências de um mercado controlador, que tem interesse em sujeitos dóceis, consumidores e produtivos até que todas as suas forças estejam esgotadas, valores morais criam anteparos que impedem o surgimento do novo, tolhendo a força plástica do indivíduo, sua capacidade de transformação.

Pode-se questionar “o que há de errado em grupos de leitura, visita a museus?” O que há é a simplificação, a pasteurização, a uniformização, a padronização, o pacote pronto do que se pretende apresentar e ser consumido. Simplificação que impede e inibe a potência. Nossa existência faz-se/produz-se a partir de atividades simples e cotidianas, quando é possível resistir e desenvolver a criação, o cuidado, a transformação.

Aqui nos deparamos com a valorização da “ilustração” – visitar a exposição, conhecer o museu, ler determinada obra - em detrimento da experimentação. Corriqueiramente, a liberdade da experimentação é tolhida para que a informação seja privilegiada.

“O que há de errado em estimular atividades físicas, na atenção a um corpo saudável?” O que há é a marca da devoção a um corpo consumido e consumidor, corpo como produto. Ao invés da busca pela liberação do corpo, persegue-se seu aprisionamento em músculos, em modelos definidos a partir do modelo do corpo jovem, rígido, na agilidade, predicado tão caro nos tempos de velocidade da contemporaneidade.

Assim, o que está presente é o trabalho repetitivo, mecânico, alienado, pautado em uma tendência tecnicista, que parte da preconização da saúde, desconhecendo a possibilidade dos idosos gerirem suas próprias práticas. Um saber/poder monopolizado por especialistas⁴².

A partir de uma estética dominante, pautada pela publicidade, por modelos, pelas promessas de associação à saúde, as práticas corporais sugeridas submetem, geralmente, o corpo velho a uma domesticação, com objetivo de estar à altura do julgamento e do olhar do outro. É a partir do músculo rígido a ser exibido, da flexibilidade e agilidade a ser demonstrada, da coragem e

⁴² Aqui quero fazer, novamente, referência à pesquisa de ALVES JR., E. D. *A Pastoral do Envelhecimento Ativo*. Disponível em <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/pastoral.pdf>. Acesso em 01.out.2017, que reforça e corrobora esta afirmação e, ao mesmo tempo, amplia a discussão apresentando possíveis alternativas a essa condição.

ousadia a ser elogiada que as práticas são sugeridas, referenciando uma maneira servil de encontrar o reconhecimento do outro.

Sylvio Gadelha, em seu texto, *Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo*⁴³, discute a propagação e os desdobramentos no campo educacional do que denomina de “cultura do empreendedorismo”. Pois bem, é a partir daí, também, que pretendemos associar nossa reflexão acerca da construção da subjetivação do velho *Empreendedor de si*. Essa associação nos inspira, uma vez que entendemos estar presente e contribuindo para a subjetivação do velho empreendedor o mesmo processo como parte de um circuito que afirma a tal cultura do empreendedorismo.

Adotando a noção de Governamentalidade em Foucault⁴⁴, que a define como:

O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculo e táticas que permitem exercer esta forma específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança [...]

focalizaremos essa arte de governar, particularmente sob a ótica do neoliberalismo, ponto de nosso interesse para este texto, posto que estamos diante de uma complexidade de arranjos em que o governo das condutas tem por alvo a população e, como forma principal de saber, a economia política.

O termo "dispositivos" aparece em Foucault nos anos 70 e designa inicialmente os operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder. A partir do momento em que a análise foucaultiana se concentra na questão do poder, o filósofo insiste sobre a importância de se ocupar [...] dos mecanismos de dominação [...]. **Eles são, por definição, de natureza heterogênea: trata-se**

⁴³ COSTA, Sylvio de Souza Gadelha. *Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo* In *Educação & Realidade*, v.34, n. 2, p. 171-186, mai/ago, 2009. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/8299/5537>. Acesso em 01.out.2017.

⁴⁴ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. 22ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 2006. p. 291-292

tanto de discursos quanto de práticas, de instituições quanto de táticas moventes [...]⁴⁵

Apoiando-nos em Foucault, e examinando os dispositivos de poder e sua proveniência, desenvolvemos, em breve análise, os enunciados propostos do envelhecimento ativo que constroem e modelam esses conceitos para uma subjetividade jovial, ativa e positiva.

O documentário *Envelhescência*⁴⁶ apropria-se magistralmente dessa técnica e intenção, particularmente, na associação de práticas corporais e a formação acadêmica, que submetem o envelhecimento a uma análise da sociedade sob a perspectiva da educação e da ação sobre o corpo como empreendimento de si.

O documentário acompanha seis velhos que mostram “que os costumes e a rotina após os 60 anos podem ser repletos de atividades e bom humor”⁴⁷. Entremeados por comentários de especialistas, os depoimentos e imagens, basicamente, ajustam-se perfeitamente como ilustração e, ao mesmo tempo, reforçam o discurso posto no documento *Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade*⁴⁸

É uma geração que se sente confortável em se fazer ouvir e está reinventando a forma como se vive e se percebe a velhice. Envelhecer é cada vez mais visto como um processo individual com múltiplas oportunidades de desenvolvimento pessoal e de prolongamento da jovialidade; por exemplo, por meio do auto-cuidado e de produtos e serviços de tratamento estético. Os gerontolescentes estão à frente da tendência de “desaposentadoria” que está mudando a forma como entendemos o trabalho e a aposentadoria.

⁴⁵ REVEL, Judith. Foucault: conceitos essenciais. Tradução Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos, Claraluz, 2005. Disponível em <http://www.uesb.br/eventos/pensarcomvevne/arquivos/REVEL-Conceitos-essenciais.pdf>. Acesso em 10.mai.2016.

⁴⁶ *Envelhescência*. Direção Gabriel Martinez. Documentário. Brasil. 84 min. 2015.

⁴⁷ Disponível em <http://www.envelhescencia.com.br/documentario/>. Acesso em 03.nov.2016.

⁴⁸ Centro Internacional de Longevidade Brasil - ILC-Brasil. Op. cit. p.40

O corredor de maratonas, o paraquedista, o praticante de Aikidô, os surfistas, a motoqueira, o médico. Em um primeiro momento, o que se distingue de forma significativa é o discurso que trai o receio da velhice e que se coloca em oposição a ela. Não poucas vezes, ouve-se das personagens: “sou jovem”, no entanto, questiona-se como reinventar-se quando se nega a velhice?

Certamente, valores impostos à velhice podem ser negados como forma de resistência e afirmação da vida, no entanto, nossa leitura encaminha-se no entendimento de que nessa obra os velhos incorporaram e reproduzem o discurso do envelhecimento ativo.

Além disso, percebemos no documentário que todos os discursos convergem para “as escolhas” como fator decisivo nas trajetórias de cada um, ou seja, as escolhas feitas ao longo da vida é que lhes proporcionam a realização pessoal naquele momento.

Ratifica-se aqui a ideia da responsabilização para um “bom envelhecer” em complementação à “culpabilização” daquele envelhecer visto como descuido, que recai sobre os indivíduos, seus estilos de vida e... suas escolhas.

Por meio de práticas daqueles que conseguiram “evitar a velhice”, assistindo a personagens que não querem considerá-la, pergunta-se: por que desejamos viver mais?

Ao situarmos a velhice na dimensão de vida, propomos fugir da polarização do envelhecer como uma conquista ou o envelhecer como castigo. Para Foucault,

[...] a velhice deve ser considerada [...] como uma meta, e uma meta positiva de existência. Deve-se tender para a velhice e não resignar-se a ter que um dia afrontá-la. É ela, com suas formas próprias e valores próprios, que deve polarizar todo o curso da vida⁴⁹.

⁴⁹ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fonte, 2004. p. 135

A constituição do empreendedor de si incorpora discursos e práticas que se utilizam de jargões como “ousadia”, “pró-atividade”, por meio do incentivo, da autopromoção, *marketing* pessoal, agora não por meio da exclusão e repressão, mas por estímulos que visam criar formas de conduta arrojadas. Assim, estamos diante, novamente, de representações que procuram reforçar os modelos de envelhecimento, como *cases* de sucesso.

Envelhescência não deixa de representar e ser exemplo das formas de estratégias construídas que pretendem evidenciar e tornar alguns modelos de envelhecer atraentes para os consumidores⁵⁰ - ilustra sobremaneira o *Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade* – ao reforçar conceitos que, não à toa, são apresentados por especialistas que vêm qualificar e justificar os depoimentos daqueles *gerontolescentes*⁵¹, entremeando as falas dos seis personagens que, por seu lado, os corporificam, materializam e, assim, reverberam o conceito do envelhecimento ativo.

O Documentário encaixa-se perfeitamente nas orientações do *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*, na sua proposta de incentivar

- Uma imagem positiva do envelhecimento – [é importante] Trabalhar com grupos que representam idosos e com a mídia para fornecer imagens realistas e positivas do envelhecimento ativo, bem como informações educativas sobre o envelhecimento ativo. Confrontar estereótipos negativos e o envelhecimento.⁵²

Ou seja, a propaganda ainda é a alma do negócio e, neste caso, por meio de imagens realistas e positivas do envelhecimento. Sob o risco constante de ser excluído, descartado e marginalizado, investir no *marketing* pessoal parece ser uma saída e ainda ser prestigiado ao servir como modelo de sucesso a ser copiado.

⁵⁰ Em uma rápida busca por comentários sobre esse documentário, lançado em 2015, encontramos apenas textos e resenhas elogiosos referendando as narrativas das personagens como velhos que vivem “de maneira plena” “que quebram paradigmas” e o filme como “uma reflexão acerca da velhice e uma nova perspectiva sobre o envelhecimento”

⁵¹ No texto *Resistências* abordamos o uso de eufemismos, como este que aqui se apresenta.

⁵² Centro Internacional de Longevidade Brasil - ILC-Brasil Op. cit. p. 52

Retomamos as reflexões de Foucault sobre o neoliberalismo da Escola de Chicago, particularmente, a partir da teoria do *Capital Humano* que, consideramos, dialoga com as questões propostas.

As práticas discursivas sobre o Estado Mínimo e a livre concorrência no mercado, que propiciaram a emergência do neoliberalismo, nasceram nas escolas Europeias e em Chicago, nos Estados Unidos. Foucault detectava diferenças importantes entre o neoliberalismo europeu e o americano. Nesta discussão, devemos nos ater ao neoliberalismo americano, onde, segundo Foucault⁵³, os principais elementos que serviram de contexto para seu desenvolvimento foram os pactos sociais de guerra e o crescimento de programas econômicos e sociais propostos pela administração federal.

Pontos que se constituíram como o alvo para o pensamento neoliberal desenvolvido pelos membros da Escola de Chicago, que acabou por predominar e se disseminar mundialmente.

No neoliberalismo norte-americano, o mercado era proposto como central e o Estado deveria ser avaliado pela verificação do êxito do comércio sem fronteiras e sem qualquer intervenção estatal e regulação direta de algum grupo [...]. **Outro aspecto desse neoliberalismo é a organização de toda a sociedade como empresa**, que redefine as regras do direito para facilitar as transações e os contratos, promove um sistema de arbitragens entre os consumidores, cria um sistema de reciprocidade entre economia e direito, **propõe um capitalismo como relação social e modo de vida**, introduz o Estado de Direito na economia, em que o Estado deve prestar regras para a geração de renda e para regular danos e conflitos, através de mediações jurídicas, forjando intensa judicialização das relações sociais. (Grifo nosso)⁵⁴

⁵³ FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. p. 298-299. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008. Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-nascimento-da-biopolc3adtica.pdf>. 02.jan.2018.

⁵⁴ LEMOS, F. et all. Governamentalidades neoliberais e dispositivos de segurança p. 331 In *Psicologia & Sociedade*; v. 27, n.2, p.331-339, 2015. Disponível em <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3881/2508>. Acesso em 05.jan.2018

Foucault⁵⁵ aponta dois elementos que percebia como importantes na concepção neoliberal americana: a teoria do capital humano e o programa da análise da criminalidade e da delinquência.

Pois bem, a teoria do capital humano é o foco de nosso interesse e na qual nos respaldamos para tentar decifrar e entender como essas formas se disseminaram e criaram fluxos de produção e consumo de subjetividades.

Do que se compõe o capital humano? De elementos inatos e outros adquiridos, refere-se Foucault. Sylvio Gadelha⁵⁶ resume da seguinte forma, citando Oswaldo Lopez-Ruiz, ao definir o Capital Humano e apontar como esse elemento é fundamental à instituição de um novo espírito do capitalismo, lembrando que a noção de capital humano refere-se a um conjunto de habilidades, capacidades e destrezas que:

[...] em função do avanço do capitalismo, deve se tornar valor de troca. Para isso acontecer; esses atributos humanos precisam, de certa maneira, ser abstraídos das pessoas concretas que os detêm, das pessoas concretas nas quais existem, e se articular (alinhar) em função de um fim externo a elas. Argumentaremos, portanto, que o **“humano”, um conjunto de capacidades, destrezas e aptidões próprias dos homens, adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital – entendido como uma soma de valores de troca que serve de base real a uma empresa capitalista.** (Grifos nossos)

Assim, as ações de investimento no capital humano para aprimorar seu conjunto de habilidades e capacidades, a educação, o treinamento, a atualização de conhecimentos, estão nas ações educativas e, diante do quadro que apresentamos em relação à velhice, nas discussões consagradas a ensinar uma natureza de dever.

⁵⁵ Ibidem, p. 302

⁵⁶ LOPES-RUIZ, O. apud GADELHA, S. op. cit. p. 175

Dessa forma, Foucault entende que o *homo economicus* do neoliberalismo não é um parceiro de troca e sim um empresário de si mesmo:

O *homo economicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo economicus* parceiro da troca por um *homo economicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda. [...] não se deve acreditar que consumo consiste simplesmente em ser, num processo de troca, alguém que compra e faz uma troca monetária para obter um certo número de produtos. O homem do consumo não é um dos termos da troca. O homem do consumo, na medida em que consome, é um produtor. Produz o que? Pois bem, produz simplesmente sua própria satisfação. E deve-se considerar o consumo como uma atividade empresarial pela qual o indivíduo, a partir de certo capital de que dispõe, vai produzir uma coisa que vai ser sua própria satisfação.⁵⁷

E ainda:

[...] A sociedade regulada com base no mercado em que pensam os neoliberais é uma sociedade na qual o que deve constituir o princípio regulador não é tanto a troca das mercadorias quanto os mecanismos da concorrência. São esses mecanismos que devem ter o máximo de superfície e de espessura possível, que também devem ocupar o maior volume possível na sociedade. Vale dizer que o que se procura obter não é uma sociedade submetida ao efeito-mercadoria, é uma sociedade submetida à dinâmica concorrencial.. Não uma sociedade de supermercado - uma sociedade empresarial. O *homo economicus* que se quer reconstituir não é o homem da troca, não é o homem consumidor, é o homem da empresa e da produção.⁵⁸

Como associar essas formas de governamentalidade às práticas propostas das escolas abertas, programas socioeducativos voltados aos idosos e, ainda, peças da mídia com objetivo de positivar ou trazer imagens realistas e positivas do envelhecimento, que reforçam documentos

⁵⁷ FOUCAULT, M. op. cit. p.311

⁵⁸ Ibidem, p.201

norteadores sobre envelhecimento? Trata-se de refletir sobre essa sociedade que carrega valores cujas relações engendram o sujeito ativo, o empresário de si, o empreendedor.

Os dispositivos são, conforme já apontado, de natureza heterogênea, tratando-se tanto de discursos quanto de práticas, de instituições quanto de táticas moventes e uma delas diz respeito à categorização e hierarquização social determinada pela qualidade de capital humano acumulado por cada um, mediante a aprendizagem, a educação, os exercícios de arroubo, quanto “ser ativo”.

Sob a égide do neoliberalismo, compõe-se uma governamentalidade, que busca programar estrategicamente o comportamento dos indivíduos e que tem por alvo a população, uma população a ser gerenciada, a ser programada e controlada em suas formas de agir e pensar.

Para tanto, lança-se mão de estratégias utilitaristas e saberes - a medicina, a demografia, a geriatria, baseadas em uma economia política e que criam processos de subjetivação que têm no mercado os princípios normativos que regem toda a sociedade. Quando temos valores que migram da economia para outros campos da vida social, esses ganham forte poder normativo, instituindo processos de subjetivação que transformam sujeitos em microempresas e não há como ignorar que tal mudança impacta sobremaneira as relações sociais.

Entendemos que fazer nascer ou produzir a capacidade de dar novos sentidos às coisas e aos valores deveria fazer parte de qualquer ação e, da mesma forma, interrogar constantemente os valores dados. A prática da reflexão e do questionamento deveria justificar, antes de qualquer proposição, a espera de resultados, as ideias e ações.

A pura reprodução enfraquece as forças. Tornar o corpo liberado fundamenta-se e resulta de um trabalho de autorrealização e não de imitação. Diante da pasteurização, a resposta pode vir da inventividade, do olhar para mundo sempre com olhos de quem vê tudo pela primeira vez. A leveza e o não diante das formas de controle e de uniformizações. Muito além das certezas, perscrutar as possibilidades sem fechar-se à invenção e às dúvidas.

Quanto a este texto que apresento, posso dizer:

§ 276 – Para o Ano novo. Ainda vivo, ainda penso: ainda preciso viver, pois ainda preciso pensar. *Sum, ergo cogito: cogito, ergo sum.* Hoje, qualquer um se permite expressar seu desejo e seus mais diletos pensamentos: então, também quero dizer o que hoje desejo de mim mesmo e qual é o pensamento que este ano passou primeiro pelo meu coração – qual o pensamento que deve ser, para mim, razão, garantia e doçura de toda a vida que me resta! Quero aprender cada vez mais, ver o necessário das coisas como sendo o belo – então, serei um daqueles que tornam as coisas belas. *Amor fati*: daqui em diante esse será o meu amor! Não quero travar uma guerra contra o feio. Não quero reclamar, não quero nem mesmo reclamar dos que reclamam. Desviar o olhar deles, será minha única negação! E, abrangendo tudo, em algum momento ainda quero ser apenas alguém que sempre diz sim!: só quero ser um dia afirmador!⁵⁹

Mais uma vez reiteramos, pretendemos, neste trabalho, trazer elementos para análise e fomentar discussões que nos permitam perceber os pontos que inauguraram essas subjetivações e, no debate, construir projetos e estratégias que possam espreitar o pulsar da vida e sua afirmação.

⁵⁹ NIETZSCHE, F. *Gaia ciência*. Tradução e notas Inês A. Lohbauer. São Paulo, Martin Claret, 2016. § 276, p. 270.



¹Laerte

¹ Disponível em <http://icomad.blogspot.com.br/2015/06/tira-laerte.html>. Acesso em 01.dez.2017. Baseado no poema de Mário Quintana "Todos esses que aí estão atravancando o meu caminho, eles passarão, eu passarinho..."

Resistências

*Quero ser bem ignorante, aprender com o vento, tá me entendendo?
Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém
respeita mais bosta do que eu. A química¹. (Totonha)*

Resistências propõe-se a pensar vidas que confrontam modelos. Aqueles modelos que induzem e disseminam a noção de um envelhecimento de qualidade a partir do consumo, quer seja de produtos – medicamentos, cosméticos –, quer seja de uma segurança ilusória – prescrição de uma vida sadia e produtiva –, ou, ainda, promessas de prazer e retribuição generosa – viagens, amigos, felicidade.

Por meio de personagens fictícios da literatura e do cinema, outros, com quem tivemos oportunidade de conviver e, ainda, alguns, cuja trajetória de vida, por um motivo ou outro, os tornaram figuras públicas, construímos estas considerações. Optamos por privilegiar falas e estilos de vida que, de alguma forma, ilustram a intenção central desta pesquisa: questionar a prescrição de um modo de existir e a certeza de que há outras possíveis. Personagens que se situam na proposta de Foucault da estética da existência, na produção inventiva de si, por meio de uma prática ética de produção de sua subjetividade, ao mesmo tempo assujeitada e resistente.

Imersos e submetidos a dispositivos de poder, dispositivos disciplinares e dispositivos de saber, por vezes, o que se apresenta são apenas pequenos pontos e ações que marcam a fuga do controle, nada grandioso ou grandiloquente, mas um movimento.

¹ FREIRE, Marcelino. “Totonha” In *Contos Negreiros*, p.79. Disponível em <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/08/freire-marcelino-contos-negreiros.pdf>. Acesso em 10.out.2015

Movimento na sensação de desconforto, na tentativa de recusar ter seu lugar fixado, na quebra de regras, na opção por não agrupar-se ao “rebanho”, ou ainda na autoinvenção renovada, na percepção da necessidade de luta, no olhar sensível e crítico para o mundo.

Na escolha sobre com quais forças quer se aliar e, finalmente, naquele que quer simplesmente dar de ombros quando entende que a velhice “pode [lhe] dar, não uma eterna juventude, mas, ao contrário, uma soberana liberdade.”

Reconhecemos nestas personagens a leveza, a liberdade, a percepção da própria beleza, cada uma com seu modo próprio de olhar para o cotidiano, em oposição aos ditames de convenções e “daqueles que atravancam o caminho”.

Partimos da percepção de que não existe um modo único de velhice, mas cada um, à sua maneira, encontrando seu jeito de habitar o mundo e forjar seu “próprio estilo”.

Acompanhamos Nietzsche, nesta reflexão, para quem arte e vida não se distinguem. A existência percebida como um fenômeno estético e assim, justificando e encontrando sentido para viver, criando-nos e recriando-nos a nós próprios.

Ao nos construirmos, nos criarmos e nos recriarmos, fazemos de nossa vida uma obra de arte!

Uma coisa apenas é necessária. – “Dar estilo” ao seu caráter – uma grande e rara arte! Quem a exerce é aquele que vislumbra tudo o que sua natureza oferece em termos de forças e fraquezas e depois, o inclui num plano artístico, até que surja como arte e razão, e até que a simplicidade encante nosso olhar [...] No final, quando a obra é completada, torna-se evidente a obrigatoriedade de um mesmo gosto, que predominou e criou formas em grandes e pequenas escalas; se o gosto era bom ou ruim, significa menos do que se pensa – Basta que seja *um* gosto!²

² NIETZSCHE, F. *Gaia ciência*. Tradução e notas Inês A. Lohbauer. São Paulo, Martin Claret, 2016. (Coleção edição especial). § 290. p. 282

Totonha

“Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso.” Totonha³, personagem da obra *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire, apresenta-se assim: questionando.

No conto, entrevemos a fala de uma mulher, velha, que, desafiadoramente, coloca-se contra uma proposta de alfabetização, ao que tudo indica, feita por uma funcionária da prefeitura. “Será que preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente?”⁴, diz, desafiando a autoridade e os saberes constituídos. É sua singularidade que afronta. Afinal, para os letrados, o analfabetismo é um despropósito.

Reclamando seu lugar, no questionamento já entrevemos a postura de não subjugar-se a uma posição determinada por uma sociedade letrada. Totonha responde a alguém que está lá, mas cuja voz não aparece no diálogo, propositadamente calada pelo autor, pois é a oralidade que é privilegiada.

Totonha sabe o que há por detrás daquela proposta de inclusão e denuncia a manipulação de tais políticas. “Só pra prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-a-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem?”⁵.

Totonha não ignora o que não sabe, no entanto, está atenta à oportunidade de aprender com o que existe. No olhar ao seu redor, para seu mundo. Sabe-se pronta para aprender sim, mas aprender a partir de seu movimento e não a partir do que o outro entende que deva aprender.

³ FREIRE, M. Op. cit. p.79.

⁴ ibidem. p. 80

⁵ FREIRE, M. Op.cit. p. 80

Totonha tem orgulho de sua experiência proporcionada pelo viver. Totonha sabe quem é! Sua fala não traz ressentimento, e sim orgulho “Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior”⁶.

A vida, que é a vida a ser vivida – seus relacionamentos, seu esforço pela sobrevivência– para Totonha, o letramento nada vai mudar sobre o que sabe, que sabe! Distante do modelo de velha “qualificada”, Totonha sabe-se percebida como alguém desafortunada.

Pobre, mulher, velha e, ainda, analfabeta. Desafortunada para quem? Desafortunada por quê? Quem disse?

No papel, sou menos ninguém do que aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa [...] Morrer já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de tatu. Adivinhar quando uma coceira é só uma coceira, não uma doença. Tenha santa paciência.⁷

Totonha experimenta em seu próprio corpo a vida que flui! As forças que agem em si são forças ativas e afirmativas. Coloca-se como espírito livre. Cética, não se deixa escravizar por valores que não são seus.

Avante — Assim, avante no caminho da sabedoria, com um bom passo, com firme confiança! Seja você como for, seja sua própria fonte de experiência! [...] Apenas ao chegar à velhice você nota como deu ouvidos à voz da natureza, dessa natureza que governa o mundo inteiro mediante o prazer: a mesma vida que tem seu auge na velhice tem seu auge na sabedoria, no suave fulgor solar de uma constante alegria de espírito; ambas, a velhice e a sabedoria, você as encontra na mesma encosta da vida, assim quis a natureza. Então é chegado o momento, e não há por que se enraivecer de que a névoa da morte se

⁶ Ibidem, p. 80

⁷ Ibidem, p. 80

aproxime. Em direção à luz — o seu último movimento; um grito jubiloso de conhecimento — o seu último som.⁸

Não há como fugir da reflexão em torno do saber estabelecido, aquele letrado, científico, frente aos saberes da vida. Nós nos deparamos e somos obrigados a encarar de frente uma lógica diferente. Totonha aponta para outros rumos. Nós, letrados, nos desestabilizamos diante dessas certezas da personagem e somos forçados a mudar de perspectiva.

Vale pensar até que ponto não se trai a noção de alfabetização/letramento, que foi encarcerada na prática da escrita e da leitura, esquecendo a experimentação e a vivência, principalmente, o respeito aos saberes de cada um?

Letramento, educação continuada, alfabetização, cultura, educação permanente, universidade aberta para a terceira idade são palavras-chave rotineiras em ações voltadas aos velhos. No entanto, tais ações ainda reproduzem elementos de nossa tradição escolar, ancorada na transmissão de informações consideradas essenciais e necessárias, voltadas para um modo de vida que se mostra, porém, distante do prazer e da criação.

Aqui, cabe apontar a proposição dessa “ilustração”, dessa educação na velhice, que faz parte de um “guia para um envelhecimento com qualidade de vida”, que impõe um investimento em si com objetivo de aprimorar habilidades para produção. Tal proposição torna-se quase que obrigatoriedade para o entendimento do que é o bom envelhecer!

Livre, Totonha compõe suas forças com as da natureza. Sabe se a chuva vem, aprende com o vento, com a bosta, acorda com o sol, busca seu alimento. O cuidado de si que transparece no respeito ao seu acordar, comer, no perceber-se com “uma coceira” e não doente. Afronta os modelos e apresenta sua resistência sem subjugar-se ao médico, ao político, ao cientista e, ao mesmo tempo, distancia-se do conformismo e do ressentimento.

⁸ Nietzsche, F. *Humano, demasiado humano*. §292. Disponível em <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/Humano-Demasiado-Humano.pdf> Acesso em 3.jun.2017.

Porquanto oposto ao ato criativo, do indivíduo artístico que supera obstáculos, não está presente em Totonha o ressentimento, daquele que direciona seu olhar para o exterior para então agir e reagir. Não, Totonha afirma-se na vida!

A fala de Totonha flui e deixa claro que não aceita se aprisionar. Uma fala que se singulariza, intensa e precisa. Não há espaço para vitimização. Responsabiliza-se por si e não deixa para o outro a construção de sua subjetividade. Na resistência se constrói.

Téo

Téo, personagem de Juan Pablo Villalobos⁹, 78 anos, instala-se em um edifício de três andares, na Cidade do México, onde todos os moradores são velhos. No edifício, repleto de baratas, mas, por outro lado, com preço de aluguel muito baixo e valores congelados, o que torna os apartamentos “atrativos” e disputados, encontra-se o que Téo chama de “gueto da terceira idade”.

Entre idas e vindas, disputas internas entre os moradores com poder autoinstituído de decidir pela permanência ou não dos inquilinos, encontramos um grupo atento e seguidor das práticas e modelos para um bom envelhecer.

Capitaneados por Francesca, moradora que, segundo Téo, articulava de maneira devotada “[...] estratégias políticas de controle do edifício” e fazia do grupo “capachos da tertúlia literária [obrigados] a ler um romance atrás do outro”, mas que:

[...] não era a única desgraça na rotina do edifício. Hipólita [...] dava aulas de modelagem em miolo de pão às terças, quintas e sábados. Havia também um instrutor que vinha às segundas e sextas para eles fazerem ginástica aeróbica ali perto [...] [em] um parque cheio de mato e arbustos, onde, mais que oxigênio, o que se respirava era

⁹ VILLALOBOS, J. P. *Te vendo um cachorro*. 1ª ed., São Paulo, Cia das Letras, 2015.

dióxido e monóxido de carbono [...] E ainda tinha ioga, informática e macramê [...] Também organizavam excursões a museus e locais de interesse histórico.¹⁰

Impossível não sorrir ao recordar e relacionar tais ações com tantas que conhecemos e vemos divulgadas no universo das atividades socioeducativas voltadas aos velhos no Brasil. Parece que se segue um *menu* uniforme e “uniformizante” de opções.

Trazendo como motivação e objetivos “a produtividade”; “manter a funcionalidade do idoso”; “qualidade de vida”; “ações relevantes e intervenções biopsicossociais” como forma de “atuar na saúde integral do idoso”¹¹, além, é claro, quase que como uma forma de manter a sanidade, a possibilidade de “ocupar” ou “matar” o tempo, uma vez que, para um certo entendimento comum, os velhos que não mais trabalham e/ou produzem têm muito tempo livre e devem usá-lo de forma produtiva.

A aversão e a recusa de Téo em partilhar daquelas atividades, tomadas como importantes e centro da vida cotidiana para os outros moradores, e integrar-se àquele grupo, leva seus vizinhos a fantasiarem sobre o misterioso morador tão antissocial. Sua resistência está na sua diferenciação em escapar desses modelos.

Bem-humorado, irônico, sarcástico, Téo vive como quer e tem na bebida um grande prazer, a ponto de sua preocupação com gastos e economias resumirem-se a planejar o quanto poderá beber até sua morte, tendo como renda apenas sua magra aposentadoria.

Tal personagem nos deixa entrever o espírito livre¹² proposto por Nietzsche, aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria devido ao seu meio, sua posição e função ou, ainda, conforme nos reportamos a todo o momento, com base nas opiniões que são predominantes em sua época, distanciando-se e transformando-se em exceção aos espíritos cativos que prevalecem.

¹⁰ Ibidem. p. 15-16.

¹¹ Discuto em outro texto, *Envelhecer uma questão de saúde?*, como grande parte das práticas voltadas aos idosos têm como referência e objetivo a saúde.

¹² NIETZSCHE, F. op. cit. §225.

Téo é aquele que resiste, aquele que não está em busca do certo e do fixo, de valores determinados, de modelos que operam a vida e diminuem as forças. Sua potência é o movimento. Acerca-se da vida, desprende-se da segurança e mergulha no redemoinho.

Caroline

No filme *Os belos dias*,¹³ Caroline, que acaba de aposentar-se, recebe como presente de sua família um ingresso de participação em um centro que oferece atividades voltadas aos idosos. Parte das filhas a percepção de que a mãe, com muito tempo livre depois de afastada de sua vida profissional, precisa de algo com que ocupar seu tempo.

O espaço denominado de *Os belos dias*, já nos coloca diante de um elemento muito comum nas referências ao envelhecimento: o uso de eufemismos¹⁴. A criação e o uso de eufemismos – do grego *euphemismos* (bem dizer) - aludem à dissimulação de sentimentos incômodos ou termo tabu como prática de uma sociedade que entende a velhice como sofrimento e tenta de todas as formas encobri-la, suavizá-la ou escondê-la.

O eufemismo como figura de linguagem sempre existiu, mas há momentos em que a força com que surge nos discursos revela outras finalidades. Não à toa, hoje, convivemos com vasta gama de termos para falar do velho e da velhice: terceira idade, melhor idade, idade da sabedoria, feliz idade, digna idade, cabelos de prata e, mais recentemente, proposto por importantes especialistas: gerontolescentes.

Convencida a participar das atividades oferecidas no espaço cultural *Os belos dias*, percebemos o desconforto e incômodo que acometem Caroline, que sente não “se encaixar” nas ações oferecidas e consideradas adequadas para seu público alvo: os velhos. Aulas de teatro, artesanato, inclusão digital.

¹³ *Os belos dias* (França 2013). Direção de Marion Vernoux. Com Fanny Ardant e Laurent Lafitte. 94 min. Imovision.

¹⁴ Centro da Melhor Idade; Happy Days; Viva a Vida (SP); Renascer, Grisallys (RGS); são exemplos colhidos aleatoriamente durante a pesquisa.

Caroline participa do curso de teatro, um espaço onde se sente exposta, das aulas de cerâmica e de informática, em sua opinião, mecânicas e amestradoras, tentando ajustar-se para usufruir do presente oferecido pelas filhas já que estas haviam decidido: precisava de algo que ocupasse ou preenchesse seu tempo. O incômodo está instalado.

Em um diálogo com Julien, jovem professor de informática do centro, ao discutirem sobre o tempo e o passar dos dias, Caroline é instada a ocupar seu tempo com trabalhos voluntários¹⁵. Diante da sugestão, replica contrariada: “_Então é assim. Quando envelhecemos temos que dedicar nosso tempo aos outros”.

Acompanhamos Caroline em uma jornada de transgressão à vida que mantinha. Inicia uma relação amorosa com Julien, que representa o oposto de sua vida cotidiana, vivenciando momentos em que se permite fumar e beber sem censuras. Esquece-se de compromissos e cuidados com a casa. Caroline cria pontos de resistência às demandas formuladas pelos outros.

“Atividades que contribuem para combater os efeitos negativos do envelhecimento” ou “ocupação do tempo ocioso”. Certamente, tais apelos são atrativos e encontram simpatizantes e ressonâncias em um universo onde o envelhecimento é percebido como falta.

Situar o envelhecimento na perspectiva da vida exige uma nova atitude, diferente daquela que pretende eternizar valores atribuídos em um dado período do vivente; mais que isso, implica uma ruptura com a servidão aos valores vigentes [...] Tais questões exigem que se abandone uma postura reativa, que aceita os valores estabelecidos e os justifica.¹⁶

¹⁵ A fácil associação entre voluntariado e idosos acontece também no Brasil. Em 2001, durante o “Ano internacional do voluntariado” proposto pela ONU, houve uma grande movimentação de organizações para divulgar entre grupos de idosos informações sobre o voluntariado e o estímulo para que se engajassem de alguma forma em ações como voluntários. Na mesma cadência, diversos trabalhos acadêmicos associam o voluntariado pelos idosos com qualidade de vida, promoção da saúde, entre outros. Como exemplos: SOUZA, L. e LAUTERT, D. *Trabalho voluntário: uma alternativa para a promoção da saúde de idosos*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/v42n2a21.pdf>. Dos mesmos autores *Qualidade de vida e trabalho voluntário em idosos*. Disponível em <http://www.redalyc.org/html/3610/361033310017/>. FIGUEIREDO, N. *Interfaces do trabalho voluntário na aposentadoria*. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/4448>.

¹⁶ TÓTORA, S. “Ética da vida e o envelhecimento” In CÔRTE, Beltrina et al. *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo, Vetor. 2006. p. 27-48.

Enquanto a velhice continuar a ser considerada como período de carências e faltas, as recomendações e propostas não devem se alterar, uma vez que partem da perspectiva de “preenchimento” de algo que está em falta: ocupação, prazer. As ações são geralmente sugeridas e elaboradas na perspectiva de “solucionar” problemas. Incluso, aqui, a estranha ideia de ações para “matar o tempo”.

Yehezkel e seu grupo

O filme israelense, *Festa de despedida*,¹⁷ consegue ser, ao mesmo tempo, bem humorado e delicado ao tratar de temas como a eutanásia em um país que discute, intensamente, nas últimas décadas, essa questão do controle, da disciplinarização e da tutela a que os velhos são submetidos em certos espaços coletivos. Entre a ampla produção atual que aborda a questão da velhice, vale ser mencionado pela temática proposta e por apresentar seus personagens construindo possíveis resistências.

É em um cenário de normalidade e aparente tranquilidade que conhecemos o engenheiro aposentado e inventor Yehezkel. Com sua esposa, Levana, Yehezkel, mora em um dos apartamentos de um residencial para idosos em Israel. Entre as diversas engenhocas que inventa, Yehezkel, auxiliado por um veterinário e seu companheiro, acaba por criar uma máquina de eutanásia, inspirada na “máquina de suicídio”, de Jack Kevorkian, com objetivo de ajudar um amigo em estado terminal de uma grave doença a ter uma morte digna e sem dor.

O equipamento permite a quem o controla a possibilidade de autoinocular-se drogas que levam à morte. Antes disso, o grupo acompanha todo o procedimento e organiza-se um ritual de despedida que inclui a gravação de um vídeo, quando o doente explica o porquê de sua decisão pelo suicídio assistido, despedindo-se das pessoas amadas e assumindo a responsabilidade pelo ato. Uma prática de defesa legal, que protege a quem acompanhou o processo de uma acusação de assassinato.

¹⁷ *Festa de despedida (Mita Tova - Alemanha/Israel, 2015)*. Direção de Sharon Maymon e Tal Granit. Com Ze'ev Revach, Levana Finkelstein, Aliza Rosen. 93 min.

Quando o segredo da “máquina” se espalha, Yehezkel e seu grupo “da morte” são chamados a ajudar outras pessoas na mesma situação, o que provoca entre eles discussões e a emergência de dilemas morais.

A dinâmica contemporânea, que gere e regulamenta a vida, apropria-se de recursos e investe suas forças nos domínios dos corpos e na conservação da vida. Onde está a oportunidade de dizer o que faz sentido para cada um? Onde está a oportunidade de decidir e negar-se a intervenções brutais esvaziadas de sentido?

A imensa máquina da medicina (hospitais, laboratórios, farmácias, médicos, inseguro saúde, máquinas de diagnósticos por imagem [...]) produz a nossa longevidade. [...] À máquina não interessa o ser vivo, mas a bio de que ele é portador. **Um primeiro passo para resistir à máquina que nos alienou de nossos corpos é se recusar a técnicas de prorrogação da bio em nós [...]**¹⁸ (Grifo nosso)

A reflexão sobre o direito à morte é, certamente, o tema central abordado no filme e aqui apontamos a ação desses velhos que por entre as fendas do poder permitem que as forças vitais resistam, resistam por meio da opção da escolha. A escolha entre prolongar a **bio** ou morrer.

Simultaneamente, nos deparamos com outros elementos que, considero, valem ser apontados, porquanto quase que naturalizados, sobre as formas de relação com os velhos. Elementos esses que poderiam perder-se no sutil humor da trama, mas que expõem alguns padrões assistencialistas e de tutela no relacionar-se com os velhos.

Como já descrito, a história desenvolve-se em um residencial para idosos na cidade de Jerusalém, com espaços amplos, agradáveis, decorados com belos jardins. Os moradores (casais, viúvos, solteiros) estão instalados em apartamentos.

¹⁸ Jean-Claude Bernardet. *Longevidade e capitalismo*. Post de 10/04/2015 às 15h34. Disponível em <http://jcbernardet.blog.uol.com.br/>. Acesso em 5.dez.2017

No cotidiano, as refeições são servidas em um espaço coletivo e, da mesma forma, há uma área comum de convivência que acolhe os moradores para momentos de diversão e lazer, onde não falta o famoso “bingo”¹⁹.

Ainda que os espaços sejam bonitos e cuidados, percebe-se a vida homogeneizada, os ritmos do cotidiano regulados, padronizando um modo de vida, a disciplina estabelecida. Todo movimento deixa entrever que há regras a serem seguidas e uma ordem a ser mantida. A disciplina se vale da vigilância, a disciplina se vale de um espaço fechado, ainda que um residencial nestes moldes pareça ser mais aberto do que outros espaços conhecidos que acolhem os velhos, e todos são permanentemente fiscalizados e observados. Espera-se dessa rotina e dinâmica corpos dóceis e submetidos.

As normas do residencial são rígidas quanto ao comportamento dos moradores. Em um momento da trama, quando a esposa de Yehezkel, Levana, nos primeiros sintomas de demência, apresenta-se totalmente nua no salão de refeições para o café da manhã, causa grande alvoroço entre os residentes.

Após ser resgatada pelo marido e levada ao seu apartamento, toma consciência ao lhe contarem do que havia acontecido. Levana queda-se extremamente triste, não só por ter-se exposto, mas, também, pelo medo da demência, já diagnosticada, que a acompanha.

O grupo de amigos, na intenção de acolhê-la e animá-la, convidam-na para um encontro noturno na estufa do jardim. Em uma belíssima cena, esteticamente cuidada e elaborada, vemos Yehezkel e Levana chegando ao local do encontro e deparando-se com todos do grupo ... nus, saboreando uma taça de vinho. Um bom encontro, que possibilita experimentar os afetos, um ato de resistência em meio a um espaço absolutamente disciplinado.

¹⁹ Estranhamente o “bingo” parece ser um lazer universalmente entendido e aceito como ideal voltado para os velhos. No Brasil, difícil encontrar programação, em diferentes espaços, onde o bingo não é uma das atrações principais.

No meio da confraternização, um segurança que fazia ronda no local aproxima-se e vemos que espia pelos vidros da estufa, assustado... Corta a ação para a cena seguinte: a gestora do residencial repreendendo todo o grupo, já todos vestidos, discursando acusadoramente sobre o que seria um “comportamento não aceitável”, pronta a “expulsar” todos do residencial.



20

Imediatamente, a imagem que nos vem à mente não é de uma moradia e sim de um colégio interno, disciplinado e rígido; de uma prisão. Qual seja, um local de confinamento da sociedade disciplinar.

Tal encadeamento nos remeteu a Deleuze que, no *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*²¹, descreve como as sociedades disciplinares e seus espaços de confinamento, que tiveram seu apogeu no início do século XX, passaram a coexistir com novas forças: as sociedades de controle.

²⁰ Imagem do filme “Festa de despedida”. Disponível em <https://www.blahcultural.com/critica-de-filme-a-festa-de-despedida/>

²¹ DELEUZE, G. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* In *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34, 1992. Disponível em <https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 20.ago.2017.

As sociedades de controle, ao substituírem as sociedades disciplinares, permitiram que os meios de confinamento dessem lugar às formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, ambas, porém, continuam convergindo para o poder sobre a vida.

Analisa ainda, como as propostas de reformas dos conhecidos espaços disciplinares nos colocaram diante de novas liberdades e, também, de novos mecanismos de controle. Um residencial/empresa é sempre diferente de um asilo, seja na arquitetura, seja na organização interna de relações com os idosos moradores, uma vez que acabam por construir, também, relações de consumo diferentes, enquanto lá tínhamos os “assistidos”, aqui temos os “clientes”.

Diante disso, vale refletir sobre os modernos modos de morar propostos aos idosos, que substituem os asilos e, conseqüentemente, as novas formas usadas para moldar, exercer controle sobre os “moradores”.

Assim como “[...] a fábrica era um corpo que levava suas forças internas a um ponto de equilíbrio, o mais alto possível para a produção, o mais baixo possível para os salários; [na] sociedade de controle a empresa substituiu a fábrica, a empresa é uma alma, é um gás.”²²

Os residenciais de idosos tornaram-se empresas que implicam no uso de novas forças e diante disso, deve-se, pois, buscar novas armas de resistência.

²² DELEUZE. G. op. cit. p. 221

A que servem tais interdições²³ voltadas aos velhos? Valores de uma cultura que despreza o corpo? Valores de uma cultura que despreza o corpo velho? Para Nietzsche, arte e vida não se distinguem. Assim, a existência apresenta-se como um fenômeno estético – por meio da subversão de valores morais, a transvaloração de todos os valores – uma realização artística. Em seu compromisso com a vida, confronta os “desprezadores do corpo”

Aos desprezadores do corpo irei dirigir minha palavra [...] Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E quem é que sabe por que o teu corpo necessita da tua melhor sabedoria? [...] Eles desprezam aquilo a que devem sua estima. Quem criou a estima, o desprezo, o valor e a vontade? O ser próprio criativo criou para si a estima e o desprezo, criou para si a alegria e a tristeza. O corpo criativo criou para si o espírito como um punhado de sua vontade [...] Vós, desprezadores do corpo, mesmo em vossa insanidade e desprezo, estais servindo ao vosso ser próprio. Eu vos digo: vosso ser próprio quer morrer e se afasta da vida [...] estais agora com raiva da vida e da terra [...] Eu não sigo o vosso caminho, desprezadores do corpo!²⁴



23

Vale apontar que esse controle não é incomum mesmo em espaços que têm por objetivo a sociabilização. Esta imagem foi captada durante visita da pesquisadora a um centro social para idosos – mantido pela municipalidade –, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, no ano de 2017. No local, além de aulas de artesanato, acontecem periodicamente bailes que têm como público alvo os velhos da região. A placa está instalada na entrada do local, informando e colocando a condição necessária para os interessados frequentem o centro e possam participar das ações promovidas.

²⁴ NIETZSCHE, F. Dos desprezadores do corpo In *Assim falou Zaratustra*. Trad. Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo, Martin Claret, 2014. p.48-50

Se, conforme Deleuze afirmou, a velhice seria um momento privilegiado para simplesmente ser, livre das imposições do cotidiano, das obrigações, devemos refletir constantemente com quais forças queremos nos aliar? Que modo de vida desejamos?

Consideremos aqui o *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*²⁵, um dos documentos de organismos internacionais que trazem orientação sobre a elaboração de políticas sobre envelhecimento, que aponta para o fato que:

70 não é o novo 60 - mas poderia ser. Uma suposição que vai contra os equívocos negativos associados ao envelhecimento é que as pessoas mais velhas, hoje, possuem saúde melhor em relação aos seus pais ou avós. Isto é somado ao dizer que “70 é o novo 60”. Embora superficialmente positiva essa suposição carrega um gosto amargo. Se hoje os adultos maiores de 70 anos possuem a mesma saúde que os adultos maiores de 60 anos do passado, **pode-se concluir que os adultos maiores de 70 anos de hoje estão em melhor posição para se defenderem sozinhos e, portanto, há menos necessidade de ação política para ajudá-los. (Grifo nosso)**

Contradições postas, entendemos que a tentativa de controle e assistência acaba por contaminar todas as instâncias da vida e a tutela passa a ser reputada como cuidado. O envelhecimento e o idoso são classificados e categorizados e, finalmente, estudados e pesquisados – incrementando a produção de saberes – incentivando e criando um efeito perverso de assujeitamento.

Diante de tais controles, como criar outras possibilidades de existência? Diante de tais modelos, como subverter o que está posto? Diante do envelhecer do corpo biológico que outras formas podem ser encontradas para renovar a existência? A velhice não deveria ser um momento para experimentar novos afetos, para opor-se a convenções e valores impostos?

²⁵ Organização Mundial da Saúde. *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*: resumo. 2015. p. 9. Disponível em <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em 22.jun.2017

Dorothy Lenner

Atriz e bailarina, Dorothy Lenner, em entrevista²⁶ à revista *Mais 60: estudos sobre envelhecimento*, expressa sua ideia da vida como obra, como experimentação, ao dizer:

Conforme você envelhece, se transforma [...] procura outros caminhos, você cria e começa outros movimentos, encontra outras possibilidades e outras impossibilidades, também. Assim, você tem que tentar essas impossibilidades até torná-las possíveis e positivas. Dar sua potência ao máximo. Quando se é jovem, há energia, movimentos, técnicas. Considero que a beleza da vida é isso também, que você vai se transformando e se adaptando às circunstâncias e encontrando novas maneiras de se expressar, de se movimentar, de criar, de repensar tudo.

Como bailarina, Dorothy cria e se transforma a cada dia. Não é a velhice que poderia fazê-la deixar de dançar, porquanto inventa-se tranquilamente, sabendo de suas mudanças e com seus novos ritmos e novas possibilidades.

Atenta ao seu mestre Takao Kusuno²⁷, para quem não se trata de negar as alterações fisiológicas pelas quais o corpo passa e se transforma, mas sim de perceber que:

A dança é um ato expressivo em que o corpo é o principal e o único veículo de transmissão de ideias e sentimentos. O corpo humano, assim como todos dos outros seres vivos do universo, está sujeito às limitações impostas pelas leis naturais, das quais o dançarino fica à mercê, quando se pensa nele como uma entidade física. A fisiologia, portanto, é um empecilho para que o dançarino expresse livremente ideias e imagens que nascem em seu coração. Refletir sobre essa questão, buscando **transgredir e superar essas limitações, é tarefa do dançarino em seu ato criativo**²⁸. (Grifo nosso)

²⁶ *Entrevista: Dorothy Lenner In Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc, vol. 27, nº 66, dez. 2016. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10794_DOROTHY+LENNER+84+ANOS+BAILARINA+E+AT+RIZ. Acesso em 23.mar.2017.

²⁷ TAKAO Kusuno. Coreógrafo, diretor teatro, artista plástico. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18418/takao-kusuno>. Acesso em 12.set. 2017.

²⁸ KUSUNO, T. e OGAWA, F. *A idéia do físico-corpóreo em transformação*. Disponível em <http://emiliesugai.com.br/a-ideia-do-fisico-corporeo-em-transformacao/>. Acesso em 12.set.2017

Em concordância com Silvana Tótora,²⁹ que aponta que na velhice, e conforme a idade avança, o corpo desaparece para dar lugar a outras forças expressas pelo olhar e pelos gestos das mãos, que constroem relações, tal colocação ratifica a fala de Dorothy, quando admite que a agilidade não é a mesma, ao reconhecer suas possibilidades e impossibilidades.

No entanto, e depois de sofrer um gravíssimo acidente de carro que lhe deixou sequelas e episódios de dor, Dorothy considera estar mais próxima à vida, “adere” à velhice, sabendo e acolhendo suas belezas e suas dores, sem ressentimentos. A dança é seu ato criativo que lhe permite expressar-se.

Shoko Suzuki

Já a ceramista Shoko Suzuki, também entrevistada³⁰, coloca-se da mesma maneira que Dorothy. Acometida por um AVC – no momento da entrevista estava a 17 dias de completar 88 anos -, que deixou sua mão esquerda com menos força do que a mão direita, explica que, para continuar a moldar pequenas peças em um torno manual sem o auxílio de ambas as mãos, descobriu outros movimentos e, agora, no momento de amassar o barro para dar o formato à peça, utiliza-se de uma superfície dura como “substituto” para a outra mão.

A experimentação continua, assim como o trabalho criativo, no entanto, transformado. Ao explicar a “nova técnica”, sua expressão é de naturalidade, que foge à ideia da “adaptação” e nos remete à criação.

A natureza medeia as relações da ceramista com o barro. Sua poética carrega a arte e a vida. Em uma sociedade de consumo de arte fugaz, cada peça criada pela artista passa

²⁹ TÓTORA, S. *Velhice uma estética da existência*. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2015.

³⁰ Entrevista: Shoko Suzuki In *Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc São Paulo, v.28, nº 67, p.84-91. Mai. 2017. Disponível em <https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4 MAIS+60>.

por um longo e delicado processo desde a preparação da argila, a moldagem em seu torno manual, a pintura que utiliza esmaltes fabricados a partir das folhas das árvores.

Corpo e tempo se fundem. Para Shoko, o universo está em cada uma de suas peças.

Berta

Berta Lange de Morretes³¹, bióloga, que aos 95 anos continuava ministrando aulas no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, relata que apesar de continuar sua atuação na pesquisa e orientação de alunos e de seu prazer no ensino tinha a clara percepção do rótulo que tentavam pregar-lhe: de alguém que com 95 anos não teria a mesma capacidade de raciocínio e trabalho.

Na entrevista pode ser percebido o prazer que Berta encontra no ensino, na convivência com jovens pesquisadores. Sabe de sua potência. Atenta ao seu próprio movimento, continuou com suas orientações e pesquisas até pouco antes de sua morte, em dezembro de 2016.

Teimosia? Uma característica normalmente apontada aos velhos é a teimosia, mas não seria, por parte de Berta, uma forma de resistir? Uma afirmação do que procurava?

³¹ Entrevista concedida a esta pesquisadora. Entrevista: Berta Lange de Morretes In *Revista Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc São Paulo, v.24 (56), p.74-87. Mar. 2013. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6585_ENTREVISTA+BERTA+LANGE+DE+MORRETES. Acesso em 12.jun.2017. Berta faleceu em dez. 2016.

Conceição

Para Conceição Evaristo³², 70 anos, escritora:

O nosso enfrentamento é necessário, mas é preciso sabedoria. Às vezes a gente coloca a cara para bater e o outro só quer te desconcertar. **Mas é a idade que vai dando isso pra gente. Que te permite avaliar o inimigo, deixar o inimigo se distrair, deixar o inimigo esbravejar e aí a você chega.** Agora, essa história de amor, eu acho muito complicado porque me lembra algo cristão. Justamente por sermos todos irmãos é que eu quero tudo o que você pode ter. O irmão pressupõe partilha, então cadê o meu? Então é preciso enfrentar com cuidado, senão você se machuca e o “irmão” ainda leva tudo o que é seu. (Grifo nosso)

Sua fala traz a resistência, traz a percepção da experiência como forma de entender e preservar-se. Distante da ideia de adaptação ou resiliência e atenta à sua escrita como ato político e em luta, em movimento contra a interdição.

Aqui vale um parêntesis para apontar outro termo muito utilizado na construção de discursos sobre a velhice na atualidade: a “resiliência”.

”Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”³³

Conceito emprestado da física, diz respeito à capacidade de um corpo, depois de ser submetido a um determinado estresse, voltar ao seu estado anterior. Normalmente vista como algo positivo, sugerimos uma reflexão, um olhar a partir de outra perspectiva.

Segundo Salete Oliveira³⁴, “a etimologia da palavra resiliência provém do latim (resilio), no qual se situa como verbo (re+salio), designando **voltar atrás, ou saltar**

³² Conceição Evaristo: nossa fala estiliza a máscara do silêncio. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>. Acesso em 1.go.2017.

³³ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 12º ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1978. p.15.

³⁴ OLIVEIRA, Salete. Política e resiliência – apaziguamentos distendidos In *ecopolítica*, nº 4, p. 105-129, 2012. p. 106 . Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568>. Acesso em 15.out.2017.

para trás, recuar, retirar-se sobre si mesmo, desdizer-se, encolher-se [...]” (Grifo nosso). Para a autora, o termo, que tem origem na física, foi apropriado pela sociedade disciplinar como prática do poder e produção de condutas. Sublinha ainda a atualidade do termo, apresentado como conceito chave, principalmente, na gestão de pessoas.

A autora prossegue, chamando atenção para um histórico que acompanha a abordagem do tema em estudos e pesquisas sobre crianças e jovens resilientes a partir da segunda metade do século XX. Para a autora, neste caso, a resiliência apresenta-se como uma nova forma de redimensionamento da cultura do castigo.

Consideramos que, na atualidade, essa mesma tecnologia tem sido utilizada nos discursos sobre a velhice³⁵ também com objetivo de disciplinar condutas. No olhar de Oliveira, e concordamos com a autora, o conceito apresenta-se como mais uma tecnologia de poder e como elemento que impulsiona e fomenta as chamadas adaptações e adequações.

A resiliência, ainda segundo Oliveira, produz e dá forma a condutas de apaziguamentos e pode traduzir-se na “contenção de resistências”. De que forma?

Na sociedade disciplinar, a paciência, a obediência, a adaptação, a resiliência são consideradas virtudes. Todo comportamento que não produza confronto, de qualquer dimensão, é valorizado.

Sabendo que a *microfísica do poder* opera em todos os espaços, “rigorosamente falando o poder não existe, existem sim práticas ou relações de poder. O que significa que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona [...] como uma maquinaria [...] se dissemina por toda estrutura social.”³⁶, entendemos que aquelas virtudes entranharam-se nos discursos como um valor louvável, como *modus operandi*, agora também sobre a velhice, como mais uma imposição formal para quem envelhece.

³⁵ No 12º Fórum da Longevidade, realizado em São Paulo, em outubro de 2017, a resiliência na velhice foi um dos temas mais abordados. Evento promovido pelo Grupo Bradesco Seguros (desde 2006), o evento aconteceu em São Paulo e no Rio de Janeiro com o tema “A construção da resiliência ao longo do curso de vida”. Disponível em <https://www.vivaalongevidade.com.br/forum-da-longevidade>. Acesso em 01.dez.2017.

³⁶ MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder In FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 2006. p.XIV

Partindo da perspectiva que propomos, não seria a valorização da resiliência uma forma de controle e disciplina? Contra um poder que subjuga, não seria o desacomodar-se, não adaptar-se, não ser resiliente, uma forma de resistência? Uma maneira de provocar mudanças e expor a disciplina e o controle a que se submete a velhice?

Pois bem, por vezes os velhos são considerados, percebidos, ou acusados de teimosos, rabugentos, ranzinzas e que se recusam a adaptar-se, a apropriar-se de coisas novas, a modernizar-se, pois preferem viver do/e no passado.

Assim, para merecer uma velhice virtuosa, e, muitas vezes, com intuito de serem aceitos em determinados grupos, ou bem quistos em uma comunidade, sentem que deveriam aderir a um comportamento que os manteriam longe daqueles estereótipos e passariam a ser considerados flexíveis, adaptados e resilientes³⁷.

Conceição... (continua)

“A minha história pessoal e a história da minha coletividade são marcadas por interdições. E a escrita me liberta, me coloca num espaço em que eu normalmente não estaria, que não é comum às mulheres negras”³⁸ e podemos também incluir, às mulheres velhas.

O que há em comum nessas velhices? A resistência em nome da potência da vida, em nome da criação sempre possível e da experimentação, contra os saberes instituídos e estagnados. O aprender a partir das próprias referências e não das referências do outro. A resistência contra o moldar-se aos padrões e modelos, quaisquer que sejam.

Deleuze e Guattari³⁹ confirmam a atitude de resistência como forma de afrontar os padrões e privilegiar a vida.

³⁷ Mais uma vez, ressaltamos que não apontamos determinismos. Sabemos que entre o cego e o obrigatório na modernidade das tecnologias, especialmente com relação às TICs, há aqueles que fazem uso delas à sua escolha, ou a seu “bel prazer”, na medida de seus interesses e de suas necessidades. Não se detêm no saudosismo e possuem uma visão crítica do “progresso modernizador”.

³⁸ <https://revistacult.uol.com.br/home/conceicao-evaristo-encara-a-escrita-como-ato-politico/>

³⁹ DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. O que é filosofia? Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Muñoz. 3ª ed., São Paulo, Editora 34, 2010. p. 7

Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude, mas ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um dardo que atravesse as eras.

Dorothy, Shoko, Berta ou Conceição recusaram-se a adaptar-se, optaram, sim, por criar outras formas para suas expressões. Reafirmando suas forças criativas, aceitam o convite de Nietzsche em uma fusão de artista e obra de arte, encontram sentido para suas vidas, criando-se a si próprias, afirmando sua vontade por meio de suas ações. Fica a pergunta, quem são os resilientes? As personagens apontadas acima seriam consideradas resilientes?

Ao contrário do que é preconizado no documento *Envelhecimento Ativo*, que menciona “Saber superar adversidades determina o nível de adaptação a mudanças [...]”⁴⁰, encontramos vidas que diferem diametralmente das adaptações, estas, o oposto da criação.

Quando o discurso valoriza a adaptação, o que está em jogo são as forças reativas em resposta às forças externas. De acordo com Nietzsche, a “faculdade de adaptação” é uma atividade de segunda ordem.

Ao colocar-se a vida como uma adaptação interior em relação às circunstâncias exteriores, quer-se desconhecer a essência da vida, a vontade de potência.

[...] a “faculdade de adaptação”, isto é, uma atividade de segunda ordem, uma “reatividade”, e até se definiu a vida em si mesma como uma adaptação interior, cada vez mais eficaz às circunstâncias exteriores [...] Mas com isto se desconhece a essência da vida, a vontade de potência, e passa-se por alto a preeminência elementar às forças espontâneas, agressivas, conquistadoras, usurpadoras, transformadoras, e que sempre estão produzindo novas exegeses e novas direções, submetendo a suas leis a própria adaptação. Assim se

⁴⁰ ORGANIZAÇÃO Pan-Americana de Saúde - OPAS. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. p. 28. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em 30.set.2017.

nega também a soberania das funções mais nobres do organismo, funções em que a vida se manifesta como ativa e plástica [...]⁴¹

Seguir o próprio caminho, afastar os corpos da submissão, a criação em oposição à adaptação! O movimento de afirmação no lugar da reação. Essas mulheres, assim como as personagens, superam-se.

Sílvia

O curta metragem, *Três vezes por semana*⁴², por sua vez, desvela uma dinâmica de vigílias e controles e julgamentos morais, que acaba por expor o lado perverso da tão propalada importância da participação em grupos, um dos pilares do conceito do envelhecimento ativo. Assim como outras percepções que situam o envelhecimento, tais como solidão, tristeza, um cotidiano de rotinas.

A narrativa nos apresenta a Sílvia, uma mulher, velha, que mora só em uma casa cheia de problemas de conservação: goteiras, torneiras quebradas, espaço sombrio e com pouca luz, que só aumenta sensação de solidão e desamparo. Ambiente escuro, móveis escuros, que carregam fotografias de outros tempos.

Conforme o título, acompanhamos Sílvia em seus encontros semanais com a turma da hidroginástica, três vezes por semana, em um ambiente que contrasta fortemente com sua casa: limpo, claro, organizado e repleto de pessoas.

Sílvia acorda pontualmente às 6h30 ao tocar do rádio relógio. Apresenta-se ao encontro sempre com tom de voz alegre, participa das conversas com o grupo de forma amigável

⁴¹ NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Dissertação segunda § 12. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, Vozes de Bolso, 2017. p.90.

⁴² *Três vezes por semana*. (Curta metragem).Dir. Cris Reque. Porto Alegre. Brasil. 2011. 15 mi. Exibido no Festival Mix Brasil 2013. Tema: Diversidade

e acolhedora. Notícias sobre a família, maridos, filhos são trocadas e, já nesse momento, percebemos algo que parece artificial.

No decorrer da narrativa, percebemos que Sílvia tem construído com o grupo uma história de vida diferente da que experimenta. Suas histórias apresentam um marido, uma filha e uma neta com quem passa férias na praia, o contrário do cerco de solidão cotidiana e da lembrança de um companheiro que, em determinado momento, Sílvia maldiz em um desabafo, desolada, de si para si “_Me deixou uma casa caindo aos pedaços e nem me comia direito”, fala que trai o ressentimento.

Sílvia está adaptada. Participa de um grupo, faz atividade física, é otimista. Segue o modelo para um bom envelhecer.

Na academia apresenta-se sagaz, responde a perguntas sobre a família de maneira absolutamente natural, anunciando um cotidiano afinado com o das companheiras, casada, feliz e amada pela família. Tem solução e resposta para tudo. Ao ser cobrada para exibir fotos da neta, de quem tanto fala, desculpa-se do esquecimento e promete compartilhar com o grupo no próximo encontro.

Corte para uma loja de revelações onde Sílvia, ao custo de subornar o balconista, adquire cópias de fotografias de uma jovem e uma criança que, diz ela ao balconista, seriam de sua afilhada e sua filha. Já sabemos o que se passa, mas é curioso acompanhar sua aventura na construção de uma história que combine com o que o grupo espera ser contada por ela. Numa ação que reage ao que as companheiras esperam.

De posse daquela prova material, exhibe-a como sendo da filha e da neta, mas sempre há alguém na espreita, e uma das colegas pergunta quase que acusadoramente, duvidando: “_Mas isto é Florianópolis? Parece Torres”, enquanto gira as fotos nas mãos como para descobrir um erro qualquer.

A partir de uma viagem de lazer com “sua turma” de hidroginástica, Sílvia expressa o desejo de viajar de avião e conhecer o nordeste, experiência nunca vivida antes e, prontamente, é estimulada pelas colegas.

Corte para um ambiente com um grande espelho onde estão apenas duas pessoas. Nesta cena, Sílvia observa fascinada uma das companheiras de turma que, lentamente, em câmera lenta, cobre os lábios com batom vermelho, e murmura quase que para si mesma: “_Que liiiiindo...” Diante da surpresa da outra, completa rapidamente “...o seu batom!” e é o que consegue dizer antes de, subitamente, beijar-lhe a boca.

Na cena seguinte, novamente na academia, o bom dia de Sílvia não encontra resposta. Nota-se uma atmosfera de animosidade e repulsa, de constrangimento. Ninguém lhe dirige a palavra e observamos Sílvia caminhar sozinha até a piscina.

Corte. Vemos na tela um avião que cruza o céu para, logo em seguida, distinguirmos Sílvia languidamente deitada ao sol. Maiô, óculos escuros, uma linda praia ao fundo. No horizonte, na iminência de uma nova amizade que surge, a figura de outra mulher que se oferece para ajudá-la a espalhar protetor solar pelo corpo.

Rompe-se ali a trajetória escrava de Sílvia. Adaptada, mas ressentida e reativa. Ávida pela aprovação dos outros e disposta a tornar-se uma personagem para sentir-se pertencente, incluída.

Vence aquele medo que lhe era anunciado da perda de “amigas e companheiras” – a solidão - caso não se encaixasse no modelo. Modelo de vida, de amor, de alegria, de forma de viver, de práticas do cotidiano.

Liberta-se da moral que serve de esteio e amálgama àquele “rebanho” e vai ao encontro de sua singularidade. Sílvia não foge da solidão, mas sim das amarras que a retinham presa na mesmice daquele cotidiano, presa a valores morais. Liberta-se e transforma-se em busca de uma vida criativa!

O homem criador é o homem livre, e só na plena realização de sua liberdade é ele criador, porque só há criação onde há liberdade. O exercício da liberdade torna o homem criador, embora não seja ela alcançável por todos, porque não basta dizer aos homens que são livres para que se tornem realmente livre e criadores. Se muitos nunca poderão exercer a liberdade, a culpa não é da liberdade [...] mas do homem que a teme. E quem teme a liberdade nunca é criador. E a primeira libertação do homem está em libertar-se de si mesmo, essa

luta imensa que travamos dentro de nós mesmos, contra todos os nossos demônios [...] que se manifestam nos preconceitos ferozes⁴³.

Partindo dessas reflexões, propomos a seguinte questão: que tipos de encontros nos provocam o viver de acordo com que os outros esperam de nós, mesmo acalentando a ideia de sermos aceitos e incluídos, negando o que somos?

Para uma possível resposta, remetemo-nos a Spinoza, à terceira parte da sua *Ética*⁴⁴, quando nos apresenta o conhecimento sobre os afetos:

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada [...] o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor.

Ao olharmos sob a perspectiva da afecção – que é o corpo sendo afetado, a relação que o corpo estabelece com o ambiente ao seu redor, uma forma de estar no mundo, não é difícil perceber que na sua rotina, Sílvia, apesar de seguir as prescrições e conselhos para o bom envelhecer, estava cercada por afetos de tristeza, que diminuía sua potência. Cerceava-se, continha-se, fingia ser outra.

No entanto, há um esforço para selecionar os bons encontros e, através deles, aumentar sua força de agir no mundo. Um conjunto de fatores faz com que o corpo procure manter-se e, principalmente, queira expandir-se, expandir sua força de agir no mundo.

Quando uma afecção aumenta nossa potência, temos um afeto de alegria ou um bom encontro. Por outro lado, quando uma afecção diminui a nossa potência, temos um afeto de tristeza e um mau encontro. Retomando a personagem Sílvia, percebemos as

⁴³ NIETZSCHE, F. O tema da moral. In *A genealogia da moral*. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, Vozes de Bolso, 2017. p. 17-18.

⁴⁴ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica Editôra, 2008. Definição 3 e Postulado 1. p. 163

afecções tristes em seus encontros até o momento do afeto da alegria, quando deixa de escravizar-se.

Viver é estar na imanência dos encontros, como se participássemos de um jogo de experimentação, entretanto a velhice relaciona-se com um longo aprendizado pelo qual “em função de um pressentimento de minhas relações constituintes, eu apreendo vagamente de início o que me convém.” Ou seja, neste nível, não temos nenhum conhecimento prévio, não temos nenhum conhecimento preexistente, não temos nenhum conhecimento científico. Isto difere da ciência. É uma “experimentação vivida”.⁴⁵

Há sempre nas tensões dos corpos possibilidades de criação e de fuga, mas é preciso livrar-se do medo que nos paralisa e estar atento aos poderes que nos pressionam externamente. Criar-se como sujeito e não assujeitar-se.

Sílvia, conforme Foucault aponta ao tratar da subjetivação, que “[...] consiste na invenção de novas possibilidades de vida”, [ou] como diz Nietzsche, “na constituição de verdadeiros estilos de vida [...]”⁴⁶, opta por re-inventar-se!

Um movimento contínuo e ancorado no documento *Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade*⁴⁷ faz uma aposta na geração que denominam de “Gerontolescentes”⁴⁸:

⁴⁵ NIQUETI, Ricardo. *Deleuze e velhice: uma política dos encontros*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, pela PUC São Paulo, em 2015. p.37. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3656>. Acesso em 10.mai.2016.

⁴⁶ DELEUZE, G. Rachar as coisas, rachar as palavras In *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34. 1992. p. 114. Disponível em <https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 20.ago.2017

⁴⁷ ILC-Brasil. Centro Internacional de Longevidade Brasil. *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1ª edição, Rio de Janeiro. 2015. Disponível em http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em 10.jul.2016. Documento produzido com objetivo de ampliar e atualizar o documento anterior de 2002, *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*, elaborado pela Organização Mundial da Saúde, mantendo, porém, as mesmas premissas e pretendendo ampliá-las.

⁴⁸ Termo criado, no ILC-Brasil, com objetivo de caracterizar o envelhecimento ativo. <http://cbn.globoradio.globo.com/programas/50-mais-cbn/2015/03/14/GERONTOLESCENTE-E-AQUELE-QUE-REINVENTA-O-ATO-DE-ENVELHECER.htm> e utilizado repetidamente por seus representantes.

É uma geração que se sente confortável em se fazer ouvir e **está reinventando a forma como se vive e se percebe a velhice. Envelhecer é cada vez mais visto como um processo individual** com múltiplas **oportunidades** de desenvolvimento pessoal e de **prolongamento da jovialidade**; por exemplo, **por meio do autocuidado e de produtos e serviços de tratamento estético**. Os gerontolescentes **estão à frente da tendência de “desaposentadoria”** que está mudando a forma como entendemos o trabalho e a aposentadoria⁴⁹ (Grifo nosso)

Segundo esse discurso, vale perguntar. Onde está a criação? Onde está a invenção de novas possibilidades de vida? Continuamos presos às algemas da aparência, da jovialidade. A juventude continua ditando os predicados, e ficamos presos ao mercado de trabalho, da produtividade. A desaposentadoria dita o modo como todos deverão continuar a contribuir para a produção e, ao mesmo tempo, endividar-se, no consumo de produtos.

Estabelecida na sociedade de controle, preconizada por Deleuze, e para tornar mais ampla a disseminação dessa nova fórmula, constituiu-se um grupo denominado *Pass it On Network*⁵⁰ que funciona, basicamente, como um fórum de intercâmbio para facilitar que idosos pró-ativos contribuam de forma criativa para melhorar a própria vida, assim como a de outros idosos e da comunidade em geral.⁵¹ Um excelente trabalho de *marketing* para disseminar, para um seletivo grupo, as fórmulas para uma “boa ou bela” velhice.

Percebe-se que as fórmulas, agora, são repassadas com novas roupagens: os tratamentos estéticos, a desaposentadoria como forma e intenção de dar-se continuidade a um modo de vida produtivo de trabalho e de jovialidade e, certamente, de consumo.

Queremos aqui salientar que o consumo em si não é um mal, mas pode tornar-se perverso se tivermos nossa subjetividade atrelada e escravizada a ele, o consumo como parte fundamental de nossa subjetivação.

⁴⁹ ILC-Brasil. Op. cit. p. 37

⁵⁰ <http://passitonnetwork.org/>

⁵¹ ILC-Brasil. Op. cit. p. 40.

Apontamos também para o fato de que, paradoxalmente, documentos que pretendem e propõem uma positivação da velhice tomem por referência, justamente, a juventude (jovialidade, tratamentos estéticos) como modelo de vida e como predicados únicos.

Trata-se, mais uma vez, de culpar e responsabilizar o velho pelo seu descuido em ser velho. Trata-se de uma intenção de esvaziá-lo de possíveis resistências.

Discordando radicalmente desse discurso, nos remetemos a Sêneca, citado por Foucault:

O idoso é, portanto, aquele que se apraz consigo, e a velhice, quando bem preparada por uma longa prática de si, é o ponto em que o eu, como diz Sêneca, finalmente atingiu a si mesmo, reencontrou-se, e em que se tem para consigo uma relação acabada e completa, de domínio e de satisfação ao mesmo tempo.⁵²

No âmbito do envelhecimento ativo, ao invés de modos potentes de agir, a velhice é vista e colocada como espaço para efetivação do empreendedorismo de si. Da mesma forma que o acesso à informação é apresentado como uma *commodity*⁵³, como determinante na sociedade globalizada a favorecer a empregabilidade, é possível perceber que o que está em jogo neste momento não é mais a repressão e/ou a disciplina e sim a criação de formas de racionalidade que funcionem tal como uma economia, onde a mercadoria, a produtividade e o empreendedorismo ditam os modelos.

No entanto, a fuga da domesticação, ou seja, a recusa a modelos implícitos e/ou explícitos é o que torna possível nos inventarmos a nós mesmos. Cremos que:

⁵² Sêneca *apud* Foucault IN FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fonte, 2004. p. 135.

⁵³ Aqui apontamos uma característica dessas práticas discursivas, o empréstimo de termos de áreas diferentes e que, entendemos, reflete na percepção de quais são os sistemas de dominação. Neste caso *commodity* refere-se a produtos primários e/ou produzidos em massa – de baixo valor agregado – destinado ao comércio externo.

Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos [...] É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo.⁵⁴

Hermeto

Compositor, arranjador e multi-instrumentista Hermeto Pascoal⁵⁵ diz, docemente, que “nasceu música”. Atento à sua intuição, ao perceber-se no mundo, conta como aprendeu desde “quando fui criado na minha terra [...] [e] não tinha nada de relógio, não tinha luz elétrica [...] não é para ser rígido nas coisas, não é isso não.” que a vida precisa ser vivida, sem prescrições, apenas o viver e Hermeto vive na música.

Ao relatar uma honraria que recebeu de uma universidade de música nos Estados Unidos, lamenta “[que] a universidade se deixou levar muito pela mesmice [...] ensina 50 pessoas a fazer a mesma coisa.” preocupada com a teoria e deixando de lado a arte.

Reafirma sua preocupação com o “comercialismo” da arte ao lembrar como um grande músico, Tom Jobim, teria sido “educado pelos produtores”, ou o mercado, para tirar certa alegria da música, por exemplo, ao excluir a sanfona de suas produções musicais. Hermeto afirma-se ao autodenominar-se “teimoso” e “não educado”, manifesta sua intenção de habitar o mundo de forma poética.

Hermeto declara que só conhece outro músico albino, Sivuca. Reafirma-se no cuidado de si ao recordar que “Quiseram criar uma coisa meio preconceituosa, como se o albino tivesse sofrimento só porque é albino.” e acrescenta: “Eu me amo. Eu me amo, eu me amo, não adianta me falarem nada [...] Para ser feliz e para sofrer não tem cor. Meu

⁵⁴ DELEUZE, G. Controle e devir In *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editôra 34. 1992. p. 218. Disponível em <https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 20.ago.2017

⁵⁵ Entrevista concedida à Profª Drª Áurea Barroso. Em forma condensada disponível em <http://www.portaldoenvelhecimento.com.br/hermeto-pascoal-eu-nasci-musica/>. Acesso em 30.out.2017

corpo ser assim para mim é uma dádiva também.”.⁵⁶ Aos 81 anos, declara que pode olhar para o mundo como um menino.

Para Nietzsche, a criança representa o espírito livre, a afirmação da vida. De que outra forma pode-se “ser música”? “A criança é inocência e esquecimento, um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado Sim.”⁵⁷

Pepe Mujica

José Mujica ou Pepe Mujica desconsidera o título de “presidente mais pobre do mundo” para qualificar-se como sóbrio e não pobre. Para Mujica, a “sobriedade é um luxo para poder ser livre”.

Na trajetória de Mujica consta que fez parte, na década de 1970, do grupo guerrilheiro Tupamaro. Nas décadas de 1990 e início dos anos 2000, foi deputado e senador, presidente do Uruguai entre 2010 e 2015, e hoje, ocupa novamente uma cadeira no senado.

José Alberto Mujica Cordano, aos 82 anos angaria admiradores pela sua maneira de ser. Ser livre, ao viver de acordo com seu discurso. Para Spinoza⁵⁸, pelo desejo que surge da razão, buscamos diretamente o bem e evitamos indiretamente o mal.

Ao propor o que diferencia o homem que se conduz pelo afeto ou pela opinião daquele se conduz pela razão, Spinoza aponta o homem livre como aquele que se conduz pela razão e busca diretamente o bem, não obedecendo a ninguém mais que a si próprio.⁵⁹

⁵⁶ Hermeto Pascoal: A MPB "precisa voltar a jogar bola". Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/revista/959/hermeto-pascoal-a-mpb-precisa-voltar-a-jogar-bola>. Acesso em 30.out.2017.

⁵⁷ NIETZSCHE, F. Das três transformações In *Assim falou Zaratustra*. Trad. Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo, Martin Claret, 2014. p. 39

⁵⁸ SPINOZA, B. *Ética*. p. 339 – Corolário da Pro. 63 – Ética IV. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica Editôra, 2008.

⁵⁹ *Ibidem* p. 343.

“Sou austero, sóbrio, carrego poucas coisas comigo, porque para viver não preciso muito mais do que tenho. Luto pela liberdade e liberdade é ter tempo para fazer o que se gosta”. Para Mujica, sua vida austera tem o objetivo de mantê-lo livre. “Eu não sou pobre. Pobres são aqueles que precisam de muito para viver, esses são os verdadeiros pobres, eu tenho o suficiente”.

Mujica⁶⁰ afirma que sua opção de vida foi gestada durante os anos de prisão e que aprendeu a valorizar as coisas de forma diferente. Ao ser questionado se ainda tentaria acumular riqueza, pontua: “Depois terei de gastar tempo para cuidar do dinheiro e muito mais tempo da minha vida para ver se estou perdendo ou ganhando. Não, isso não é vida”.

Pepe apresenta sua escolha ética. Ética no sentido não de uma conduta moral imposta e universal, mas na relação consigo, tal escolha exige uma escolha livre. Pautar-se por um pensamento ético supõe desprender-se do dever e da obediência. A ética é o que somos ou não capazes de fazer e não de dever.

Mujica não apresenta conformismo ou tampouco ressentimento, sua escolha é da afirmação à vida. E é justamente no consumo que Mujica⁶¹ concebe o jogo onde se perde a liberdade e gasta-se a vida:

Inventamos uma montanha de consumo supérfluo, e é preciso jogar fora e viver comprando e jogando fora. E o que estamos gastando é tempo de vida. Porque quando eu compro algo, ou você, não compramos com dinheiro, compramos com o tempo de vida que tivemos de gastar para ter esse dinheiro. Mas com esta diferença: a única coisa que não se pode comprar é a vida. A vida se gasta. E é miserável gastar a vida para perder liberdade

⁶⁰ Pepe Mujica: pobre é quem precisa de muito para viver. Disponível em <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/05/pepe-mujica-presidente-mais-pobre-do-mundo.html>. Acesso em 06.dez.2017.

⁶¹ “Os ‘47 Segundos de Sabedoria’ de José Mujica sobre o preço das coisas”. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/17/internacional/1442483934_276253.html. Acesso em 06.dez.2017.

Mujica despoja-se do modelo bem-sucedido de político, de empresário, de homem virtuoso. Seu percurso é singular, resiste não numa oposição ao poder, mas no exercício de sua liberdade e na relação consigo mesmo.

Enquanto Deleuze⁶² ressalta que o que há de terrível na velhice é a miséria e não a velhice em si, Foucault⁶³ propõe que a arte de viver exige o banimento de todas as formas de fascismo, desde as gigantescas, aquelas que nos esmagam, nos aniquilam e nos destroem, até aquela “que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora”.

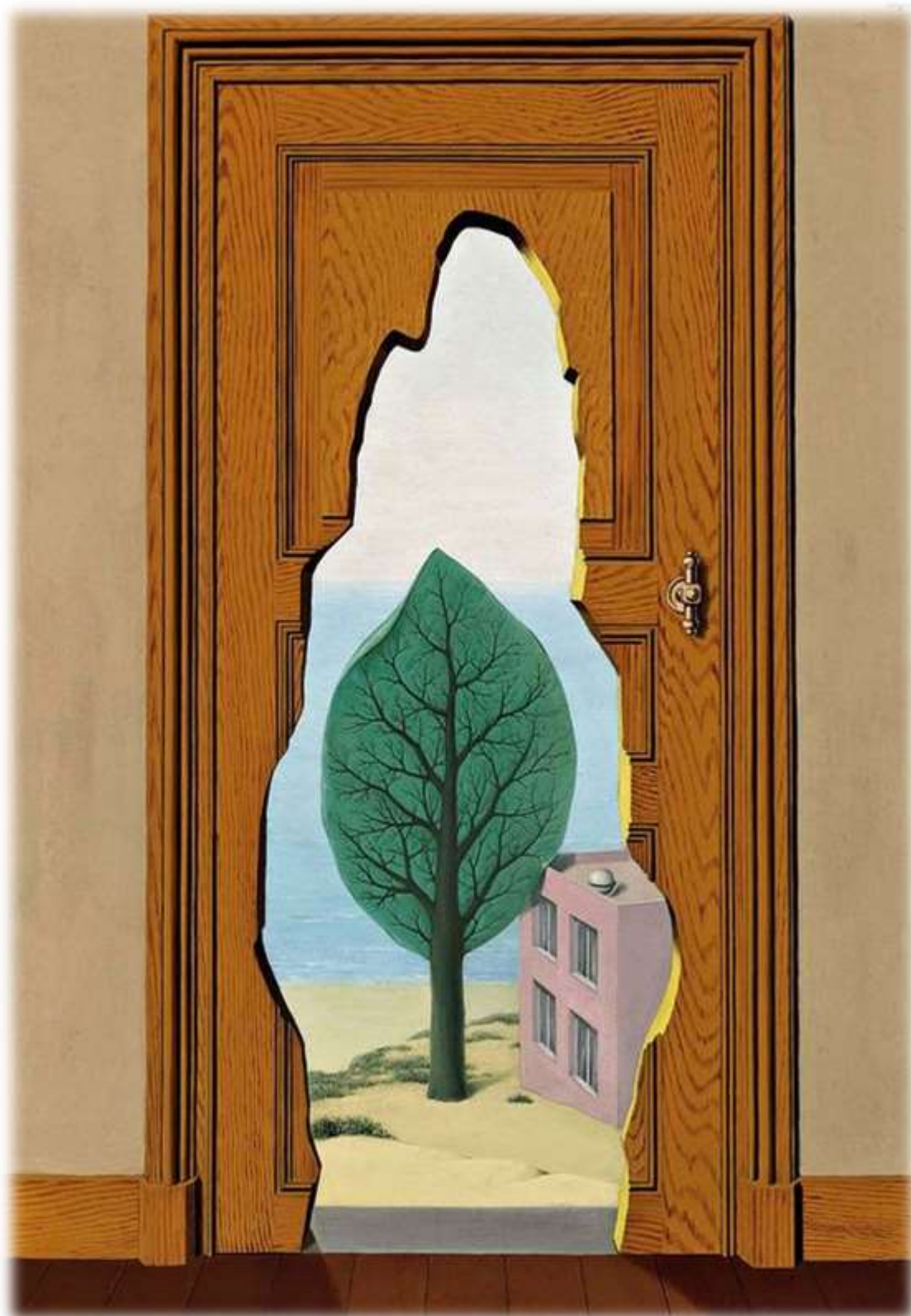
De alguma forma, com a apresentação destas personagens e seus atos de resistência, queremos provocar a reflexão sobre o que está posto nos dispositivos que cercam a velhice e nas subjetividades criadas. Pensar que há sim outras formas possíveis de existir, pois, ainda que a existência esteja submetida a ordenamentos, controles, disciplinas não é dominada completamente, há sempre frestas por onde escapar.

Além disso, somente a reflexão sobre nosso cotidiano e o que nos cerca pode nos permitir olhar, sob outra perspectiva, o que está posto e nos auxiliar a evitar o que nos leva a valorizar, justamente, aquilo pelo qual somos dominados e explorados.

Fica a consideração: como podemos, cotidianamente, resistir e produzir exercícios de liberdade?

⁶² DELEUZE, Gilles. *Abecedário* de Gilles Deleuze. Transcrição integral do vídeo de entrevista concedida a Claire Parnet. Disponível em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso em 19.dez.2015.

⁶³ FOUCAULT, M. *O anti-édipo: uma introdução à vida não fascista*. (Prefácio à edição americana). Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro. Disponível em <http://letraefilosofia.com.br/wp-content/uploads/2015/03/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf>. Acesso em 10.dez.2017.



1

¹ La perspective amoureuse. René Magritte. 1935

Considerações

Michel Foucault, ao responder sobre o papel do intelectual¹, aponta que de maneira alguma cabe dizer “eis o que devem fazer” e, continua, “Cabe àqueles que se batem e debatem encontrar, eles mesmos, o projeto, as táticas, os alvos de que necessitam. O que o intelectual pode fazer é fornecer os instrumentos de análise”. Assim posso resumir a proposta destas reflexões, que não estão concluídas ou postas como determinantes.

São reflexões, um recorte de minhas leituras a partir de certa opção teórica e metodológica. Outras muitas são possíveis.

O que consideramos fulcral é a percepção de como os dispositivos de poder colonizam nosso modo de ver, falar e agir sem nos darmos conta, e de como a liberdade, no sentido de responsabilizar-se por si, da gestão de si mesmo, pode ser inventada em pequenos atos de resistência, que nos permitem escapar da programação e ir ao encontro de um modo singular de produzir nossa existência como existência ética.

¹ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, p. 151. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 22ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 2006.

Quadrinhos
Bibliografias
Sítios
Palavras-chave
Citações
Rodapé
Resistências
Saúde
Medo
Revistas
Longa-metragem
Dissertações
Referenciais
Entrevistas
Romances
Diretas
Jornais
Depoimentos
Internet
Filmes
Impressos
Teses
Contos
Metragem
Ativo
Documentário
Fundamentando
Páginas
Livros
Documentário
Notas
sites
Documentos
Textos
Curta-metragem
Curta
Tirinhas
Explicativas
FILMOGRAFIA
Indiretas

Referências bibliográficas e filmicas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALCÂNTARA, A. et al. (orgs.) *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro, IPEA, 2016.

ALVES JR., Edmundo de D. *A Pastoral do Envelhecimento Ativo*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. Disponível em <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/pastoral.pdf>. Acesso em 01.out.2017

ATTIAS-DONFUT, Claudine. “Seminário de Estudos sobre a Terceira Idade” In *Cadernos da Terceira Idade*. Sesc São Paulo, nº 3-a, Março 1979.

AZEVEDO, C. Dias. *O velho no ciberespaço: sociabilização nos blogs de cidadãos acima de 60 anos*. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12571/1/Celina%20Dias%20Azevedo.pdf>.

AZEVEDO, C. Dias e SOUZA, Ioná. D. “Os públicos experientes que habitam o Sesc em São Paulo” . *Revista Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc São Paulo. v.27, nº 65, set.2016. p. 52-69. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/650_IDADES. Acesso em 05.jul.2017.

BARROS, Manoel de. *Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada*. Disponível em <http://blogdocarlossantos.com.br/retrato-quase-apagado-em-que-se-pode-ver-perfeitamente-nada/>. Acesso em 01.out.2017

BARROSO, Áurea E. S. *Entrevista com Hermeto Pascoal*. Disponível em <http://www.portaldoenvelhecimento.com.br/hermeto-pascoal-eu-nasci-musica/>. Acesso em 30.out.2017.

BRASIL. Leis e Decretos. Presidência da República. *Estatuto do Idoso*. Lei 10741. 1º out. 2003. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Acesso em 10.dez.2016.

BRASIL. Leis e Decretos. Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República. *Decreto Nº 8.114*, de 30 de setembro de 2013.. Disponível em Disponível em <http://www.sdh.gov.br/noticias/2013/dezembro/comissao-interministerial-do-compromisso-nacional-para-o-envelhecimento-ativo-se-reune>. Acesso em 30.set.2017

BRITTO DA MOTTA, A. Envelhecimento e sentimento do corpo. Disponível em <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-04.pdf>. Acesso em 01.maio.2017

CÂNDIDO, Antônio. *O portador*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cniet/n32/n32a02.pdf>. Acesso em 05.set.2017

CARTA CAPITAL. Conceição Evaristo: nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>. Acesso em 01.ago.2017.

CENTRO Internacional de Longevidade Brasil ILC-Brasil.. *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*. Centro Internacional de Longevidade Brasil. 1ª edição, Rio de Janeiro. 2015. Disponível em http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em 10.jul.2016.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer e A amizade*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, L&PM, 2006.

CÔRTE, Beltrina et al. *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo, Vetor. 2006.

COSTA, Sylvio de Souza Gadelha. Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo In *Educação & Realidade*, v.34, n. 2, p. 171-186, mai/ago,2009. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/8299/5537>. Acesso em 01.out.2017.

DATAFOLHA. *Pesquisa Ao seu tempo*. Série iniciada em novembro/2017. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938235-para-mais-de-90-existe-preconceito-contr-a-os-idosos-no-brasil.shtml>. Acesso em 27.nov.2017.

DEBERT, Guita G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas públicas. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm. Acesso em 10.nov.2016.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Muñoz. 3ª ed., São Paulo, Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Transcrição integral do vídeo de entrevista concedida a Claire Parnet. Disponível em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso em 19.dez.2015

_____. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editôra 34. 1992. Disponível em <https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 20.ago.2017.

_____. *Cours vincennes* 24/01/1978. Tradução por Francisco Traverso Fuchs. Disponível em <https://www.webdeleuze.com/textes/194>. Acesso em 10.jan.2018.

_____. *Espinoza: uma filosofia prática*. São Paulo, Escuta. 2002. Disponível em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-g-espinosa-filosofia-pratica.pdf>. Acesso em 28.ago.2017

DOLL, Johannes. “Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas” In *Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. Sesc São Paulo, v.19, nº 43, p. 7-23, out.2008. Disponível em http://www.sescsp.org.br/online/artigo/8760_EDUCACAO+E+ENVELHECIMENTO+FUNDAMENTOS+E+PERSPECTIVAS#/tagcloud=lista. Acesso em 25.out.2016

ENTREVISTA - ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL I. Dr, Dráuzio Varela entrevista Wilson Jacob Filho, médico e diretor do Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, em 26/08/2015. Disponível em <https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/envelhecimento-saudavel-i/>. Acesso em 15.out.2016

ENVELHESCÊNCIA (Brasil, 2015) Direção de Gabriel Martinez. 84 min. 2015. Documentário.

FESTA de despedida (Mita Tova - Alemanha/Israel, 2015). Direção de Sharon Maymon e Tal Granit. Com Ze'ev Revach, Levana Finkelstein, Aliza Rosen. 93 min.

FERNANDES, Renata e PARK, Margareth. “Um papo sobre educação não formal” In Eonline. Disponível em http://www.sescsp.org.br/online/artigo/9677_UM+PAPO+SOBRE+EDUCACAO+NA+O+FORMAL#/tagcloud=lista. Acesso em 25.out.2016.

FESTA de despedida (Mita Tova - Alemanha/Israel, 2015). Direção de Sharon Maymon e Tal Granit. Com Ze'ev Revach, Levana Finkelstein, Aliza Rosen. 93 min.

FOUCAULT, Michel. *O anti-édipo: uma introdução à vida não fascista*. (Prefácio à edição americana). Tradução Fernando José Fagundes Ribeiro. Disponível em

<http://letraefilosofia.com.br/wp-content/uploads/2015/03/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf>. Acesso em 10.dez.2017.

_____. *Em defesa da sociedade*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2005. Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-em-defesa-da-sociedade.pdf>. Acesso em 20.nov.2017.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fonte, 2004.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 7ª ed., Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. 3ª ed., Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 22ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 2006.

_____. *Nascimento da biopolítica*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008. Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-nascimento-da-biopolc3adtica.pdf>. 02.jan.2018.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga. 24. Ed., São Paulo, Loyola, 2014.

_____. *Segurança, Território, População*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins fontes, 2008. p. 3. Disponível em <https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-seguranca-territorio-populacao-curso-no-college-de-france.pdf>. Acesso em 20.set.2017

FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. Disponível em <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/08/freire-marcelino-contos-negreiros.pdf>. Acesso em 10.out.2015

_____. *Estou ficando velho*. Disponível em <https://marcelinofreire.wordpress.com/2013/06/10/estou-ficando-velho/>. Acesso em 20.nov.2017.

GADOTTI, Moacir. *Educação popular e educação ao longo da vida*. Disponível em https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_EL_V_Gadotti.pdf. Acesso em 27.dez.2017.

GALEANO, Eduardo. *Janela sobre o corpo*. Disponível em <http://www.poesianaalma.com.br/2017/03/janela-sobre-o-corpo-de-eduardo-galeano.html>. Acesso em 05.nov.2017

GETI – Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. “O que pode um encontro: o programa Trabalho Social com Idosos do Sesc1 e a sociabilização como elemento transformador nas ações voltadas para a pessoa idosa.” In Revista *A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. Sesc, São Paulo, v.24, n. 68, p.6-22, nov.2013.

A GRANDE beleza (La grande bellezza – Itália/França, 2013). Direção de Paolo Sorrentino. Com Toni Servillo, Carlo Verdone, Sabrina Ferilli. 142 min.

HAARHOFF, Heike. A "exportação" de avôs e avós” In Dossiê Envelhecimento - *Le Monde Diplomatique*. Disponível em <http://diplomatie.org.br/a-exportacao-de-avos-e-avos/>. Acesso em 10.nov.2016.

ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. Tradução de José Kosinski de Cavalcanti. 3ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. Disponível em <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3205.pdf>. Acesso em 15.nov.2017

_____. *Sociedade sem escolas*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7ª ed., Petrópolis, Vozes, 1985. Disponível em http://www.bunkerdacultura.com.br/books/ivan_illich_sociedade_sem_escolas.pdf. Acesso em 02.jan.2018.

KUSUNO, T. e OGAWA, F. *A idéia do físico-corpóreo em transformação*. Disponível em <http://emiliesugai.com.br/a-ideia-do-fisico-corporeo-em-transformacao/>. Acesso em 12.set.2017

LEMOS, F. et all. Governamentalidades neoliberais e dispositivos de segurança p. 331 In *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n.2, p.331-339, 2015. Disponível em <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3881/2508>. Acesso em 05.jan.2018.

LOPES, Ewellyne S. de L. e PACK, Margareth B. “Representação social de crianças acerca do velho e do Envelhecimento” In *Estudos de Psicologia* 2007, vol. 12, nº 2, 141-148. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2007000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 20.dez.2015

MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. s.l.p., Editôra Objectiva. 2010. Disponível em [http://ler-agora.jegueajato.com/Valter%20Hugo%20Mae/a%20maquina%20de%20fazer%20espanhois%20\(2110\)/a%20maquina%20de%20fazer%20espanhois%20-%20valter%20hugo%20mae?chave=1677cfea7cb1b4e721f78316a481fd9c](http://ler-agora.jegueajato.com/Valter%20Hugo%20Mae/a%20maquina%20de%20fazer%20espanhois%20(2110)/a%20maquina%20de%20fazer%20espanhois%20-%20valter%20hugo%20mae?chave=1677cfea7cb1b4e721f78316a481fd9c). Acesso em 10.jul.2017.

MONTEIRO, Yara N. e CARNEIRO, M. L. Tucci. (orgs). *As doenças e os medos sociais*. São Paulo, Fap-UNIFESP, 2012.

MÜLLER, Adalberto (org.). *Encontros: Manoel de Barros*. Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo, Martin Claret, 2014.

_____. *Gaia ciência*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo, Escala.
Disponível em <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/Nietzsche-Friedrich-A-gaia-ciencia.pdf>. Acesso em 3.jun.2017.

_____. *Gaia ciência*. Tradução e notas Inês A. Lohbauer. São Paulo, Martin Claret, 2016. (Coleção edição especial)

_____. *A genealogia da moral*. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, Vozes. 2017.

_____. *Humano, demasiado humano*: um livro para espíritos livres. Tradução Paulo César dos Santos. Cia de Bolso. Prólogo, p. 6. Disponível em <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/Humano-Demasiado-Humano.pdf>. Acesso em 19.jul.2017.

NIQUETI, Ricardo. *Deleuze e velhice*: uma política dos encontros. Tese de doutorado em Ciências Sociais, pela PUC São Paulo, em 2015. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3656>. Acesso em 10.mai.2016.

OLIVEIRA, Salete. “Política e resiliência – apaziguamentos distendidos” p. 106 *In ecopolítica*, nº 4, p. 105-129, 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568>. Acesso em 15.out.2017.

A ONU e as pessoas idosas. Disponível em <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>. Acesso em 20.ago.2017

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde - OMS. *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*: resumo. 2015. Disponível em <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em 22.jun.2017

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas - ONU. *Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento*. Traduzido por Sergio Antonio Carlos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em <http://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>. Acesso em 02.ago.2017

_____. *Plano Internacional sobre o envelhecimento de Madrid*. Tradução de Arlene Santos, revisão de português de Alkmin Cunha; revisão técnica de Jurilza M.B. de Mendonça e Vitória Gois. Brasília, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. 86p. Disponível em http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf. Acesso em 10.jun.2016.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana de Saúde - OPAS. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf a partir do texto original de 2002, *Active ageing policy framework*. World Health Organization-WHO, disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf

OS BELOS DIAS (Les Beaux Jours – França, 2013). Direção de Marion Vernoux. Com Fanny Ardant e Laurent Lafitte. 94 min. Imovision.

PRADO, S. D. e SAYD, J. D. “A gerontologia como campo do conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político” In *Ciência & Saúde Coletiva*, v.11, n.2, p. 491-501, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/csc/v11n2/30436.pdf>. Acesso em 30.set.2017.

PERES, Marcos A. C. *A andragogia no limiar da relação entre velhice, trabalho e educação*. Revista Contrapontos – v. 6, n. 1, p. 65-77 - Itajaí, jan/abr 2006. Disponível em <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/850/702>. Acesso em 20.dez.2016.

- RAMOS, Anne Carolina. O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. In *Educação & Realidade* 2009, v.34, n. 2, p.239-260. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9354> Acesso em 20.dez.2016
- REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos, Claraluz, 2005. Disponível em <http://www.uesb.br/eventos/pensarcomveyne/arquivos/REVEL-Conceptos-essenciais.pdf>. Acesso em 10.mai.2016.
- REVISTA Carta Capital. “Conceição Evaristo: nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>. Acesso em 1.go.2017.
- REVISTA Cult. *Encontro com Manoel de Barros*. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/encontro-com-manoel-de-barros-em-meio-a-los-escombros-del-futuro/>. Acesso em 28.mai.2017.
- REVISTA Mais 60: estudos sobre envelhecimento. “Dorothy Lenner”. São Paulo, Sesc São Paulo, v.27, n. 66, p.114-123. Dez. 2016. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/10794_DOROTHY+LENNER+84+ANOS+BA+ILARINA+E+ATRIZ. Acesso em 23.mar.2017.
- REVISTA Mais 60: estudos sobre envelhecimento. “Shoko Suzuki”. São Paulo, Sesc São Paulo, v.28, n. 67, p.84-91. Mai. 2017. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4_MAIS+60. Acesso em 10.ago.2017
- REVISTA Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento. “Berta Lange”. São Paulo, Sesc São Paulo, v.24 n. 56, p.74-87. Mar. 2013. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6585_ENTREVISTA+BERTA+LANGE+DE+MORRETES. Acesso em 12.jun.2017.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 12º ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1978.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.

SALGADO, Marcelo A.. *Velhice, uma nova questão social*. 2. ed. São Paulo: SESC/GETI, 1982.

SÊNECA. “Da qualidade da vida comparada com sua duração” In *Aprendendo a viver*. Tradução de Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre, RS, L&PM, 2008.

SESC São Paulo, Sesc Departamento Nacional e Fundação Perseu Abramo. *Pesquisa Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. 2006. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102_PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+VIVENCIAS+DESAFIOS+E+EXPECTATIVAS+NA+3+IDADE. Acesso em 10.jan.2017

SHORES, Nicholas. e CURY, Téo. ‘Preparar-se para envelhecer não é fazer mais ginástica’, diz especialista canadense. Disponível em <http://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/preparar-se-para-envelhecer-nao-e-fazer-mais-ginastica-diz-especialista-canadense>. Acesso em 20.nov.2017

SIBILIA, Paula. *O homem pó-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

SILVA, Luna R. Freitas. “Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento” In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>. Acesso em jan.2017.

SILVEIRA, Nadia R. Dumara. “Educação, envelhecimento e cidadania” In São Paulo (estado). Futuridade. *A pessoa Idosa: educação e cidadania*. Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social, Fundação Padre Anchieta, 2009. Disponível em http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volume7_Educacao_e_cidadania.pdf. Acesso em 29.dez.2017.

SILVEIRA, N.D.R., LODOVICI, F.M.M. e BITELLI, F.S.P.G. Atividades educacionais participativas e seus efeitos benéficos na vida, pessoal e social, de pessoas idosas — caso da Faculdade da Idade da Razão (FIR/FIG/UNIMESP) In *Revista Kairós Gerontologia*, v.16, n.5, pp. 325-343, set. 2013. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/18683/13881>. Acesso em 29.dez.2017.

SOCIEDADE Brasileira de Geriatria e Gerontologia. SBGG. Estatuto. Disponível em http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Estatuto_SBGG_2015-1.pdf. Acesso em 03.out.2017

SPINOZA, B. *Ética*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica Editôra, 2008.

_____. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução e notas Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Olive. 1ª ed., Belo Horizonte, Autêntica. 2014. 175p.

TAAM, Regina e STIELTJES, Cláudio. Esperança de vida e educação permanente na terceira idade In *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences* Maringá, v. 34, n. 1, p. 19-26, Jan.-June, 2012. Disponível em <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/16191/pdf>. Acesso em 29.dez.2017.

TÓTORA, Silvana. “Apontamentos para uma ética do envelhecimento” In *Revista Kairós*, São Paulo, vol.11, nº 1, jun.2008, pp.21-38

_____. “Envelhecimento ativo: proveniências e modulações da subjetividade”. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 20, n. 1, 2016. São Paulo, FACHS/NEPE/PEPGG PUCSP. pp. 239-258. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/33496>. Acesso em 25.ago.2017.

_____. “Ética da vida e do envelhecimento” In CÔRTE, B., MERCADANTE, E., ARCURI, I. (orgs). *O envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. Vol. II. São Paulo, Vetor, 2006.

_____. *Velhice uma estética da existência*. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2015.

TRÊS VEZES POR SEMANA. (Brasil, 2011). Direção de Cris Reque. Porto Alegre. 15 min. Curta-metragem. (Exibido no Festival Mix Brasil 2013. Tema: Diversidade)

VILLAS BÔAS, Maria Helena. “Medo de envelhecer ou de parecer?” In revista *Kairós*, São Paulo, v. 10, n. 2, dez. 2007, pp. 19-44. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2588/1642>. Acesso em 10.abr.2015.

VILLALOBOS, Juan Pablo. *Te vendo um cachorro*. 1ª ed., São Paulo, Cia das Letras, 2015.